

Uma Mulher, Um Enigma

(Sophisticated Lady)

Candace Schuler

MIE 145.1



No elegante quarto de hotel em Paris, Edward ficou alucinado de excitação ao sentir as mãos delicadas de Maureen acariciarem seu corpo nu. Para retribuir o prazer que esta recebendo, ele a enlouquece com beijos atrevidos, íntimos, antes de possuí-la...

Só mais tarde, já saciado de amor, Edward faz a Maureen a pergunta que o tortura:

"Quem é você, afinal? uma top-model de verdade ou apenas uma ladra disfarçada?"

Doação: Adriana

Digitalização: Simone R.

Revisão: Alice Akeru





Copyright © 1989 by Candace Schuler

Originalmente publicado em 1989 pela Silhouette Books,

Divisão da Harlequin Enterprise Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Sophisticated Lady

Tradução: Lena Bastos

Copyright para a língua portuguesa: 1993

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901

São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 9442

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Telefone: (011) 851-3111

Cartas para: "Central de Atendimento"

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346, 4º andar

CEP 01410-901 — São Paulo

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

Só mesmo os arrepios de antecipação que lhe percorriam o corpo, além da variedade de pratos exóticos sobre a mesa, faziam com que a festa não se transformasse em mais uma chateação na vida de Maureen Spencer. A mesa fora toda decorada em verde-esmeralda e prata, para combinar com a embalagem da nova linha de cosméticos *Sofisticação* das Indústrias Gavino, e estava cheia de patês de aparência deliciosa, biscoitinhos importados, diversos tipos de canapés e uma enorme tigela de cristal cheia de caviar. Maureen sentia água na boca só de ver toda aquela comida.

Olhou ao redor, imaginando se conseguiria pegar mais um canapé sem que ninguém notasse. Os outros convidados estavam espalhados pelo salão, conversando e fazendo de conta que não observavam a porta fechada que levava à sala de conferências. Mais pareciam convidados de um casamento, esperando que a noiva aparecesse.

Nesse caso, entretanto, era o noivo quem estava atrasado. Talvez "noivo" não fosse a palavra correta, pois na realidade Edward Gavino era o "pai" da nova linha *Sofisticação*. Será que isso transformava Maureen em "filha" de Edward, também?

Ela vira seu novo chefe apenas uma vez, à distância, e não conseguia lembrar-se direito do rosto dele. Isso acontecera no dia mais importante de sua carreira, quando estava nervosa demais para prestar atenção no que quer que fosse. Recordava-se somente de uma figura alta e morena e do som inesperado de uma risada vibrante.

Será que Edward Gavino ia demorar muito para aparecer?

Suspirando, impaciente, Maureen passou a mão pelo cabelo loiro, preso em um coque na nuca. Em seguida pegou um canapé de creme de abacate e camarão, ao mesmo tempo em que cochichava para o irmão de criação, Robbie Lowell:

— Não aguento mais essa chateação. Mas, pelo menos, a comida é boa.

— Essas festas são sempre aborrecidas — respondeu o rapaz, impedindo-a de servir-se de outro canapé. — Vá com calma, você já pegou seis desses. Ninguém mais começou a comer, ainda.

— Robbie, isso tudo foi feito para ser comido, não para ser contemplado. E eu estou morrendo de fome.

— Grande novidade!

Ela lhe deu uma discreta cotovelada nas costelas. Quando Robbie virou-se para

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
responder à provocação, porém, a porta do outro lado do salão se abriu.

— Acho que a festa vai começar — murmurou Maureen, sentindo novos arrepios percorrerem-lhe o corpo.

— Já era tempo do sujeito aparecer — comentou Robbie, em tom ácido.

— Não seja implicante. Provavelmente o sr. Gavino estava dando algum telefonema importantíssimo. Tenho certeza de que ele não deixou todas essas pessoas esperando de propósito.

Ao terminar de falar, Maureen deixou que seus grandes olhos cinzentos fossem atraídos pela figura máscula que entrara no salão. Edward Gavino estava parado, com a mão na maçaneta da porta, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, esperando por alguém que ainda se encontrava no escritório.

Embora nebulosas, as lembranças de Maureen eram corretas. Edward era alto, e sua pele morena tinha um tom dourado que certamente não fora adquirido ao sol, e sim herdado de seus ancestrais italianos. Seu perfil, perfeitamente esculpido, mostrava nariz reto, lábios sensuais e queixo forte, quadrado. Era um italiano clássico, sem dúvida. Seu porte era o de um verdadeiro César.

O terno cinza-chumbo, contrastando com a brancura da camisa engomada, realçava-lhe o físico atlético e a elegância natural.

Edward Gavino era um homem que inspirava admiração. Irradiava autoridade e força sem precisar dizer sequer uma palavra. Teria sido dele mesmo a risada que Maureen ouvira? Sentiu-se tentada a descobrir.

— O sr. Gavino é educado demais para deixar toda essa gente esperando à toa — ela explicou para Robbie, puxando-o em direção ao outro lado da sala. — É um homem sofisticado demais, é... — Agitou a mão no ar, à procura da palavra exata. — É um perfeito cavalheiro, e cavalheiros não fazem grosserias — concluiu, por fim.

— Tolice!

— Robbie, você está cada vez mais parecido com minha mãe, sabia? — comentou Maureen, com certa exasperação.

Percebendo que chegava sua vez de cumprimentar Edward Gavino, ela abriu um sorriso maravilhoso e estendeu-lhe a mão de unhas longas e bem-tratadas.

— Srta. Spencer — murmurou ele, tomando-lhe a mão e beijando-a delicadamente.

Ela era tão bonita quanto Edward se lembrava. Não, corrigiu-se ele; era ainda *mais* bonita do que se lembrava.

A pele parecia translúcida, como se uma espécie de luz tivesse sido aprisionada sob a superfície macia. A estrutura do rosto era simplesmente perfeita: a testa alta, o nariz

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
pequeno, a linha do maxilar bem marcada, o queixo firme. As sobrancelhas arqueavam-se sobre enormes olhos cinzas. Uma verdadeira beleza, sem dúvida.

— Seja bem-vinda às Indústrias Gavino — disse Edward, sorrindo enquanto falava.

Encarou-a de forma direta, e altamente sensual.

Talvez um pouco sensual demais para um homem de negócios, despertando em Maureen pensamentos sobre noites estreladas e lençóis de cetim amassados. Ela estava hipnotizada. Sabia que Edward Gavino ficaria ainda mais irresistível se sorrisse. Com os olhos escuros e aquela boca... Oh, que boca! Masculina, sensual, excitante. Sem precisar fazer grandes esforços de imaginação, Maureen podia quase ver aqueles lábios bem delineados aproximando-se dos seus para um beijo ardente.

— Srta. Spencer — chamou-a Edward, preocupado, perguntando-se o que estaria acontecendo com ela.

Será que a moça escolhida para representar os produtos *Sofisticação* era um pouco lenta de raciocínio? Esperava que não; seria um crime uma jovem tão bonita ter um quociente de inteligência baixo.

Ao escutar seu nome, Maureen voltou à realidade com certa dificuldade. Enrubesceu ao perceber que Edward a olhava com expressão desconfiada. Recompôs-se, dando graças a Deus pelas aulas de etiqueta e bom comportamento que sua mãe sempre fizera questão de lhe ministrar.

— Eu... Muito obrigada, sr. Gavino. É um prazer encontrá-lo.

Deslumbrado com o sorriso que Maureen lhe dirigiu, ele decidiu no ato que o fato de ela ter ou não QI zero não era da menor importância.

— Por favor, chame-me de Edward — pediu.

Sua voz era grave e melodiosa, com a cadência do italiano, sua língua materna, embora não tivesse nenhum sotaque.

— A senhorita agora faz parte da família, de uma certa forma. Não é mesmo, cavalheiros? — perguntou ele aos homens que os cercavam, sem, no entanto, dirigir-lhes o olhar.

— Edward — repetiu Maureen, continuando a sorrir. — Pode me chamar de Maur, como as pessoas de minha família, ou de Maureen, se preferir.

— Eu a chamarei de Maureen. É um nome incomum, e ao mesmo tempo elegante e sexy. A propósito, você é a imagem perfeita do que eu quero para a linha *Sofisticação*, ou seja, é uma mulher sofisticada.

— Oh, céus! Você não espera que eu corresponda a essa imagem o tempo todo, espera? Minha mãe logo lhe diria que essa é uma tarefa impossível. Ela bem que tentou me

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
transformar numa mulher sofisticada, mas...

— Uma tarefa impossível? — perguntou Edward, curioso, alçando uma sobrancelha.

— Definitivamente impossível. Minha mãe passou os últimos vinte e cinco anos tentando me transformar numa moça controlada, refinada e amante das regras sociais. Acho que não funcionou — declarou, com os olhos brilhantes, convidando-o a participar da brincadeira.

— Não funcionou? Tem certeza?

Maureen balançou negativamente a cabeça e aproximou-se dele para cochichar, em tom confidencial:

— Sou uma rebelde incorrigível.

Edward riu. Os lábios se separaram, mostrando duas fileiras de dentes brancos e perfeitos. Os olhos estreitaram-se e o queixo ergueu-se, deixando-a ver o pescoço escurecido pela sombra da barba.

— Eu sabia que conseguiria, mais cedo ou mais tarde — disse Maureen, vitoriosa.

— Consequiria o quê?

— Fazê-lo rir. E o ouvi rindo no dia das entrevistas. Ou melhor, imaginei que fosse você. Só agora tive certeza. Você tem uma risada deliciosa — explicou ela, tocando-lhe o canto da boca com a ponta dos dedos.

Era um gesto típico de Maureen: espontâneo e amigável. Nas mesmas circunstâncias, ela teria tocado qualquer outra pessoa da mesma forma. Edward, entretanto, ficou visivelmente tenso.

Maureen surpreendeu-se com a reação dele e ficou imóvel por um segundo. Então, como que por conta própria, seus dedos deslizaram levemente sobre o lábio superior de Edward.

— Você deveria rir com mais frequência — disse ela, com voz macia.

Edward permaneceu paralisado por mais alguns segundos, enquanto seus pensamentos voavam para frescos lençóis de cetim, alcovas à meia-luz e aquelas mãos elegantes e finas acariciando seu corpo. Pensou em longas noites sem dormir e em ensolaradas manhãs de domingo passadas na cama. Pensou no confortável sofá que havia em seu escritório, imaginando Maureen nua, deitada contra as almofadas de couro cor de vinho...

Precisou lutar para refrear a imaginação. Pegou a mão de Maureen e pousou-a em seu braço, antes de fazê-la ficar de frente para os convidados.

— Senhoras e senhores! — disse, segurando a mão pousada sobre seu braço. — Apresento-lhes Maureen Spencer, a modelo da linha *Sofisticação*.

Maureen sorriu e inclinou a cabeça em reconhecimento aos aplausos, embora se sentisse nas nuvens, flutuando. Não conseguia esquecer a sensação do rápido beijo que Edward lhe dera na ponta dos dedos, antes de afastar a mão dela de seus lábios.

— Não gosto da maneira como ele olha para você — declarou Robbie, aborrecido, abrindo a porta do apartamento que dividiam em Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova York.

Estavam chegando do supermercado.

— Ora, Robbie, não seja implicante — respondeu Maureen, dirigindo-se para a cozinha a fim de guardar as compras. — Edward Gavino é nosso chefe e, pelo dinheiro que está me pagando, tem o direito de me olhar do jeito que bem entender. Além disso, ele não me olhou de nenhum modo especial.

— Isso é o que você pensa! Ele a olhou como se fosse um pedaço de carne à exposição num açougue.

— Imagine, que bobagem! Gavino olhou para mim do mesmo jeito que olha para todas as outras pessoas.

Na verdade, ela sabia que Edward a olhara de modo diferente, mas não iria admitir tal coisa diante do rapaz que fora criado como seu irmão.

— Bem, mesmo assim, ainda acho que...

— Vamos mudar de assunto, por favor.

Dizendo isso, Maureen estendeu a mão e, num gesto maternal, afastou uma mecha de cabelo da testa do rapaz. Não adiantou. O cabelo castanho-claro de Robbie era grosso, rebelde, e nenhum pente ou escova jamais conseguira mantê-lo penteado no lugar.

Na verdade, o tipo de cabelo do rapaz lhe conferia um ar de revolucionário fanático, pensou ela com ternura. E seus olhos, esverdeados, iluminavam-se com um tipo de brilho febril e visionário. Nesse momento, entretanto, o olhar de Robbie mostrava somente um mau-humor infantil que não condizia com seus vinte e três anos. Consequentemente, Maureen se sentia muito mais velha que ele nos seus vinte e cinco anos de idade.

— Que tal abrir a garrafa de champanhe e levá-la para a sala? — perguntou ela, em tom conciliador. — Assim que acabar de guardar as compras, irei para lá e nós dois poderemos começar a comemorar, está bem?

Robbie ainda demorou um pouco para consentir. Abriu a garrafa, pegou dois copos no armário, encheu-os e colocou um sobre o balcão para a irmã.

— Eu ainda acho que Gavino olhava para você como se fosse um pedaço de carne —

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
declarou, antes de ir para a sala.

Maureen balançou a cabeça, sorrindo. Não dava para acreditar. O que seu irmão não queria entender era que, de certa maneira, ela *realmente* era apenas um pedaço de carne para a maior parte das pessoas que a empregavam. Filé *mignon*, com toda certeza, mas, mesmo assim, carne que se expunha para ser aprovada. Maureen Spencer nunca se incomodara com isso porque sabia o quanto valia.

Não era convencimento. Era auto-respeito e auto-confiança. Sem isso, não teria durado mais do que dois minutos no mundo dos modelos. Especialmente por que seu tipo não estava na moda.

Em vez da aparência saudável, glamourosa e sexy, típica das top-models americanas, a figura de Maureen transpirava sofisticação. O cabelo loiro claríssimo, os enormes olhos cinzentos e a pele muito branca faziam com que fosse perfeita para passar tanto a imagem de uma jovem educada em um convento quanto a de uma debutante da alta-sociedade, ou ainda o tipo de sensualidade gelada e o glamour inatingível das estrelas de cinema das décadas de vinte e trinta. Tais qualidades não a ajudavam, entretanto, na carreira de estrela da moda.

Até agora.

A campanha dos produtos *Sofisticação* poderia transformá-la numa top-model. O que, em outras palavras, significava que Edward Gavino poderia transformá-la em uma top-model.

E Robbie estava errado. Edward não a tinha olhado como se fosse um pedaço de carne. Muito pelo contrário, ele a tinha olhado como se fosse a única e mais desejável mulher do mundo. Só de pensar nisso, ela já ficava toda arrepiada.

— Venha logo, antes que eu beba todo esse champanhe sozinho — chamou Robbie.

— Já estou indo — respondeu Maureen, afastando seus pensamentos de Edward e de suas reações diante dele.

Pegando seu copo já meio vazio, foi para a sala. Sentou-se sobre uma almofada, no chão, do outro lado da mesinha de centro.

— Bem, aqui estamos. Este brinde é para a modelo da linha *Sofisticação*, para as empresas Gavino e para o próprio Edward Gavino — disse, entusiasmada, os olhos brilhando tanto quanto o champanhe em seu copo.

Antes de beber, entretanto, percebeu que o irmão de criação não estava fazendo o brinde.

— Ei, saia dessa, Robbie. Isto é uma comemoração.

— Eu me recuso a beber em honra a Edward Gavino.

— Vai começar tudo outra vez?

Robbie a encarava, emburrado. Maureen suspirou, desanimada, e baixou o copo. Às vezes, as pessoas muito criativas eram temperamentais demais. E, nesse momento, ela não sentia nenhuma vontade de lidar com egos feridos. Afinal, era seu dia de comemorar.

Por outro lado, Robbie, além de ser seu irmão e de dividir o apartamento com ela, era também seu melhor amigo. Será que o rapaz estaria vendo em Edward Gavino alguma coisa que ela não percebera? Algo de ameaçador?

— Ouça, Robbie — disse, tentando acalmá-lo com um sorriso —, vamos ignorar, por hoje, o que você acha do modo como Gavino me olha. De qualquer forma, olhar não arranca pedaço de ninguém, e dificilmente eu tornarei a ver nosso patrão outra vez.

— Seu agente não lhe contou?

— Contou o quê?

— Que o maravilhoso sr. Gavino também estará na Europa, quando estivermos lá, fotografando.

Maureen sentiu-se imediatamente excitada com a idéia.

— E daí? — perguntou, tentando encobrir seus sentimentos.

— E daí? Será que você não percebe o que significa ter Gavino por perto durante as sessões de fotos?

— Não. O que significa? — indagou, fazendo-se de inocente.

— Significa que ele vai se intrometer em tudo! Vai querer dar palpite sobre as roupas, as locações, as poses, tudo! — explodiu Robbie, jogando as mãos para o alto. — Você sabe muito bem o quanto um cliente pode atrapalhar o trabalho de uma equipe. Gavino mais do que ninguém. Imagine, um engenheiro químico dando palpite nas minhas fotos!

— Ahá, então essa é a verdadeira razão de toda sua irritação com o pobre sr. Gavino! Você está com medo de que ele dê palpites e estrague as suas fotos.

— Isso não tem nada de engraçado — resmungou o rapaz, franzindo as sobrancelhas.

— Você não pode se esquecer de que o sr. Gavino é o patrão. Ele investiu uma incrível quantia de dinheiro nessa campanha. Milhões, eu diria.

Maureen fez uma pausa, pensando no contrato milionário que ela própria assinara. Não podia suspeitar da pessoa que lhe havia dado semelhante oportunidade de ganhar fama e riqueza ao mesmo tempo.

— Provavelmente Edward Gavino quer ter certeza de que tudo vai dar certo. Eu faria o mesmo se o dinheiro fosse meu — concluiu ela, por fim.

— O dinheiro não é dele. É das Indústrias Gavino.

— Pois ele é o maior acionista das indústrias, sabia? Além do mais, precisa responder

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
por suas ações perante a diretoria da firma. Sei que Gavino lutou muito para lançar essa nova linha de cosméticos. Ouvi dizer até que precisou garantir o financiamento do projeto com os bens pessoais dele. Sendo assim, eu diria que o dinheiro em jogo é dele, não é?

— Bem...

Maureen fitou Robbie com frieza calculada. Afinal, até que a educação que sua mãe lhe dera servia para muita coisa. Concluiu, ativa:

— É direito de Gavino supervisionar cada etapa da campanha para ver se tudo está saindo direito.

— Pode ser. Mas, de qualquer jeito, ainda sou da opinião de que a única coisa que ele deseja supervisionar é você.

— Robbie, não seja idiota.

— Aliás, acho também que você não faria nenhuma objeção a tal supervisão.

Maureen riu.

— Talvez não — respondeu, enquanto pensava em segredo que até gostaria que algo assim acontecesse. — Mas não se preocupe, posso lidar como Gavino. Vamos, lá, Robbie, anime-se. Vamos beber ao nosso sucesso e à nossa fama.

Robbie Concordou, relutante. Pegou seu copo e bebeu o champanhe gelado. Maureen fez o mesmo, olhando-o por sobre a borda do copo.

Sentada ali, no chão, ela parecia jovem e ingênua, totalmente diferente da mulher sofisticada nas fotos que Robbie fizera para conseguir o contrato da campanha. Havia tirado o casaco de camurça preta na cozinha. Dobrara os punhos da blusa de seda vermelha e arregaçara as pernas da calça para ter maior liberdade de movimento. Mechas de cabelo haviam se soltado do coque e agora emolduravam-lhe o rosto de rara beleza. Realmente, não tinha nada da mulher sofisticada e distante que estivera na festa algumas horas antes.

— Pense só, Robbie. Londres, Paris, Roma. O mundo todo... Dá para acreditar? — Maureen tomou o resto do champanhe em seu copo e deitou-se sobre a imitação de tapete persa que cobria o chão, esticando o corpo. — Não é incrível? Tudo isso para vender cosméticos! Não é um verdadeiro encanto?

O rapaz concordou, sorrindo.

— Sirva-me um pouco mais de champanhe, por favor — pediu ela, com ar sonhador. — Sabe qual é a primeira coisa que farei com o dinheiro que receber? Vou comprar um jogo de copos de cristal. Da próxima vez, estaremos tomando champanhe em taças apropriadas.

— Pensei que não gostasse de coisas desse tipo. Você me disse que sua mãe...

Maureen fez um sinal para que Robbie parasse de falar e argumentou:

— Os copos de cristal de minha mãe são antigos, pesados. Acho que a bisavó dela os

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler trouxe da Europa no *Mayflower*, o primeiro navio a vir da Inglaterra com colonizadores. Os meus copos serão diferentes, moderníssimos, de cristal sueco. Minha mãe irá odiá-los, claro! E a segunda coisa que comprarei será uma mesinha de centro toda em vidro e metal cromado.

— Ela vai combinar bem com o resto da decoração — zombou Robbie.

Maureen olhou ao redor e sorriu. Havia um labirinto de canos coloridos, à vista, no teto alto. As paredes da sala eram brancas, decoradas com pôsteres coloridos de peças de teatro e de lugares exóticos. O piso de madeira só era interrompido pelo pequeno tapete que demarcava o que seria a sala de estar. As enormes janelas não tinham cortinas, mas eram parcialmente cobertas por plantas que filtravam a luz e garantiam um mínimo de privacidade. A mobília era de segunda mão, de cana-da-índia com almofadas coloridas. A decoração não era digna da capa de uma revista especializada no assunto, mas o ambiente era agradável e confortável. A nova mesinha ficaria ótima, ali.

— Daqui a pouco, você vai querer mudar para um bairro chique — disse Robbie.

— E morar numa caixa de fósforos? Não seja ridículo. Vou continuar aqui mesmo, neste apartamento espaçoso, e melhorar a decoração. Talvez compre um aparelho de som...

— Você está brincando de fada madrinha? Sabe que não poderei pagar a metade de todas essas coisas.

— Isso não faz a menor diferença, Robbie. Posso perfeitamente proporcionar mais conforto a nós dois. De qualquer modo, você também tem um contrato e não está exatamente pobre.

— Só que o fotógrafo ganha muito menos do que a modelo. E o meu contrato não é de dois anos, como o seu. É só de seis meses, podendo ser renovado se gostarem do meu trabalho.

— Ora, não seja um estraga-prazeres! Que tal irmos jantar no Angelo's?

Robbie animou-se. O Angelo's era o restaurante "deles".

Quinze minutos mais tarde, vestindo uma roupa mais confortável e calçando bolas de saltos baixos, Maureen sentou-se à penteadeira para ajeitar os cabelos. Ao abrir uma gaveta em busca de um pente, deparou-se com os recortes de jornal que sua mãe lhe havia mandado pelo correio.

Primeiro, a tradicional Margaret Spencer telefonara para dizer que estava feliz com o sucesso da filha no concurso que escolhera a garota *Sofisticação*. Mas estava também muito preocupada com as pessoas que passariam a conviver com Maureen.

— Eles têm dinheiro, querida, mas não são o tipo de gente com quem devemos nos relacionar — argumentara Margaret, deixando claro que os Gavino eram novos-ricos sem nenhuma educação. — Provavelmente nem sabem usar o talher apropriado para cada prato de um jantar formal,

Que bobagem! Como se os Spencer tivessem alguma coisa além do nome tradicional...

— Você precisa comportar-se com frieza e polidez o tempo todo — aconselhara a mãe. — Eles são italianos, minha querida. Parece que não têm muita classe e são muito voltados para os prazeres dos sentidos.

Maureen esforçara-se para não rir e mantivera a boca fechada, emitindo somente pequenos "humms" e "ohs", que poderiam ser interpretados como a mãe bem quisesse.

As cópias dos recortes de jornal tinham chegado poucos dias depois do telefonema. Alguns datavam de quinze anos atrás e relatavam detalhes da vida dos Gavino. Detalhes infames, segundo Margaret.

Morbidamente fascinada, Maureen pegou um dos recortes para reler.

Edward Gavino não tinha mais de dezoito anos, na fotografia; parecia vulnerável, prestes a chorar. A seu lado estava a mãe, Lúcia, com um braço na tipóia, a cabeça coberta por um fino véu preto que permitia entrever o rosto bonito e o olhar eloquente que dirigia ao filho. Edward, entretanto, não olhava para ela, mas sim para a menina que segurava sua mão direita. A garotinha não tinha mais de cinco ou seis anos, e suas longas tranças chegavam quase até a cintura. A menina parecia estar com medo.

Os três estavam no enterro do sr. Gavino, que se suicidara depois de ter tentado assassinar a esposa e seu amante, o ator Maxwell Peyton.

O próximo recorte de jornal anunciava o casamento de Lúcia Gavino e Maxwell Peyton, em Monte Carlo. O seguinte relatava o divórcio dos dois, em meio a um grande escândalo. Havia ainda outros recortes sobre a irmã de Edward, enviada para a Itália a fim de se recuperar de uma doença não especificada, e alguns sobre o próprio Edward acompanhado por várias mulheres elegantes.

De repente, Robbie bateu à porta do quarto.

— Ainda vai demorar muito, Maur?

— Não, já estou indo — respondeu ela, guardando os recortes na gaveta e indo para a sala. Subitamente inspirada, sugeriu: — Ei, que tal irmos a um restaurante bem chique, em vez de irmos ao Angelo's? Afinal, preciso começar a ser vista nesse tipo de lugar, não acha?

— Por mim, tudo bem. Podemos aproveitar para ver como a metade rica do mundo vive.

— Especialmente porque agora também somos ricos.

— Somos, não. Você é.

— Ora, nós dois estamos a caminho do sucesso financeiro — observou ela, tentando evitar mais uma discussão. — Agora vamos, antes que eu morra de fome.

CAPÍTULO II

Londres! Ela mal podia acreditar que estava ali. Se não estivesse tão cansada, pensou ao deixar-se cair sobre a cama do hotel, vestiria jeans e sairia para conhecer a cidade. Tinha uma lista enorme de lugares que gostaria de visitar: o palácio de Buckingham, a Torre de Londres, o relógio Big Ben, Hyde Park, a abadia de Westminster e o Parlamento, Trafalgar Square e a loja de departamentos Harrod's.

— Quero andar de metrô — dissera a Robbie durante a viagem. — E quero tomar um chá completo em um dos hotéis de Hyde Park. Com bombas de creme, pãozinhos quentes e finíssimos sanduíches de pepino.

— Se comer tudo isso, vai engordar — observara o rapaz.

Ele sempre conseguia jogar água na fervura, refletiu Maureen, olhando o teto do quarto de hotel. Especialmente nos últimos tempos. Desde que assinara o contrato para fotografar a campanha de *Sofisticação*, o humor de Robbie piorara visivelmente.

Ela sabia que isso era devido ao nervosismo. Seu irmão sempre ficava nervoso ao começar um trabalho novo. Aparentemente, sentia-se inseguro a respeito do próprio talento. E este era o maior contrato que jamais assinara.

O fato de ambos terem conseguido o emprego graças às fotos maravilhosas que ele tirara parecia estar esquecido. Era como se a vida do rapaz dependesse apenas da sorte e esta fosse logo acabar.

Robbie sempre fora emocionalmente frágil. Fizera alguns meses de terapia, depois do casamento de sua mãe com o pai de Maureen. Ele tinha na época catorze anos. A insegurança da adolescência, durante algum tempo, manifestara-se em forma de rebelião, levando-o a cometer pequenos crimes como furtar objetos em lojas. O rapaz estava melhor agora, é claro. Parecia mais forte, mais capaz de lidar com problemas.

Maureen suspirou. Fazia tempo que não via o irmão tão inseguro e irritadiço. A única

coisa que podia fazer para ajudá-lo era oferecer-lhe sua compreensão e ser paciente, para não deixá-lo ainda mais infeliz.

Mas era difícil ser paciente, quando ela própria se sentia entusiasmada, cheia de energia. Vinha sendo tratada como uma verdadeira estrela pelos funcionários da divisão de cosméticos da Gavino. As sessões de fotos em Nova York tinham sido excitantes, em lugares internacionalmente conhecidos. Ela estava se divertindo muitíssimo.

Até mesmo Robbie deveria ter percebido que Maureen estava adorando tudo o que estava acontecendo em sua vida. Sua reação, entretanto, fora tornar-se cada vez mais difícil, especialmente quando o nome de Edward Gavino vinha à tona.

Na verdade, apesar do trabalho estafante, Maureen não conseguia esquecer a risada gostosa ou o brilho dos olhos escuros de Edward, que faziam seu coração disparar.

Suspirou e pulou da cama, recusando-se a continuar a pensar no assunto. Ia sair para passear.

De acordo com o guia que tinha comprado, Hyde Park ficava do outro lado da rua. Poderia passar algumas horas andando por lá sem correr o perigo de se perder. E, certamente, encontraria um carrinho de cachorro-quente, onde poderia aplacar a fome até a hora do jantar.

Decidida, jogou os sapatos de salto longe. Sapatos que, como todo o resto da roupa que usava para a campanha publicitária haviam sido escolhidos pelos altos funcionários da divisão de cosméticos das Indústrias Gavino. Na verdade, as roupas eram lindas e ela mesma as teria escolhido se tivesse dinheiro para comprá-las. Mas havia momentos em que não queria ser uma mulher sofisticada. Queria usar jeans e tênis.

Vestiu jeans preto, malha vermelha, botas pretas e uma jaqueta de couro preto como prevenção contra o frio de Londres. Perfeito! Estava pronta para sua aventura.

— Robbie! — chamou, batendo na porta do quarto dele. — Robbie, vou até o parque aí na frente. Quer ir comigo?

Maureen ouviu o ruído abafado de passos, um palavrão, e só depois a porta se abriu.

— O quê? — perguntou o rapaz, com voz de sono.

Seu cabelo estava todo despenteado e o rosto trazia marcas do travesseiro. Certamente estivera dormindo de bruços.

Tinha o ar meigo e indefeso de uma criança que acaba de acordar. Isso fez desaparecer de imediato o ressentimento que Maureen estava sentindo em relação ao irmão de criação.

— Vou até o parque. Quer ir comigo? — perguntou ela novamente. — Deus me livre! Estou exausto, prefiro descansar. — Ele a examinou da cabeça aos pés, enquanto passava as

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
mãos pelos cabelos revoltos. — Como é que você se sente tão bem disposta?

— Não sei. Acho que a idéia de estar em Londres pela primeira vez me excita tanto que não consigo relaxar e descansar.

— Faz sentido — respondeu Robbie, bocejando. — Divirta-se, mas não vá devorar todas as bombas de creme que encontrar pela frente.

Maureen deu-lhe um de seus maravilhosos sorrisos antes que a porta se fechasse. Em seguida, desceu de elevador até o térreo e atravessou o saguão do hotel com passos rápidos, leves. O sol da tarde, filtrado pelas portas de vidro, iluminava sua figura alta, flexível, que chamou a atenção de todos os que a viram.

— Boa tarde, senhorita — cumprimentou o porteiro uniformizado.

— Boa tarde. O dia está tão lindo, não acha? — comentou sorrindo.

— Está sim, senhorita. Nem parece princípio de primavera. Posso chamar-lhe um táxi?

— Não, obrigada. Vou só passear um pouco pelo parque — respondeu, jogando os cabelos para trás, já com um pé na rua.

Quase foi pega por um carro, que passava em alta velocidade. No mesmo instante uma mão de ferro agarrou-lhe o braço, puxando-a para trás. Tremendo de susto, ela se virou para agradecer seu salvador, esperando ver o porteiro a seu lado.

— Sr. Gavino! — exclamou surpresa e, ao mesmo tempo, excitada.

Ele havia imaginado que a reação que Maureen lhe provocara, no dia da festa, fora exagerada. Ela era uma mulher bonita, sem dúvida, mas já estava acostumado com mulheres bonitas. Ela era extremamente sensual e elegante, mas também já estava acostumado com isso. E se não conseguira tirá-la de seus pensamentos, era porque os negócios o exigiam. Precisava tomar um monte de decisões a respeito da campanha da linha *Sofisticação*, o que incluía decisões a respeito de Maureen Spencer.

Por isso, cada vez que a vira, em mil poses diferentes, nas fotografias que cobriam sua mesa de escritório em Nova York, tinha repetido a si mesmo que não sentia nada, exceto uma natural admiração masculina pela beleza loira e faiscante que tinha à sua frente. E, também, uma imensa satisfação por ter feito a escolha certa para seus produtos.

Desse modo, foi um choque perceber que enganara a si mesmo durante todo o tempo. Ali estava ele, em uma rua de Londres, segurando o braço de Maureen, sentindo-lhe o suave perfume floral, sabendo muito bem que o que sentia por ela era muito mais forte que mera admiração por uma mulher bonita ou satisfação por um trabalho bem feito.

Era desejo, o que sentia. Uma emoção conhecida. E justificável, uma vez que Maureen era exatamente o tipo de mulher que Edward preferia. E mesmo que ela trabalhasse para sua

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
firma, sendo, portanto sua funcionária, talvez não houvesse problemas. Afinal, duas pessoas sofisticadas não se importariam de misturar prazer e negócios. Isto é *se* ele resolvesse conquistar Maureen.

— Você precisa olhar para os dois lados antes de atravessar — recomendou Edward, em voz baixa e grave. — Não se esqueça de que na Inglaterra as mãos do tráfego são invertidas.

— Invertidas — repetiu ela, estupefata.

Edward Gavino estava ali, em Londres! Maureen sabia que ele iria aparecer para saber como estavam indo as coisas, mas não esperava que fosse tão cedo, e sem aviso.

— Você está bem?

— O quê? ...Oh, sim, estou bem — mentiu; na verdade, sentia-se como se tivesse sido atropelada por um caminhão.

— Tem certeza?

— Sim, tenho. Pode ficar sossegado — disse, ao mesmo tempo em que soltava o braço.

O toque de Edward a fazia sentir-se a ponto de desmaiar. O vento agitou-lhe os cabelos e algumas mechas cobriram-lhe o rosto.

Ele fez menção de afastá-las. No mesmo instante lembrou-se daquele momento no salão de festas, quando Maureen tocara-lhe os lábios. Foi então que se decidiu. Ia misturar negócios com prazer, sim. Com muito prazer.

— Seu cabelo é tão macio — murmurou, acariciando os fios sedosos.

— Condicionador — murmurou Maureen, com voz trêmula. — Uso condicionador todas as manhãs.

— Espero que seja o nosso produto — brincou Edward.

— É claro. Faz parte do meu contrato.

— Isso é bom.

Ela não sabia o que responder. Ele a olhava com a mesma fome que alguém em regime olharia um doce de chocolate recheado de brigadeiro. Bem, pensou, quando em situações difíceis, use a boa-educação. Estendendo a mão trêmula, disse:

— Obrigada por ter me salvado, sr. Gavino. Da próxima vez vou me lembrar de olhar para os dois lados.

— Edward — ele insistiu, tomando-lhe a mão entre as suas.

— Está bem... Edward.

Eles ficaram se olhando em silêncio durante um longo instante.

— Bem, muito obrigada, Edward — ela conseguiu, finalmente, dizer. — Odiaria ter

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
acabado debaixo de um táxi no meu primeiro dia em Londres. — Tentou puxar a mão que ele segurava, mas foi em vão.

— E eu odiaria assistir a tal espetáculo. Toda a minha campanha para a linha *Sofisticação* teria acabado debaixo do mesmo táxi. Isso seria um desastre, não seria?

— Certamente — concordou Maureen, deixando a mão relaxar na dele.

De qualquer forma, não queria mesmo retirá-la.

— Teríamos de começar tudo outra vez, escolher uma nova modelo — continuou Edward, acariciando o dorso da mão de Maureen. — E os diretores da empresa não iriam gostar nem um pouquinho disso — murmurou, observando os olhos cinzentos que se tornavam maiores e mais doces com as continuadas carícias. — Parece que eles acham que eu já gastei demais nessa campanha.

— Então você investiu muito na campanha? — ela perguntou, só para não ficar em silêncio. Sua mão parecia estar cheia de eletricidade.

— Milhões — respondeu com voz mansa, pensando quanto tempo precisaria para levá-la para a cama.

Não muito, a se julgar pela sua reação às carícias que ele lhe fazia na mão.

— Bem, acho melhor eu ir, agora.

— Ir?

Edward segurou-lhe a mão com mais força. Maureen não iria a lugar nenhum. Não sem ele.

— Sim. Vou dar uma volta para conhecer a cidade.

— Sozinha?

— Convidei Robbie, mas ele preferiu dormir. E não conheço mais ninguém em Londres.

— Você me conhece.

— É verdade...

— Importa-se se eu me oferecer para acompanhá-la em seu passeio?

— Não, claro que não. Mas vou até o Hyde Park, e tenho certeza de que você já esteve lá muitas vezes.

— E daí?

— Você poderia se aborrecer.

— Duvido. — Edward tocou-lhe o rosto de leve. — Mas se isso a preocupa, podemos trocar o passeio por um almoço.

— Almoço? — perguntou ela, engolindo em seco.

— Sim. Eu estava a caminho do restaurante do hotel para almoçar quando você se

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
atirou na frente daquele táxi.

Depois do almoço, poderiam ir para o quarto dele. Ou para o dela. Qualquer um serviria, pensou Edward.

— Seria ótimo almoçar com você — ela respondeu, sentindo-se nas nuvens. — Mas não no hotel. Quero comer peixe e batatas fritas.

— Peixe e batatas fritas? Tem certeza de que não prefere rosbife?

— Peixe e batatas fritas — insistiu Maureen. — Esta é minha primeira viagem a Londres e quero experimentar a comida típica daqui. Servida com vinagre e tudo o mais.

— Esse "tudo o mais" significa que vai querer comer o peixe embrulhado em jornal?

— É claro.

— Era de se esperar — Edward comentou, dando um suspiro. Lá ia seu sonho de passar a tarde fazendo sexo selvagem com sua modelo preferida. Mas não se importava com a mudança de planos, desde que pudesse estar com ela.

— Muito bem, vamos indo. Conheço um ótimo restaurante grego.

— Vamos a pé? Afinal, o dia está tão bonito.

— É longe de mais para ir a pé.

— Então vamos tomar o ônibus de dois andares. Por favor — pediu Maureen, segurando-lhe o braço.

— Está bem. Iremos de ônibus.

Os dois correram em direção ao ônibus que tinha acabado de parar no ponto. Edward ajudou-a a subir, segurando-a pela cintura.

— Quer sentar-se no andar de cima? — perguntou.

— Sim, por favor.

Maureen sentou perto da janela e ele foi lhe mostrando vários dos pontos turísticos de Londres, como se fosse um guia profissional.

Seus ombros se tocavam cada vez que se mexiam e Maureen começou a sentir um calor gostoso percorrer-lhe o corpo todo. Suas narinas captavam o odor de almíscar da loção pós-barba que Edward usava. Seus ouvidos se deliciavam com o tom melodioso e profundo da voz masculina. Ela não conseguia se concentrar no que deveria estar vendo. Era, no entanto, muito fácil concentrar-se na coxa musculosa que esbarrava continuamente na sua.

— Vamos descer na próxima parada — Edward murmurou-lhe ao ouvido, absolutamente consciente do efeito que tinha sobre ela.

Tudo fazia parte do jogo: o avançar e recuar, o provocar e se defender. Ele estava gostando muito da brincadeira. E conhecia as regras do jogo como ninguém. Maureen fitou-o, confusa.

- MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
- O que estava dizendo? Sinto muito, mas não estava prestando atenção.
 - Devemos descer na próxima parada — repetiu ele, com voz enrouquecida.

Desceram correndo a escada do ônibus e saltaram para a calçada. Estavam com a respiração acelerada e riam sem nenhuma razão.

- Está sentindo o cheiro? — Edward perguntou, observando-a atentamente.

Maureen inclinou a cabeça para o lado e pôs-se a farejar o ar como se fosse um cachorrinho.

- Café? Deixe-me ver... Café e peixe frito! — constatou ela. — Vem daquela rua, ali.
- Você vai nos guiar até Já — ele convidou, encantado com a exuberância que ela demonstrava.

Rindo, Maureen tomou a dianteira, puxando-o pela mão. Seguindo o cheiro, abriu a porta de um pequeno restaurante. Música grega tocava em alto volume, vozes se ouviam de todos os lados e o maravilhoso e convidativo cheiro de peixe frito permeava todo o ambiente. Edward fez os pedidos para os dois.

- Enrolados em jornal — pediu ao homem atrás do balcão, embora fossem comer ali mesmo. — A moça bonita é uma americana biruta que deseja provar uma refeição inglesa típica, embrulhada em papel jornal.

O grego riu com gosto, mostrando um enorme dente de ouro. Indicou-lhes um lugar, no fundo do restaurante, avisando que levaria a comida assim que estivesse pronta.

- Este lugar é um encanto — Maureen comentou, tirando o casaco, antes de se sentar em frente a Edward.

- É realmente um lugar agradável — ele concordou, mais interessado em assistir ao espetáculo que ela oferecia tirando a jaqueta.

Maureen corou ante o olhar de Edward interessado e seus mamilos ficaram eretos e visíveis sob a malha fina do suéter e o tecido delicado do sutiã.

- Devo admitir, porém — ela continuou bravamente, tentando ignorar suas próprias reações físicas —, que eu esperava ouvir gente com sotaque londrino, e não grego, aqui dentro.

- Os melhores restaurantes de Londres são gregos. Ou indianos. Ou, ainda, chineses.

O garçom trouxe a refeição pedida, embrulhada em jornal.

- E onde se pode encontrar torta de rins, bife e purê de batata?

- Podemos procurar, se você fizer questão — ele respondeu sorrindo, parecendo mais jovem, despreocupado e ainda mais sensual. — Gostaria de café para acompanhar sua refeição?

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Uma coca-cola?

— Imagine! Coca-cola eu posso tomar em Nova York.

— Tudo bem. Você está querendo problemas. Por favor, traga um *shandy* para a americana biruta — pediu Edward ao garçom.

— O que é isso? — ela perguntou, desconfiada, quando um copo alto foi colocado à sua frente.

— Experimente.

Maureen tomou um pequeno gole, e mais outro. Sorriu e tomou um grande gole, parecendo ter gostado muito da bebida.

— Você gostou mesmo disso?

— É horrível — confidenciou Maureen em voz baixa, provocando uma gargalhada em seu companheiro. — O que é?

— Cerveja e limonada.

— Ugh! Tinha de ser horrível mesmo.

— Quer que eu peça uma coca-cola agora?

— De jeito nenhum! Se os ingleses conseguem beber isto, eu também conseguirei.

— A maior parte dos ingleses toma coca-cola.

Maureen fez uma careta e tomou mais um gole.

— Talvez, com o tempo, a gente se acostume e passe a gostar disto — comentou, colocando o copo de lado e pegando o embrulho de jornal. — E agora, como se faz para comer o peixe? Você é o especialista em comida inglesa.

— Ponha um pouco de vinagre sobre as batatas fritas e o peixe, como se fosse sal. Não ponha muito, ou ficará encharcado e molengo.

— Uma delícia — Maureen sentenciou, experimentando a comida temperada com sal e vinagre. — Diferente, mas delicioso.

— Você gosta de comer, não é mesmo? — ele comentou, imaginando se ela se dedicava aos outros prazeres da vida com a mesma intensidade.

— Adoro. Isso não é horrível? Robbie diz que sou pior que uma morta de fome. O meu metabolismo é meio estranho, pois nunca aumento de peso.

— Agradeça a Deus por isso. Já pensou se a modelo da campanha *Sofisticação* virasse uma bola?

— Pode ficar sossegado, nunca fui e nem serei gorda. Preciso até tomar cuidado para não emagrecer demais. Todas as outras modelos me detestam porque posso devorar hambúrgueres e batatas fritas à vontade, enquanto elas têm de comer salada sem tempero.

Quando ambos terminaram de comer, Edward pediu *baklava*, uma sobremesa grega.

Maureen preferiu tomar café forte em vez de repetir a dose de *shandy*.

— Café combina melhor com torta — ela esclareceu. — Será que podemos levar um pedaço? — perguntou, depois de limpar o prato e lambe o resto de mel e nozes dos dedos.

— Quero que saiba que seu contrato será anulado se engordar!

Maureen sorriu, ao mesmo tempo em que mordia seu segundo pedaço de *baklava*.

— Vamos voltar a pé para o hotel. Assim farei exercício e mantereí a forma.

Mais uma vez Edward concordou com a sugestão dela, com uma ressalva:

— Não vá me culpar pelos pés doloridos, amanhã.

De mãos dadas, puseram-se a andar pelas, mas abarrotadas de Londres. Paravam a cada dez minutos para que Maureen olhasse as vitrinas, como qualquer turista convencional. Compraram *kohl* cinza-escuro para delinear os olhos em uma pequena loja indiana, e um gato de cerâmica para a mãe dela.

Em seguida, quando o tempo primaveril transformou-se numa fria tarde de inverno, Maureen decretou que queria ir à famosa loja Harrod's.

— Está com frio? — perguntou Edward, colocando-lhe um braço sobre os ombros e puxando-a para junto de si.

— Agora não — assegurou ela, fitando-o com seus enormes olhos cinza, emoldurados por longos cílios.

Assim dizendo, abraçou-o pela cintura, como se estivesse acostumada a esse gesto. Sentiu, sob os dedos, a maciez do tecido de lã do casaco e a musculatura firme do corpo masculino. Aconchegou-se sob o braço protetor, insistindo:

— Quero ir à Harrod's.

— Está pretendendo comprar a loja toda?

— Não desta vez. Quero apenas olhar. Minha mãe diz que essa loja é a oitava maravilha do mundo. E, é claro, todo mundo sabe que a princesa Diana faz suas compras aqui. — Enquanto falava, observava o rosto moreno e bonito, os olhos cor de café, as feições bem esculpidas, o pescoço bronzeado e forte. Tentou pensar em outras coisas, para dominar a atração que sentia. — Olhe, Edward! É bonito demais para ser de verdade!

Tinham entrado no departamento de frota, que exibia arranjos tentadores de frutas perfeitas de todas as partes do mundo.

— Olhe aqueles pêssegos! Vou comprar alguns. Ah, que pena! Não tenho dinheiro inglês.

— Mas você acabou de almoçar! — ele exclamou, enquanto pagava pela fruta. — Prometa que só vai comê-los no café da manhã.

— Ou no lanche da meia-noite — respondeu ela, rindo.

Fazendo uma careta, ele a puxou de novo para o seu lado e continuaram o passeio pela loja, abraçados. Ela ficou fascinada com a variedade, quantidade e qualidade dos produtos oferecidos nos vários departamentos de comida: carne fresca e caça, peixes, queijos, doces, chocolates, bebidas e latarias, provenientes do mundo todo.

— O caminho do seu coração certamente passa pelo seu estômago — ele comentou. — E eu não sei cozinhar. O que devo fazer?

Ela se virou, no círculo de seus braços, ficando de frente, muito próxima.

— Edward — murmurou, entreabrindo os lábios.

Perderam a consciência de onde estavam. Ele desceu lentamente a cabeça enquanto ela se erguia nas pontas dos pés, tentando alcançá-lo. O beijo, entretanto, não aconteceu. Alguém deu-lhes um encontrão e o clima se desfez. Edward praguejou baixinho e levantou a cabeça. Maureen suspirou.

— É melhor voltarmos para o hotel. Está ficando tarde. — Os dois se viraram e se dirigiram para a saída mais próxima.

Era mais tarde do que pensavam. A noite já estava quase chegando e as ruas apresentavam-se cheias de pessoas apressadas para chegar em casa, depois de um dia de trabalho. Maureen fechou o casaco até o pescoço e abraçou Edward, ambos andando depressa, com as cabeças abaixadas para se protegerem do vento.

Chegando ao hotel, dirigiram-se ao andar dela, estranhamente silenciosos, depois de tanta conversa e brincadeira. Ambos pensavam no beijo interrompido e no que iria acontecer daqui para diante.

— Sua chave — pediu ele, estendendo a mão, quando chegaram à porta do quarto dela.

— Edward, passei uma tarde maravilhosa. Adorei o peixe e as fritas com vinagre e até o *shandy*. — Ela sabia que estava tentando ganhar tempo. — Você foi muito paciente me levando fazer compras e... — Parou no momento em que ele abriu a porta e se voltou para ela. Iria beijá-la?

Edward puxou-a para si.

— Também passei uma tarde muito agradável — disse baixinho. Mesmo que tudo acabasse agora, ainda assim teria sido uma tarde ótima. Mas gostaria que acabasse nesse momento, pensou, baixando a cabeça e tocando os lábios dela com os seus.

A princípio, o beijo foi suave, lábios que mal se tocavam, língua que esperava alguma indicação de que ela estava pronta para mais. Se sedução fosse um jogo, Edward seria um verdadeiro mestre que sempre sabia o momento certo para avançar. E, quando Maureen entreabriu a boca, ele esqueceu por completo todas as regras do jogo.

Passou a agir por instinto, abrindo a boca para saborear a doçura da dela. Abraçou-a com força, pressionando o seu corpo contra o dela, fazendo-a sentir sua excitação, sua ansiedade e urgência.

Maureen encostou-se nele, sentindo a pele queimar e o sangue ferver. Quando ele levantou a cabeça, ambos estavam sem ar.

— Imagino que não vai me convidar para entrar — ele disse, com a voz entrecortada e a cabeça apoiada na dela.

Por um momento, ela pensou em jogar tudo para o ar e seguir somente seus desejos.

— Não, acho que não.

— Nunca?

— Bem...

Ele suspirou, pegou-lhe a mão, levantou-a e devolveu a chave.

— É cedo demais para você. Mas vou voltar a pedir. Logo.

Maureen concordou com a cabeça, incapaz de falar.

— Vamos nos encontrar no bar, às oito horas. Sairemos para jantar com o resto do pessoal. Aceita?

Maureen balançou a cabeça, mais uma vez.

Edward a beijou de leve. Não queria ir embora, mas virou-se e entrou no elevador antes que suas boas intenções cedessem vez ao instinto.

CAPÍTULO III

Maureen encostou-se no batente da porta, devorando com os olhos a figura máscula que se afastava pelo corredor. Viu Edward apertar o botão do elevador, esperar as portas se abrirem e entrar. Então, sentiu-se abandonada.

— Não seja idiota — falou em voz alta para si mesma, entrando no quarto. — Foi você quem o mandou embora.

Fechou a porta, com ar sonhador.

Voltarei a pedir. Logo, ele dissera.

Quando seria esse logo?

Hoje à noite? Amanhã à noite? Na verdade, não importava quando. Sabia que, qualquer que fosse o momento, sua resposta, muito possivelmente, seria sim. Especialmente se ele a beijasse outra vez, daquela maneira, ao fazer o pedido.

— Você perdeu a vergonha. — Ela sorriu para sua imagem refletida no espelho do armário. — O que diria sua mãe?

Sabia muito bem o que a mãe diria. Podia até ouvir a voz afetada de Margaret:

— Realmente, Maureen, querida. Tem certeza de estar agindo sabiamente?

Provavelmente não estava.

Afinal, não sabia nada a respeito de Edward. É claro que sabia que ele era rico, bonito e solteiro. Tinha trinta e quatro anos de idade, fazia grandes doações para instituições de caridade e, em menos de quinze anos, transformara a pequena indústria familiar em um conglomerado internacional. Era só ler os jornais para saber de tudo isso.

Mas não era isso o que importava. O que importava era que ele tinha uma risada profunda que a fazia ter também vontade de rir. Importava que os olhos dele se acendiam quando a olhavam, e que seu beijo a deixava tremendamente perturbada.

Talvez Maureen devesse, contudo, ter um pouco mais de cautela. Porque sem cautela, poderia levar um tombo muito grande. Edward Gavino era um homem de grande experiência.

Ela estudou seu reflexo no espelho pensativamente. Seu rosto estava corado, os olhos brilhantes. E a boca continuava curvada num sorriso de contentamento. Não havia como ser objetiva com relação a Edward Gavino. Nem queria ser. Além disso, as coisas não estavam acontecendo assim tão depressa.

Não parava de pensar em Edward desde a festa em que fora apresentada para os funcionários da empresa. Queria saber detalhes insignificantes de sua vida. Preferia chá ou café de manhã? Qual era sua cor favorita? Teria tido algum animal de estimação, quando pequeno?

Devia estar se apaixonando, pensou, balançando a cabeça.

Paixão certamente explicaria a sensação estranha em seu estômago, a sensação de estar nas nuvens desde que o encontrara na frente do hotel.

Ou talvez estivesse com fome.

Saiu da frente do espelho e se dirigiu para o banheiro. Não faltava muito para as oito horas e ela tinha muito o que fazer para se considerar pronta para o jantar.

Maureen já tinha tomado banho, aplicado a maquiagem e estava terminando de

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
arrumar os cabelos encaracolados quando Robbie bateu à porta de seu quarto.

— Espere um momento! — gritou ela, amarrando o cinto do roupão e abrindo a porta para que o meio-irmão entrasse. — Nossa, como você está bonito!

Ele usava uma calça com preguinhas, camisa listrada e paletó de linho cru,

— Nunca o vi tão bem arrumado, antes.

Ele endireitou o nó da gravata.

— Perfeito — continuou ela, dando-lhe um beijo fraternal no rosto.

Ele a deteve, segurando-a pelos ombros.

— E você está quase perfeita. É melhor apressar-se, pois já são quinze para as oito e Gavino deixou ordens para que o encontrássemos às oito em ponto, no bar do hotel.

— É sr. Gavino. Ou Edward.

— Desde quando passou a ser Edward?

— Desde o dia da festa em que assinamos o contrato. Ele pediu para ser chamado de Edward, lembra-se?

— Ah, sim — assentiu o rapaz, em tom desdenhoso.

Robbie ligou a tevê e sentou-se no pé da cama. Maureen tirou o vestido do armário, os sapatos da mala, e voltou ao banheiro para terminar de se vestir. Pôs meia-calça cor da pele e um vestido de seda preta, cortado enviesado para ajustar-se às suas curvas. O decote era profundo e revelava a curva dos pequenos seios. Atrás, uma serie de tiras finas, bordadas com strass, entrecruzavam-se até a cintura, deixando ver a pele nua das costas. Os sapatos, de salto muito alto, eram igualmente pretos, com uma pequena fivela de strass.

Colocou brincos que imitavam esmeraldas cercadas por strass, afofou os cabelos e deu um passo para trás para ver-se por inteira ao espelho.

Por ser alta e magra, o efeito final era de grande elegância e sofisticação. Se tivesse algumas curvas a mais, não poderia usar tal modelo sem parecer vulgar. Deu algumas pinceladas de blush nos ombros e na curva dos seios, até ficar satisfeita com o resultado. Nesse momento, o telefone tocou, interrompendo seu devaneio narcisista.

— Atenda para mim, por favor, Robbie.

Passou o perfume *Night Magic*, das Indústrias Gavino e, finalmente, saiu do banheiro.

— Quem era? — perguntou, enquanto vestia o casaco de cetim negro, com gola chinesa.

Ele linha uma estranha expressão no rosto.

— Robbie? Alguma coisa aconteceu lá em casa? Algum acidente?

— Você se divertiu no seu passeio no parque esta tarde?

— Era o Edward?

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
Robbie balançou a cabeça afirmativamente.

— Então já sabe que não fui ao parque, ou não teria feito tal pergunta. Mas a tarde foi maravilhosa. Fomos a um restaurante grego que Edward conhecia, para comer peixe frito e batatas.

— Eu bem que avisei que ele estava atrás de você.

— Robbie, não vamos começar essa discussão outra vez — falou exasperada. Robbie sempre a protegera, como se fosse o irmão mais velho. Estava acostumada a essas reações. — É gentil da sua parte preocupar-se comigo, mas já estou bem crescadinha — completou, pegando a bolsa e dirigindo-se para a porta.

— Talvez fique satisfeita com o fato dele estar atrás de você.

Maureen olhou para trás. Ele não tinha saído de perto do telefone.

— Pois é. Talvez eu esteja. Podemos ir, agora?

— Ele é um tubarão — Robbie disse, vindo para o seu lado e colocando a mão em seu ombro. — Acredite em mim, Maur. Conheço o tipo dele.

— É mesmo? — Ela caminhou em direção ao corredor, fugindo ao toque daquela mão. — E quantos empresários milionários e bonitos de morrer você conhece?

— Então é isso. Você está interessada no dinheiro dele.

A porta se fechou.

— Gosto do corpo dele, também — respondeu Maureen com falsa doçura, sentindo a raiva crescer dentro de si.

— Ei, não quis dizer isso, Maur — Robbie exclamou, andando depressa para alcançá-la. — Eu só queria...

Não completou a frase, sacudiu os ombros e apertou o botão do elevador.

— O que você queria?

— Eu queria dizer que... quero bem a você, só isso. — Entraram no elevador. — E não quero que Gavino a magoe. Ele é do tipo que coleciona mulheres bonitas como se fossem troféus. Não se importa com o interior das pessoas. E você é tão confiante. Ele ainda vai quebrar o seu coração. — Robbie apertou o ombro de Maureen. — Não quero ver isso acontecer.

A irritação de Maureen desapareceu diante essa demonstração de preocupação e carinho.

— Não vai acontecer, Robbie. Prometo. — Ela segurou a mão do rapaz e a porta do elevador se abriu.

Edward estava esperando a poucos passos dos elevadores, olhando para o relógio. Levantou os olhos no momento em que a porta se abriu e o sobrolho franzido foi substituído por um sorriso.

Maureen sentiu o coração dar um pulso. Estava mesmo se apaixonando. Adiantou-se, deixando Robbie para trás e estendendo a mão em direção à mão morena que procurava a sua.

O coração de Edward acelerou. E sua reação não era devida somente à beleza dela. Tinha também a ver com o sorriso caloroso, com a expressão de prazer não censurado que havia aparecido em seus olhos quando ela o vira, com a maneira com que ela lhe dera a mão, sem se fazer de rogada. Ele sabia apreciar uma mulher que tinha a capacidade de deixar claro seu interesse por um homem, sem exigir declarações de amor ou compromissos formais.

— Desculpe-me pelo atraso — falou, quase sem fôlego, sorrindo para ele. — A modelo da campanha *Sofisticação* leva um pouco mais de tempo para se aprontar do que eu havia imaginado.

Edward tomou-lhe a outra mão entre as suas e olhou-a de cima a baixo, como se não houvesse mais ninguém presente. Os finos saltos altos faziam com que suas pernas bem torneadas parecessem ainda mais longas do que já eram. O casaco de cetim preto, de corte severo, fazia sobressair sua natural elegância. E, mesmo não sabendo o que ela fizera para que o cabelo encaracolado formasse um halo prateado ao redor de sua cabeça, conferindo-lhe um ar de princesa de conto de fadas, sentia a sedução do contraste entre a sofisticação da roupa e a ingenuidade do rosto.

— Valeu a pena esperar — respondeu ele, acariciando-a com a voz como a acariciara com o olhar. — Você está lindíssima. E extremamente elegante — completou, apertando-lhe as mãos.

— Você também — ela replicou, sorrindo e olhando-o com admiração.

Ele estava realmente muito elegante, vestido com um terno preto feito sob medida. A gravata de seda era estampada em cinza, preto e vermelho. A camisa de cambraia de linho branca realçava o moreno de sua pele. Com o lenço de seda vermelho colocado no bolso, o botão de ouro do colarinho que mal aparecia sob o nó da gravata, o par de abotoaduras em ouro cinzelado nas mangas da camisa, poderia ser modelo de qualquer capa de revista internacional.

Muito elegante. Muito másculo. Muito desejável. Todos os outros homens do hall de entrada do hotel pareciam meros meninos comparados a ele, pensou Maureen, devorando-o inconscientemente com os olhos.

— Vamos jantar no hotel? — perguntou Robbie, com voz ferina, fazendo-os

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
lembrarem que havia outras pessoas presentes.

Foi difícil para Edward afastar-se da mulher que o excitava com tanta facilidade.

— Só tomaremos os aperitivos aqui — respondeu, educadamente, apesar do calor que começava a sentir por dentro.

Forçou-se a largar a mão de Maureen para cumprimentar o rapaz. Robbie não teve escolha, a não ser responder ao cumprimento.

— É um prazer revê-lo — disse Edward, apesar de estar, novamente, com os olhos grudados em Maureen. — O resto do pessoal já está no bar. Venham por aqui — sugeriu, dando o braço para Maureen.

O resto do pessoal era composto pelos outros membros do time que trabalhavam na campanha dos produtos *Sofisticação*. Maureen já conhecia a gerente de produção, Terri Gunnerson, e Taylor Jones, o modelo masculino, pois havia trabalhado com eles em Nova York. Os outros, entretanto, eram todos ingleses.

Jeffrey Wainright, com o tipo físico de um caubói e o sotaque afetado da classe alta inglesa, era o cabeleireiro que a pentearia. A maquiadora, com a pele clara e rosada típica das inglesas, ostentava uma faixa roxa nos cabelos loiros. Seu nome era Lulu.

O resto do grupo, dois homens trajando ternos escuros e uma mulher usando um conjunto clássico em *tweed*, eram funcionários executivos das Indústrias Gavino e estavam ali só para serem apresentados a Maureen.

— O que gostaria de beber? — Edward perguntou, puxando a cadeira para que ela se sentasse.

Você, foi a primeira resposta que lhe veio à mente. Ao inclinar a cabeça um pouco para trás para olhá-lo, deixou à mostra, entre as lapelas entreabertas do casaco, a longa linha do pescoço e insinuante elevação dos pequenos seios. Seu cabelo tocava as mãos dele que seguravam o espaldar da cadeira. Mais parecia luar líquido, macio, fresco e sem peso tocando a pele masculina.

— Para beber — ele disse com voz rouca, enquanto ela continuava a encará-lo.

— Oh! — Maureen endireitou-se na cadeira. — Quero um... — Ele se sentara e passara o braço pelo espaldar da cadeira. Ela perdeu a respiração. Estava tão próximo!

— Um *slumdy*! — ele perguntou, inclinando-se mais em sua direção. Falou em voz baixa, com expressão que revelava intimidade, brincadeira e conspiração.

Maureen balançou negativamente a cabeça, sem deixar de olhar dentro dos olhos.

— Então um copo de vinho branco? — voltou a sugerir.

O cabelo dela tocava novamente sua mão e podia sentir o inebriante perfume que usava, intensificado pelo calor do corpo. Onde será que ela o usava? Atrás das orelhas? No

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
pescoço? Entre os seios? Atrás dos joelhos?

— Bem, nada. Eu...

Maureen passou a língua nos lábios, desviando o olhar, desconcertada porque podia *senti-lo* tocando-a com os olhos, tocando seu pescoço, seus seios... Seus mamilos se enrijeceram sob o tecido do casaco. Se não fosse pela roupa que usava, sua excitação seria evidente.

Não que negasse esse conhecimento a Edward. Nem de longe. Foi tomada por um repentino e profundo desejo de deixá-lo saber exatamente como e quanto a afetava. E de ver como o afetava.

— Edward, eu...

— Temos tempo para mais um drinque? — alguém perguntou do outro lado da mesa. Ele precisou de enorme força de vontade para responder educadamente.

— Acho que não. A reserva, no restaurante, foi feita para as nove horas. — Pediu a conta e levantou-se, enquanto todos o seguiam.

O restaurante escolhido era italiano. Maureen pediu que Edward escolhesse um prato para ela, uma vez que tinha gostado muito do que comeram no almoço. Tocou levemente a mão dele e descobriu os pelos negros eram tão macios quanto pareciam. Ninguém, exceto Robbie, notou o tom de intimidade entre os dois.

— Você pode escolher para mim, também, Edward — pediu ela. — Não entendo nenhum desses nomes italianos, com exceção do "espaguete com molho de tomate".

— Grande idéia. Edward, você pode pedir para todos nós, já que é o especialista em comida italiana — sugeriu um dos executivos.

— Alguma objeção? — perguntou Edward, dando uma olhada ao redor da mesa.

Por um momento pareceu que Robbie ia objetar, e não muito educadamente. Seus olhos castanho-esverdeados fixaram-se em Maureen, com um estranho brilho, e depois moveram-se até Edward, cheios de ressentimento.

Qual seria o problema com Robbie?, perguntou-se Maureen. Sabia que ele se preocupava com o seu bem-estar, mas estava levando o papel de irmão protetor um pouco longe demais. Ia dizer alguma coisa, quando sentiu a mão de Edward em seu braço e viu que ele balançava a cabeça como se dissesse *Agora não*.

— Parece que não tenho outra escolha. Afinal, o dinheiro é seu — manifestou-se Robbie, devolvendo o menu grosseiramente ao garçom.

Todos o olharam, esperando que a raiva de Edward caísse sobre o rapaz. Nada aconteceu, entretanto. Edward fitou Robbie por um segundo, com um pouco de pena e algum desdém estampados no rosto. Em seguida concentrou-se, com toda deliberação, no

CAPÍTULO IV

— Podem ir na frente — Edward falou, colocando a mão no braço de Maureen, enquanto os outros estavam entrando em dois táxis, na frente do restaurante. Levantou a outra mão e chamou um terceiro táxi. — A modelo *Sofisticação* e eu iremos dar uma volta rápida por Hyde Park, já que ela não conseguiu vê-lo esta tarde.

Robbie parou instantaneamente, com um pé dentro de um táxi, outro na calçada.

— Você acha que deve ir, Maur? — perguntou o rapaz, franzindo a testa. — Sabe como é difícil para você acordar cedo. — Olhou para Edward. — Ela acorda sempre com um mau-humor incrível — explicou, fazendo com que todos tivessem a impressão de que dividiam não só o café da manhã, mas também a cama.

Maureen ficou de boca aberta com as implicações da declaração.

— E, além disso, Maur fica com uma aparência horrível e fotografa muito mal, se não dormir oito horas por noite — acrescentou o rapaz.

Maureen deu um passo na direção dele. *Maldição, Robbie, você já disse o suficiente*, foi a mensagem que seus olhos enviaram.

Edward segurou-lhe o braço com mais força, a fim de evitar que ela explodisse de raiva.

— Impossível — comentou a seguir, ajudando-a a vestir o casaco e fazendo-lhe uma leve carícia nos ombros. — Tenho certeza de que Maureen tem sempre a mesma aparência maravilhosa. Mas para deixá-lo descansado, prometo colocá-la na cama antes da meia-noite — disse, encarando Robbie.

Bem feito, pensou Maureen, endereçando um olhar gelado ao rapaz, antes de se virar para entrar no táxi.

— Não seja muito dura com ele — aconselhou Edward, assim que se acomodaram no banco de trás do carro.

— Muito dura? Gostaria de torcer-lhe o pescoço! Como Robbie pôde dar a impressão de que... de que nós...

Ela gaguejou, incapaz de colocar em palavras o que pensava. Só de pensar que pudesse nutrir outro sentimento que não afeição fraterna por Robbie deixava-a muito irritada. Era ridículo. Robbie era seu *irmão* e o fato de ter fingido ser algo mais era extremamente embaraçoso. Sabia, porém, que ele tivera apenas a intenção de protegê-la-

— Em geral, não é tão difícil conviver com ele — declarou, por fim.

Edward lançou-lhe um olhar cheio de ceticismo.

— É verdade. Durante a maior parte do tempo, ele é um rapaz atencioso e normal — apressou-se a explicar Maureen, embora se perguntasse porque ainda defendia o rapaz depois do que ele fizera.

Velhas lembranças de outros tempos vieram-lhe à mente. Robbie não merecia sua lealdade, mas precisava dela. Maureen virou-se ligeiramente, colocando a mão sobre a manga do paletó de Edward, num gesto que pedia sua compreensão para com o irmão adotivo.

— Alguma coisa, talvez a importância desse novo trabalho, está fazendo com que meu irmão aja de modo um pouco estranho — comentou.

Edward tomou a mão que estava sobre seu braço entre as suas, virou a palma para cima e observou-a, como se fosse um cigano prestes a ler a sorte de uma cliente. A pele era rosada, os dedos longos e elegantes, as unhas bem cuidadas. Queria senti-la sobre seu corpo.

— É você que está perturbando Robbie — disse ele, de repente.

— Eu?!

— O idiota está apaixonado por você.

— Não, Edward, você está errado. Nunca houve nada entre nós. Apesar do que ele sugeriu, nós nunca... — Ela parou de falar, embaraçada com o que tinha de dizer e, ao mesmo tempo, perturbada com as carícias que Edward fazia na palma de sua mão.

— Você não tem de justificar seu passado para mim, Maureen — explicou.

O passado dela, ou de qualquer outra mulher, bem como seu futuro, depois de encerrado um caso amoroso, realmente não o interessavam. E era isso que sempre tinha tido, casos amorosos. Qualquer outra coisa era por demais perigosa. Mesmo assim, por alguma razão desconhecida, sentiu-se feliz por saber que Robbie não tinha sido amante dela.

— O que quero dizer é que ele me ama, sim. E eu também o amo. Mas como irmãos, nada mais do que isso.

Edward agora acariciava-lhe o pulso, seguindo o traçado das pequenas veias com o dedo. Levantou-o e lambeu a pele, para conhecer-lhe o gosto. Era a carícia mais enlouquecedora que já lhe tinham feito.

— Ah, Maureen. — Ele levantou a cabeça para olhá-la. — Linda Maureen... Tão

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
sofisticada e, ao mesmo tempo, tão ingênua. — Tocou-lhe o rosto, afastando uma mecha de cabelo dourado. — Nenhum homem com sangue nas veias, que não seja seu irmão, pode amá-la fraternalmente. Seria impossível.

— Mas Robbie é meu irmão. Irmão de criação, pois a mãe dele casou-se com o meu pai e...

Ela calou-se de repente. Edward baixara a cabeça e estava concentrado em dar-lhe pequenos beijos no braço, subindo do pulso até a dobra do cotovelo.

Já tinha lido cenas desse tipo em romances, vira acontecerem essas coisas em filmes, mas nunca esperara passar pela mesma experiência. Homens modernos não faziam esse tipo de coisa. Ficou sentada, muito quieta, com o coração disparado, temendo que qualquer movimento seu pudesse fazê-lo interromper o que estava fazendo.

Os lábios de Edward chegaram ao ombro de Maureen. Ele afastou-lhe o casaco com o rosto e ela pôde sentir o calor de sua respiração contra a curva do pescoço. Edward segurou-a pelos braços, mantendo-a imóvel enquanto continuava a lhe dar pequenos beijos. Maureen suspirou e inclinou a cabeça para o lado, expondo ainda mais o pescoço. O táxi balançou, desviando de um buraco da rua. Os dois balançaram juntos e escorregaram para um dos cantos do carro. Edward sequer levantou a cabeça.

— Edward... — murmurou ela, embaraçada; tinha certeza de que o chofer podia ver tudo o que estava acontecendo no banco de trás.

Edward levantou a cabeça o suficiente para poder olhá-la de frente. Seus olhos estavam escuros e cheios de desejo, a muito custo controlado. A boca estava tão próxima que Maureen quase podia sentir o gosto de um beijo.

Ela se esqueceu de pronto que o chofer podia observá-los pelo espelho retrovisor. Com delicadeza, puxou o rosto de Edward para bem junto do seu, pedindo baixinho:

— Beije-me...

Com os olhos brilhantes, ele deslizou as mãos para as suas costas, fazendo o casaco cair e trazendo o corpo aquiescente para muito perto, beijando-a.

Maureen suspirou e tremeu, entregando-se ao prazer oferecido. Com uma das mãos, segurava-lhe os cabelos encaracolados, com a outra acariciava o peito musculoso. Sentia as batidas fortes do coração, o cheiro da loção pós-barba, o gosto do licor de anis com que tinham terminado a refeição.

Edward aprofundou o beijo e ela abriu mais a boca, aceitando a incursão da língua que a invadia, usando a sua própria para experimentar, explorar os gostos e contornos.

Ele começou a mover as mãos, massageando a pele nua das costas, chegando à curva externa de um dos seios. Maureen mudou de posição, instintivamente procurando

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
estabelecer contato. Ele segurou-lhe o seio.

Maureen gemeu baixinho.

— Nossa, você é deliciosa! — Edward tinha a respiração entrecortada. O calor da sua mão estava dando início a uma fogueira no corpo dela. — Faz dias, não, semanas que só penso em tê-la assim, em meus braços. Desde a festa de apresentação da linha de cosméticos, quando você tocou o meu rosto, venho sonhando com suas mãos em meu corpo. — Acariciou-lhe um mamilo, com delicadeza. — E com as minhas no seu...

Maureen só conseguia repetir o nome dele, com voz doce. O desejo a fazia estremecer e suspirar. Sentia o coração batendo forte, um calor gostoso pelo corpo todo.

Edward parecia saber exatamente o que ela queria. Levou a mão dela até seu sexo pulsante e cobriu-lhe a boca com um beijo arrebatador, ao mesmo tempo em que continuava a acariciar-lhe o seio. Maureen gemeu e segurou-lhe o membro rijo, sentindo-lhe o calor, a urgência...

— Desculpe por interrompê-los, mas já demos duas voltas completas no parque.

Os ocupantes do banco de trás deram um pulo de susto. Maureen tirou a mão do sexo de Edward e tentou afastá-lo.

— Querem dar mais uma volta? — perguntou o chofer, com um sorriso irônico.

— Acho que agora devemos voltar para o hotel — Edward respondeu, com toda a calma, aninhando Maureen ao seu lado.

Ele não parecia embaraçado pelo fato de ter sido observado. Maureen, entretanto, baixou o rosto corado de vergonha.

— Esse homem já viu coisas "piores" do que o que fizemos — Edward murmurou-lhe ao ouvido, em tom carinhoso.

— Mas não tinha visto a mim, fazendo essas coisas.

Edward recomeçou a beijá-la, descendo das têmporas para a boca sensual.

— Detesto ter de interrompê-los outra vez, amigos, mas já chegamos.

Edward suspirou e afastou-se, rindo da própria frustração. Seu olhar encontrou o de Maureen e ele parou de rir.

— Estou lhe pedindo, outra vez. Agora — disse baixinho.

— E a resposta é sim...

Não havia mais nada que ela pudesse responder. Não nesse momento. Não quando se sentia totalmente enfeitiçada.

Ele concordou com um gesto de cabeça, colocou o casaco sobre seus ombros, arrumando-lhe o cabelo, pagou a corrida, abriu a porta do táxi e ajudou-a a descer.

Caminharam, lado a lado, pelo hall deserto do hotel, tomaram o elevador, sem

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
precisar dizer mais nada. Desceram no andar dela, percorreram o corredor e, chegando ao seu quarto, ela tirou a chave da bolsa e entregou-a a ele.

Ele hesitou ligeiramente. Parecia que, ao aceitar a chave, estava também aceitando algo mais. Alguma coisa que nunca quisera aceitar de mulher alguma.

— Tem certeza, Maureen?

Ela levantou o rosto, espantada com a pergunta. Como ele podia perguntar-lhe isso, nesse momento? Como poderia não saber como ela se sentia? Como poderia não perceber que ela tinha toda a certeza do que estava fazendo?

É certo que tinha um pouco de medo. Uma certa ansiedade ao pensar para onde a emoção os estaria levando. Tinha, entretanto, certeza de que queria descobrir.

Intuiu, então, a incerteza dele. Fisicamente ele sabia muito bem o que desejava, mas, emocionalmente, temia as consequências de fazer amor com ela.

Ela estendeu a mão, tomou a dele, repetindo o gesto que ele mesmo tinha feito naquele dia.

— Tenho certeza, sim, Edward — falou, entregando-lhe a chave.

Ele pegou a chave e abriu a porta, fazendo-a passar à sua frente, preocupado com a rapidez com que o sangue lhe corria nas veias. Acalme-se, disse a si mesmo, vá devagar. Antes que a porta se fechasse, porém, já estava estendendo as mãos para segurá-la.

Seus braços musculosos se apossaram dela, suas mãos pousando na pele exposta das costas. Maureen levantou os braços com igual ardor, entrelaçando os dedos nos cabelos da nuca de Edward e forçando a cabeça para baixo, em direção à sua boca, sem se dar conta de que seu casaco e bolsa jaziam por terra. Nesse momento, só tinha consciência de estar nos braços do homem mais maravilhoso do mundo e do que ele a fazia sentir. Entregou-se a ele voluntariamente, exigindo que ele se entregasse a ela do mesmo modo.

Edward penetrou-lhe a boca com a língua, excitando-a com sua agressividade. A cada vez que ela usava a própria língua para explorar a boca masculina, porém, ele batia em retirada, lambendo-lhe o canto da boca, o queixo, o contorno do maxilar, até chegar à orelha, saboreando-a, ao mesmo tempo em que a enlouquecia com esse suave tormento.

Maureen deslizava as mãos suavemente pelos cabelos dele, pelas orelhas, pela nuca, acariciava os ombros largos. Ele, por sua vez, fazia as mãos subir e descer pelas costas dela, tocando-a tão de leve quanto os beijos que dava em seu rosto, pescoço e ombros.

— Já lhe disse o quanto gosto deste vestido? É surpreendentemente sexy e elegante.

Ela concordou, sem conseguir articular nenhum som que não fosse coerente com a emoção que os lábios, as mãos e a voz melódica e acariciante dele despertavam.

Edward continuava passeando pelas costas, subindo da cintura até as espáduas,

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
descendo novamente, até tocar a curva lateral dos seios.

— Essa roupa leva um homem ao êxtase. *Você* leva um homem ao êxtase somente por existir.

Maureen estremeceu de desejo.

— Edward. — Ela o agarrou pelos cabelos. — Beije-me. Agora.

Desta vez, foi Edward quem estremeceu.

— Então é isso que você quer — murmurou ele, resistindo, deliberadamente, ao impulso de esmagar-lhe a boca com a sua. Os olhos brilhavam, demonstrando ternura, desejo e uma espécie de orgulho masculino por ter despertado essa paixão feroz. — Deveria ter me dito antes.

Ela puxou seu cabelo.

— Edward!

Havia desejo tão grande quanto o dele no seu chamado. Ele gemeu e desistiu de resistir, baixando a cabeça como se fosse devorá-la por inteiro. Desceu as mãos pelas costas, até agarrar as nádegas firmes. Deu um passo para trás, encostando-se na parede e acomodando-a entre suas pernas abertas.

Ela podia sentir a rigidez do corpo excitado, pressionando seu abdome, fazendo-a querer encostar ainda mais apertado, agarrando-o pelo pescoço, entregando a boca ávida.

Edward gemeu, mudando de posição a fim de liberar as mãos e trazê-las para frente, segurando-lhe os dois seios.

Uma intensa sensação de prazer percorreu-lhe o corpo ao ser tocada em mais um dos lugares sensíveis. Prendeu a respiração quando os dedos hábeis e gentis encontraram os mamilos e os manipularam até que se tornaram túrgidos e sensíveis. Antes que pudesse respirar outra vez, e continuando a beijá-la, ele desceu as alças finas que seguravam o vestido pelos seus ombros abaixo.

O telefone tocou, fazendo-os dar um salto.

— Maldição!

— Talvez desistam — ela disse, esperançosa. — Provavelmente é engano. — Tocou mais duas vezes, antes que ela decidisse atender.

— Pode ser alguma emergência. Ninguém telefona a essa hora para dar boas notícias.

Caminhou até a mesa de cabeceira.

— Alô? — Ela fez uma careta. — Robbie? Por que está telefonando a esta hora da noite? Qual é o problema? — A careta ficou mais feia. — Sim, estou bem. — Olhou em direção a Edward. — Sim, nós... eu acabei de chegar. Sim, já estou indo para a cama. — Ela corou e Edward a encarou sorrindo. — O que? Não, por favor, agora não, Robbie. Boa noite.

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler

— Verificando se você está bem? — Edward perguntou secamente.

— Sim. Ele se preocupa comigo. Desde que éramos adolescentes.

— Não precisa me explicar nada, Maureen.

Ele não desejava ouvir mais nada.

— Você quer que eu vá embora?

— Ir embora? — Ela o olhou espantada. Por que desejaria ir embora? E justo agora?

— Não quero que você esteja preocupada com um antigo namorado quando fizer amor comigo pela primeira vez. Nem que ele nos interrompa em algum momento inoportuno.

Robbie não era um antigo namorado, ela quis explicar. Por alguma razão, Edward preferia pensar assim. Deixaria as coisas assim mesmo, pelo menos por enquanto.

— Podemos tirar o telefone do gancho e pendurar o aviso para não perturbarem.

Quase contra sua vontade, Edward aproximou-se, abraçando-a apertado. Respirou fundo, colocou a mão sob o queixo dela, forçando-a a olhá-lo nos olhos.

— Tudo bem. Vou colocar o aviso na porta. Enquanto isso, não quer ir ao banheiro colocar uma roupa mais confortável? — perguntou, sorrindo ante o clichê que estava usando.

— Sim — respondeu Maureen, não entendendo a piada. — Gostaria de trocar de roupa.

— Então vá. Estarei aqui esperando por você.

Chegando ao banheiro, Maureen tirou o vestido, os sapatos e a meia-calça e vestiu o robe curto de seda cor de cereja. Retirou a maquiagem, escovou os dentes. Com tudo isso feito, ficou indecisa quanto ao próximo passo. Olhou-se ao espelho. Não estava muito glamourosa com aquela roupa e sem pintura no rosto. Resolveu fazer uma maquiagem leve, que realçasse seus pontos positivos e, ao mesmo tempo, parecesse natural. Ficou melhor, mas continuava a não estar glamourosa nem sexy. Muito menos sofisticada.

Pois bem, estava se mostrando como realmente era. Só restava esperar que Edward desejasse a Maureen verdadeira e não a modelo da campanha *Sofisticação*.

A dúvida, entretanto a assaltou. Seria a mulher simples que Edward desejava? Ou preferiria a modelo sofisticada? Afinal, essa última imagem era criação dele. Talvez fosse o ideal feminino que tivesse em mente...

Ora, mas o que estava fazendo ali, quase nua no banheiro, enquanto Edward a esperava no quarto?

Ele era o chefe. E ela mal o conhecia. Deveria ter pedido seu tempo, dito que não tinha certeza. Deveria tê-lo deixado partir depois do telefonema de Robbie. Deveria ter ouvido os

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
conselhos da mãe. Deveria...

Tarde demais. Ele a esperava no quarto. Ele a desejava tanto quanto ela o desejava. Quer dizer, desesperadamente.

Colocando os ombros para trás, amarrou o cinto do robe ao redor da cintura fina, apagou a luz e abriu a porta do banheiro. O quarto estava na penumbra, iluminado só pela luz da lua.

— Edward?

— Estou aqui.

Sim, agora podia vê-lo. Estava sentado na cama, encostado nos travesseiros, com as mãos atrás da cabeça. O peito recoberto de pelos escuros contrastava com a brancura dos lençóis. Ele abriu os braços, convidando-a a aproximar-se.

— Venha cá — pediu suavemente, a voz baixa e trêmula na escuridão.

Maureen foi. Ele ergueu o lençol, cobrindo-a assim que se deitou, e puxou-a para junto de si. Seu corpo, grande e forte, aconchegou-a ternamente.

— Você demorou tanto no banheiro que cheguei a pensar que tivesse mudado de idéia.

Maureen aproximou-se mais, colocando a cabeça em seu ombro e dando um suspiro profundo. Suas dúvidas foram dissipadas pelo calor do corpo másculo e pelo conforto oferecido pelos braços fortes.

— Jamais mudarei de idéia — falou, deliciando-se com a textura dos pelos encaracolados contra seu rosto. Passou o braço pela cintura dele, segurando-o. — Agora, não vai poder fugir de mim.

— Não quero fugir. — Segurou-a pelos braços e puxou-a mais para cima. — Agora, não. Ainda não. — Talvez nunca, pensou. — Beije-me... — pediu com voz rouca, usando o beijo para esconder o pânico interior despertado pelo que acabara de pensar.

Maureen obedeceu, feliz da vida. Usou a língua, os dentes e os lábios para, lentamente, enlouquecê-lo.

Sentiu as mãos dele deslizarem por suas costas, ate a barra do robe curto, e segurarem com firmeza suas nádegas nuas. Ela arqueou o corpo enquanto ele lhe apertava os quadris, soltando um gemido que vinha das profundezas de seu ser. Vagarosamente, ele colocou-se por cima dela, aprisionando-a. Seus corpos faziam deliciosas evoluções, como se seguissem a coreografia de um balé apaixonado. Ela abraçou-o pelo pescoço, segurando-o com força.

Mal conseguia respirar com o peso de Edward sobre seu corpo e a boca que parecia querer devorá-la com beijos ansiosos. Não se importava com isso, porém. Ao contrário, adorava sentir aquele corpo pressionando-a contra o colchão, adorava a língua entrando em

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
sua boca e as pernas musculosas entrelaçadas às suas.

— Vamos tirar isso — sussurrou Edward, saindo de cima dela e ajudando-a a sentar-se em seu colo.

Suas mãos estavam quentes e firmes, quando, deliberadamente, acendeu a luz do abajur e segurou as lapelas do robe vermelho-cereja.

Abriu lentamente a roupa que protegia Maureen, expondo em primeiro lugar o vale entre os seios, depois a barriga lisa e, por fim, os pelos entre as coxas macias. Com os olhos brilhantes como carvões em brasa, Edward escorregou um dedo da base do pescoço de Maureen até os pelos loiros encaracolados.

Ela prendeu a respiração e arqueou as costas, arrepiando-se com a carícia leve.

— Sim — murmurou ele.

Abriu ainda mais o robe, revelando os seios eretos, com os mamilos endurecidos, a cintura fina e os quadris arredondados. Puxou mais um pouco a roupa, que deslizou pelos ombros bonitos e caiu sobre os lençóis.

— Você é linda — falou com voz tremula. — Tão linda!

Maureen sentiu-se corar diante do olhar cheio de desejo e precisou resistir à vontade de cobrir-se.

— Sou muito magra — murmurou, sentindo-se exposta e vulnerável como jamais se sentira antes. Levantou as mãos e cobriu os seios. — São muito pequenos.

Edward segurou-lhe os pulsos gentilmente e a fez baixar as mãos.

— Você é perfeita — declarou, acariciando-a com reverência do pescoço até os joelhos, passando pelos seios, pelas curvas da cintura e dos quadris, pelas coxas firmes. — Simplesmente perfeita — murmurou, segurando-lhe os seios.

Sentia-os pequenos e delicados nas palmas das mãos, infinitamente macios e excitantemente alvos em contraste com sua pele escura. Tocou os mamilos rijos com a ponta dos dedos, fazendo-a arquear as costas outra vez.

— Quero sentir o seu gosto — pediu ele, fazendo-a apoiar-se sobre as mãos e os joelhos a fim de que os seios ficassem próximos à sua boca.

Ele começou a brincar, passando a língua ao redor dos mamilos rijos, fazendo pequenos ruídos de satisfação e prazer, até que ela pensou que não seria mais capaz de aguentar a deliciosa tortura. Arqueou o corpo, aproximando ainda mais os seios da língua enlouquecedora, e soltou um gritinho no momento em que Edward mordiscou-lhe de leve os mamilos.

Gemeu, novamente, quando ele tocou-a no púbis. Tornou a gemer quando os dedos experientes a penetraram, cada vez mais profundamente, enviando ondas de calor e emoção

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
por todo seu corpo.

Nunca havia se sentido assim antes, nem mesmo sabia que era possível experimentar um prazer tão grande, tão perturbador, que a fazia perder o senso da realidade.

Era como se chamasse de prazer a percorressem inteira, aquecendo-lhe a pele, fazendo o sangue ferver-lhe nas veias. Continuou a gemer, com a respiração entrecortada.

Edward também estava ofegante, lutando para se controlar, enquanto ouvia os murmúrios de prazer que Maureen emitia. Sentiu que os quadris dela se moviam ritmicamente e ouviu-a chamá-lo.

— Edward, por favor!

— Um minuto só — pediu ele, estendendo a mão livre em direção ao preservativo que havia deixado sobre a mesinha de cabeceira.

— Não. — Maureen pressionou o corpo contra o dele. — Não precisamos disso — murmurou, deixando-o saber que ela estava protegida por outro método.

— Então, tome posse do que quiser, Maureen. Quero entrar em você...

Ofegante, ansiosa, ela moveu o corpo mais para baixo, posicionou-lhe o sexo com a mão e colocou-o dentro de si. Chegou ao clímax quase que instantaneamente, e precisou morder o lábio inferior para impedir que um grito ecoasse no quarto.

— Não, não se controle. Quero ouvi-la. Quero ouvir o que você sente comigo — pediu Edward.

Perdendo todo o controle, ele rolou por cima dela, abraçando-a, beijando-a e penetrando-a com rapidez cada vez maior, até ouvi-la gritar novamente.

— Sim, amor, sim — sussurrou ele.

Em seguida, ergueu o torso, ao mesmo tempo em que pressionava os quadris para baixo e para frente.

— Oh, como é bom!

Ele abaixou o corpo suado de prazer, sustentando-se sobre os cotovelos, e começou a dar inúmeros beijinhos no rosto e no pescoço de Maureen. A respiração de ambos estava acelerada, os corações disparados.

Maureen escondeu o rosto entre os pelos escuros e encaracolados do peito masculino, buscando o reequilíbrio.

— Nunca foi tão maravilhoso, antes. Eu já tinha lido sobre essas sensações, mas jamais acreditei que... — Não conseguiu terminar a frase, ainda maravilhada com o que acontecera.

— Posso dizer o mesmo — confessou Edward, com certa hesitação.

Beijou-a com delicadeza, rolou para o lado e ajustou-se de modo a que ela pudesse

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
repousar a cabeça em seu ombro.

— Já é tarde, Maureen. Você precisa dormir.

Ela fechou os olhos, obediente. Satisfeita, acomodou-se ao lado de Edward como se fosse um gatinho. Existiam muitas coisas que queria dizer a ele, que queria ouvi-lo dizendo em seu ouvido. Havia novos sentimentos a serem examinados, explorados e discutidos. Mas tudo isso podia esperar até mais tarde. Não havia pressa. Pegou no sono, feliz e satisfeita.

Edward permaneceu acordado, pensando que talvez tivesse se envolvido em uma situação emocional do tipo que, até então, sempre havia evitado.

CAPÍTULO V

— Vire a cabeça um pouco para a direita, Maur. É isso aí! Perfeito! Agora, faça aquele beicinho sexy. Isso... Umedeça os lábios com a língua. Outra vez... Você está quente, está fervendo agora. Perfeito. Absolutamente perfeito!

Robbie trabalhava numa espécie de transe, falando ininterruptamente enquanto ia batendo as fotos. Esticava a mão e estalava os dedos sempre que queria que a máquina fosse trocada. Não parecia perceber que estavam trabalhando há quase quatro horas sem nenhum intervalo. Não parecia ter fome ou sede e nem ficar cansado. Era claro que não ocorria ao gênio da fotografia que os outros membros da equipe eram apenas seres comuns, que precisavam suprir necessidades básicas, como comer e descansar.

Embora Maureen apreciasse o fato de Robbie estar mais dócil e bem humorado nesses últimos dias e não quisesse contrariá-lo, estava faminta e tendo alucinações que envolviam altos copos de cerveja estupidamente gelada. Além disso, sentia dores no pescoço devido ao longo tempo em que estava fazendo pose.

— Robbie — ela disse, esquecendo de fazer uma cara sexy.

— Não fale agora — ele resmungou, sem tirar o olho do visor da câmera. — Está arruinando sua expressão sexy. Umedeça o lábio outra vez. Muito bom — encorajou, enquanto ela obedecia. — Agora olhe para Taylor.

Taylor Jones era um moreno alto, bonito e sensual. Estava encostado na lareira, vestia um robe cor de vinho e olhava para Maureen. Esse era o trabalho dele, olhar para Maureen

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
com graus variados de amor e desejo.

O modelo vinha fazendo um trabalho admirável há dias. Tinha olhado para ela com admiração enquanto andavam pela Lambert Walk, em Londres, para que Robbie os fotografasse tendo o Big Ben como cenário. Fitara Maureen com indulgência enquanto um estudante a ensinava a segurar um taco de *cricket*, e a observara com paixão num bar enquanto Robbie contornava a mesa onde estavam sentados, batendo foto atrás de foto.

E agora, num quarto de hotel em Paris, Taylor estava há horas naquela pose pretensamente desinteressada. Maureen calculou que o modelo estivesse tão cansado quanto ela. Tão cansado quanto todos os outros, exceto pelo louco com a câmera fotográfica.

— Robbie — ela chamou outra vez, sem sair de perto da cama e da pose em que eslava.

— Maur, quero ver um daqueles olhares "vem quente que eu estou fervendo" que só você sabe dar. Faça-o realmente quente.

— Robbie, estamos todos...

— Vamos lá, mais calor — o rapaz pediu, impaciente. — Você usa *Sofisticação* e está em Paris com seu amante. Vamos ver um pouco de calor.

Maureen suspirou e prometeu para si mesma que faria um intervalo quando o próximo rolo de filme acabasse. Tentou parecer-se com uma mulher quente olhando para o amante

— É isso aí, você conseguiu. Agora, abra os primeiros botões... Abaixar o ombro esquerdo um pouco, agora o outro. Deixe a camisa escorregar. Devagar, devagar... — Ele a encorajava sem parar, o tom de voz era o de um amante. — Muito bem Maur, você está fazendo isso para mim.

Edward ainda não fora notado. Estava em pé, parado perto da porta, e observava Maureen trabalhar. Ela vestia um conjunto de pijama masculino de seda negra que, provavelmente, custava mais do que muita gente ganhava num mês. O cabelo loiro estava penteado para trás, preso com uma fivela de diamantes. O rosto estava maquiado com produtos da linha *Sofisticação*. E, mesmo assim, achou que ela não estava mais bonita do que estivera vestindo o robe cor de cereja, despenteada e sem nenhuma maquiagem. Na verdade estava até menos bonita, porque o brilho insinuante nos olhos que miravam Taylor não era real. Talvez fosse suficiente para dar água na boca de qualquer homem, mas, ainda assim, era uma pálida imitação da realidade.

Edward sabia disso porque conhecera a realidade.

E isso era suficiente para atingir um homem na própria alma. Suficiente para fazê-lo arder de tal forma que o obrigaria a procurar o frescor do corpo de Maureen. Suficiente para

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
fazê-lo ignorar os desígnios da mente lógica e seguir os desejos do corpo faminto.

E era *apenas* seu corpo que precisava de Maureen, tentou assegurar-se pela centésima vez. Afinal, era um homem viril com um forte impulso sexual. Adorava mulheres, todos os tipos de mulheres, desde que as tivesse encaixado numa categoria definida.

Existiam mulheres com as quais saía e tinha um relacionamento físico. Em geral, mulheres bem sucedidas e ambiciosas que só queriam um acompanhante eventual e se satisfaziam com uma troca de prazeres que não envolvia sentimentos; Existiam mulheres com quem tinha um relacionamento estritamente platônico: colegas de trabalho, familiares, amigas das irmãs; por fim, existiam mulheres com as quais ele não se envolvia de jeito nenhum. Eram aquelas mulheres que estavam a procura de casamento, compromisso e amor. Tinha pensado que Maureen pertencia à primeira categoria.

Ela era bem sucedida, sofisticada e inacreditavelmente sexy. Uma mulher de carreira, uma nova-iorquina. Mas havia algo mais. Algo que ia além do físico, que o fazia querer mais do que as cinco gloriosas noites de paixão que haviam compartilhado.

Observou-a agora. O olhar firme e inquisidor, a expressão cheia de desejo. Perguntava-se o que havia naquela mulher magra e elegante que o tentava a abandonar todas as defesas e querer mais. Querer algo que nunca quisera de outras mulheres.

Maureen olhou na direção dele, como se tivesse sido atraída pelo olhar intenso. O sorriso dela aumentou em sinal de boas vindas quando o viu. Os olhos cinzentos faziam um convite que parecia bem real e que era só para ele. Edward prendeu a respiração, deslumbrado com as emoções que ela deixava transparecer no lindo rosto.

Era *isso* que o fazia querer mais.

Deveria acabar com o relacionamento deles agora, pensou, antes que ela ficasse mais envolvida do que já estava. Antes que *ele* ficasse mais envolvido. Antes que tudo ficasse muito complicado.

Mas já era tarde, Maureen caminhava na direção dele, quase voando sobre o carpete branco, braços estendidos e a alegria em vê-lo estampada no rosto. Descobriu-se estendendo as mãos para ela, como se não tivesse mais controle sobre os próprios atos.

— Edward — o nome dele nos lábios dela era como uma carícia. — Só esperava vê-lo amanhã.

Não esperara estar em Paris até o dia seguinte, mas não conseguira ficar longe dela.

— Consegui me desvencilhar dos meus compromissos um pouco antes do que esperava.

— Fico feliz. — Ela o fitou com paixão. — Senti sua falta.

Só dois dias haviam passado, mas ele podia ver no rosto dela que falava a verdade.

Sinais de alerta soaram na mente dele, mas decidiu ignorá-los.

— Como você tem passado? — Ele perguntou, incapaz de admitir que sentira falta dela também. — Ocupada?

— Não o suficiente — ela respondeu, esquecendo-se de que Robbie os vinha fazendo trabalhar como uns condenados. — Pensei em você em cada minuto livre que tive — o sorriso dela se alargou —, e nos minutos em que estava ocupada também.

Edward riu suavemente e apertou-lhe a mão.

— Pensei em você também — admitiu abandonando a cautela.

— Pensou bem ou mal?

— Muito bem — assegurou ele com um sorriso malicioso.

— Eu também. Eu...

— Estão todos à sua espera Maur — Robbie reclamou.

— Não estão, não — Taylor afirmou antes que Edward ou Maureen pudessem reagir. Ele saiu de seu lugar perto da lareira e atirou-se na cama. — Estamos todos prontos para um intervalo.

— Ainda temos mais três trajes para fotografar hoje — lembrou Robbie.

— Apenas dois — corrigiu Terri Gunnerson, a gerente de produção. — O robe de cashmere branco e o caftan verde-esmeralda.

— Dois, três, que diferença faz? — Robbie perguntou irritado. — Ainda temos trabalho para ser feito hoje.

— Concordo — Terri tentou apaziguá-lo. — Mas um intervalo de dez minutos não vai fazer com que percamos o resto do dia.

— Se tirarmos dez minutos agora ficaremos sem almoço — Robbie argumentou, a voz desafiadora ao encarar a gerente de produção.

— Ficaremos sem almoço de uma forma ou de outra, pois o cabelo de Maur precisa ser arrumado. Ela deverá usá-los crespos para as próximas fotos.

— Crespos! — Robbie pareceu mais contrariado ainda. — Mas isso leva tempo demais.

— Tempo demais para quê? — Terri pôs as mãos na cintura. — Você não está pretendendo sair, está?

Robbie encolheu os ombros.

— Só não vejo razão para o cabelo dela ser encrespado.

— Você não precisa ver nada, só precisa tirar as fotos. Além disso...

— Além disso — Edward interveio —, *eu* quero que o cabelo dela seja encrespado. — Olhou para Maureen. — Ela ficará parecendo um anjo.

— E você é o patrão, certo? — O tom de voz de Robbie era ofensivo.

Edward o encarou. Todo mundo ficou tenso, esperando pela reação do patrão. Desde aquela noite em Londres, Robbie vinha fazendo de tudo para provocar Edward. Já era tempo de receber o troco. Uma parte de Maureen desejava que isso acontecesse logo, antes que a situação piorasse. Por outro lado, morria de medo das consequências de um confronto entre os dois homens. Não tinha dúvidas de quem se sairia melhor e o ego de Robbie não era forte o suficiente para sobreviver a uma reprimenda pública.

— Certo — Edward disse suavemente, surpreendendo a todos. — Eu sou o patrão. — E seu olhar dizia *É melhor que não se esqueça disso*.

Robbie o encarou, beligerante. Não queria dar o braço a torcer, mas também tinha medo de prosseguir.

— Bem — Terri quebrou o silêncio tenso —, por que não fotografamos o robe branco agora e depois fazemos uma pausa para o almoço? Para essas fotos o cabelo de Maur pode ficar como está, só tiraremos a fivela. Arrumaremos o cabelo para as fotos do caftan verde depois do almoço. Taylor — ela cutucou a perna do modelo —, você precisa vestir o robe azul-marinho.

— Preciso?

— Sim. Vamos, mexa-se.

— Mas, Terri...

— Não me venha com "mas", Taylor. — Terri tirou o robe do cabide onde as roupas estavam penduradas e o entregou para o modelo. — Você também, Maur, mexa-se. Vá vestir o robe branco.

— Mas eu estou faminta — Maureen reclamou, fazendo um beicinho, tentando aliviar a tensão que Robbie tinha criado.

— Seja uma boa menina — Edward pediu —, e faça o que Terri está mandando. Tenho uma surpresa para o almoço. — O olhar dele passeou pelo quarto. — Para todos vocês.

— O que é? — Ela perguntou em tom de brincadeira. — Pernas de rã, patê de fígado?

— Maureen, querida, por favor! — Lulu a admoestou. — Pernas de rã não. — A maquiadora fingiu colocar um dedo na garganta. — Só de pensar nisso já fico enjoada. Sabe o que eu gostaria de comer? Um bom filé com fritas. Não gosto dessas comidas francesas de nome impronunciável.

— Você mal consegue pronunciar o seu próprio nome, querida — brincou Jeffrey.

Lulu fingiu procurar alguma coisa para atirar no cabeleireiro.

Maureen riu e olhou para Robbie. Viu como poderia estar se divertindo?, dizia o olhar

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler dela. Mas Robbie virou a cabeça para o outro lado, recusando-se a dar-lhe atenção.

— Muito bem, pessoal — Terri pegou o aparelho de encaracolar cabelos que Lulu balançava na direção de Jeffrey. — Ao trabalho! Maureen, vá trocar de roupa. Quanto mais cedo terminarmos as fotos desse robe, mais cedo poderemos comer.

— Sim, senhora! — Maureen deu um leve aperto nos dedos de Edward e soltou, a mão da dele.

O banheiro era todo branco com acessórios dourados. Havia uma parede espelhada atrás da grande banheira. Ela tirou o pijama negro, perguntando-se quanto estaria custando alugar a suíte nupcial por um dia. Vestiu o robe branco que estava pendurado num cabide atrás da porta. O modelo era masculino, cortado num finíssimo e sensual cashmere. A lapela e os punhos eram de cetim branco. Amarrou o cinto firmemente ao redor da cintura e saiu do banheiro.

— Oh, você fica linda nesse traje, querida — Lulu elogiou. Indicou uma cadeira perto da janela francesa. — Sente-se aqui para eu poder fazer a maquiagem.

Maureen sentou onde foi indicado e o seu rosto foi limpo e maquiado de novo em cores totalmente diferentes. Lulu aplicou uma base clara, muito delicada, sombra cinza, lápis azul-marinho, blush e batom rosa. Jeffrey trocou a fivela de diamante por uma fita rosa pálida.

— Isso é a imagem da *Sofisticação*! — Maureen perguntou analisando o rosto ao espelho. Olhou para a gerente de produção. — Terri?

— Você está linda, como sempre. Mas está certa, alguma coisa não está certa.

— Edward, o que você acha? — Maureen perguntou.

Ele estava de pé, atrás da cadeira dela. Embora a campanha tivesse sido elaborada por um grupo de profissionais, a idéia original havia sido dele.

Edward estendeu a mão e levantou o rosto dela para poder vê-la melhor. Parecia uma noiva de conto de fadas, jovem, inocente e linda. E nada sofisticada. Era aterrador.

— Alguém tem um par de óculos? — Perguntou rouco.

— Óculos? — Maureen repetiu distraída pela rouquidão da voz dele. Era assim que ele falava quando estavam na cama, quando estavam tão próximos que não sabia onde acabava o corpo dela e onde começava o dele. Uma onda de desejo a invadiu deixando-a fraca. Dois dias era tempo demais.

— Algo pesado, de aro escuro — ela o ouviu dizer; parecia estar envolta por uma densa neblina.

Lulu tinha um par de óculos, pesados, de aro preto e sem grau, que ela usava como acessório de moda.

— Precisaremos de um jornal, também — Edward pediu enquanto colocava os óculos em Maureen. — O Diário Financeiro, se puder ser encontrado. — Ele deu a mão para Maureen e a conduziu para o terraço, sentando-a à mesa que Terri já havia preparado para o "café da manhã".

Sobre a mesa, estavam postos dois lugares, com louça branca e dourada. Em cada lugar havia uma metade perfeita de uma *grapefruit* e no centro da mesa havia um bule de café e uma cesta de *croissants*.

— Finja que está lendo — Edward sugeriu, colocando o jornal nas mãos dela. — Você é uma executiva que está em Paris a negócios. É uma engenheira química que trabalha numa grande indústria. Taylor é seu marido. Não, seu amante. Amante é melhor. — Ao terminar a frase, Edward surpreendeu-se com a onda de ciúme que o invadiu.

Ela o olhou por detrás dos óculos, com uma expressão que não era nem serena nem inocente.

Mas alguma coisa ainda não estava certa. Ela ainda parecia uma noiva. Edward estendeu a mão e abriu-lhe o decote do robe, deixando a curva dos seios exposta.

Maureen ficou imóvel, paralisada pelo toque sensual. Os mamilos endureceram de encontro ao tecido do robe, um calor gostoso cresceu dentro dela. Dois dias era tempo demais!

— É essa a expressão que eu quero — Edward disse, devorando-a com o olhar.

Maureen sabia que ele não estava só falando das fotos. Ele a estava vendo como já vira e queria ver outra vez: nua, na cama, os cabelos loiros espalhados no travesseiro e os seios arfantes, implorando para ser amada.

— Exatamente assim — Edward murmurou, seus dedos ainda no decote do robe, os olhos fixos nos dela.

Maureen levantou a mão e pressionou a dele sobre sua pele. Taylor cruzou as pernas e olhou para o outro lado. Terri pigarreou. Lulu suspirou. Robbie esbravejou:

— Se queremos terminar essas fotos antes de escurecer, é melhor começarmos logo.

Sem dizer nada, ainda encarando-a, Edward tirou a mão do peito dela e afastou-se.

Robbie mostrou-se tenso durante as primeiras fotos, mas, com o passar do tempo, foi relaxando e ficando envolvido apenas com o trabalho.

— É isso aí, Maur — ele dizia mais para si mesmo do que para ela. — Olhe por cima da xícara, olhe para o Taylor. Vamos, dê aquele olhar ardente. É isso aí, perfeito.

Se conseguia dar olhares ardentes, eles certamente não eram para as lentes de Robbie e nem para o homem sentado do outro lado da mesa. Eram para o belo homem moreno que estava fora do alcance das lentes e a olhava ardentemente também.

— Empurre os óculos para cima, eles estão escorregando, tudo bem, finja que está lendo o jornal. Inteligente, Maur, faça um olhar inteligente e sexy. Sim! É isso. — Robbie rodeou a mesa para tirar uma foto com a Torre Eiffel ao fundo. — Incline-se na direção do Taylor, como se tivesse mostrando para ele alguma coisa no jornal. Tudo bem, perfeito!

Maureen obedecia automaticamente a voz dele, seguia as instruções como se estivesse num sonho, olhava para cima, para baixo, segurava a xícara, soltava a xícara, lia o jornal, fingia ter um interesse ávido pelos números financeiros que lia no jornal, mas só tinha consciência da presença de Edward e das emoções que podia ver no olhar dele.

— Maur — alguém balançou a mão em frente ao rosto dela. — Ei, Maur, o almoço chegou.

Ela piscou e olhou ao redor. Taylor não estava mais sentado do outro lado da mesa, Robbie estava perto da janela francesa arrumando a câmera. Um garçom uniformizado abria as tampas das travessas que havia trazido sobre um carrinho. Toda a equipe estava ao redor dele. Nada parecia real, exceto Edward.

Ele foi ao encontro dela e a ajudou a levantar da cadeira onde ainda estava sentada.

— Seu almoço surpresa já chegou — ele murmurou controlando-se para não pegá-la no colo e carregá-la para o quarto dele. Ela parecia tão receptiva com aquele olhar sonhador. — Não está curiosa para saber o que é?

— *Cheeseburger* — gritou Lulu lá de dentro. — E *milkshake* de chocolate!

— Não estou com muita fome — Maureen disse pela primeira vez na vida.

Edward sorriu.

— Venha e dê uma olhadinha. — Ele a guiou até o quarto, passando por Robbie que bloqueava parcialmente a janela francesa que dava para o terraço. — Garanto que seu apetite voltará. Mas se não voltar, peço outra coisa para você. Quem sabe umas pernas de rã?

O sorriso que trocaram era íntimo, como o de amantes.

— Tenho um compromisso — Robbie anunciou, quebrando o clima que a ligava a Edward.

— Não vai comer? — Maureen perguntou.

— Tenho um compromisso — repetiu ele.

— Não demore — Terri o advertiu. — Não teremos um intervalo longo.

— Não se preocupe, estarei de volta a tempo. — Ao sair, deixou a porta bater com estrondo.

— Qual é o problema com ele? — Terri perguntou. — Anda num mau-humor...

A gerente olhou para Maureen. A essa altura, todos já sabiam que Maureen e Robbie eram irmãos de criação.

— Pode falar de Robbie na minha frente, não faz mal — Maureen avisou enquanto mexia o *milkskake* com um canudo. — Ele realmente anda mal humorado.

— Ele tem sido um chato de galocha, isso sim — Lulu bufou.

— Deve haver algo de errado com Robbie — Maureen tentou justificar, evitou o olhar de Edward. Sabia que ele achava que *ela* era o problema de Robbie. — Normalmente meu irmão não é tão... — Hesitou, procurando uma palavra que não fosse ofensiva, e concluiu: — ... temperamental.

— Isso é que e ser diplomática — disse Taylor, que estava deitado na cama.

— O que quer dizer com isso? — Edward indagou curioso.

— Robbie Lowell pode ser um gênio no que se refere a tirar fotos de mulheres bonitas, mas é um horror trabalhar com ele. Ele é um chato. Sinto muito, Maur, mas ele realmente é.

— Nem sempre — Maureen defendeu o irmão. — Este trabalho o está deixando nervoso, por isso age como...

— Um chato — Taylor completou.

— Taylor!

— É verdade, já trabalhei com ele cinco ou seis vezes desde que comecei minha carreira. E você, quantas vezes trabalhou com Robbie?

— Dúzias de vezes. Foi ele quem tirou a maioria das fotos que constam no meu *book*.

— Vocês também já participaram juntos de um projeto grande como o de agora?

— Essa é a primeira vez — Maureen admitiu.

Ela inclinou-se para frente e pôs o copo de *milkshake* em cima da mesa. Jeffrey levantou-se e ficou de pé atrás dela, para começar a arrumar-lhe o cabelo para as próximas fotos.

— Então pode acreditar em mim, Robbie fica completamente neurótico quando está trabalhando — declarou Taylor.

— Ele não pode ser tão mau — Jeffrey opinou. — Afinal, continua sendo contratado.

— Porque ele é bom. Muito bom — Taylor admitiu a contragosto. — Mas um dia desses, ser bom não será suficiente. Já aconteceu uma vez.

Maureen ficou brava.

— Robbie nunca foi despedido!

— E a campanha Bellamy?

Edward franziu a sobrancelha.

— Campanha Bellamy?

— Ele não foi despedido, houve apenas um caso de diferenças irreconciliáveis de

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
opinião entre ele e o diretor de arte — Maureen afirmou indignada.

Jeffrey puxou o cabelo dela gentilmente.

— Fique parada ou fará com que um de nós se queime com essa coisa — pediu o cabeleireiro, indicando o baby-liss.

— Desculpe — Maureen falou, antes de argumentar com os olhos brilhantes de raiva:
— A saída de Robbie foi um acordo mútuo, ele me contou tudo sobre isso, na época.

— Acontece que Peggy Keegan, que mora com Cassie Moore, uma das modelos da campanha, me disse que ele foi despedido por causa do mau humor e por não ser confiável

— Taylor parecia feliz ao dar essa notícia.

— Fofocas! — Maureen disse ironicamente. — Todo mundo nessa profissão vive disso. Mas pode acreditar *em mim*, Robbie é perfeitamente confiável.

Taylor deu uma olhada ao redor.

— Robbie não está aqui, está?

— Ele chegará a tempo — Maureen afirmou.

— É bom mesmo — Terri interveio. — Se terminarmos essa sessão até a uma hora, teremos bastante tempo para descansar antes da sessão noturna. E eu pretendo pôr o meu sono em dia.

— E eu vou conhecer Paris — Maureen informou, feliz por poder mudar de assunto.

— Bem, Taylor, você precisa vestir o *smoking* de veludo preto, com a camisa de seda branca e a echarpe. Não, a echarpe não. Tínhamos decidido que seria um exagero, não foi?

— Terri levou a mão atrás da orelha, onde normalmente colocava a caneta, mas não encontrou nada. — Ei, alguém viu minha caneta Cross? — perguntou, apalpando o bolso da camisa. — Droga, foi um presente do meu pai, será que eu a perdi?

Lulu colocou um lápis de sobancelha na mão de Terri, que agradeceu e prosseguiu:

— Taylor, você vai vestir o *smoking*. Maur, você veste o caftan verde que está no banheiro. Jeffrey pode terminar o seu cabelo depois que estiver vestida.

A porta da suíte abriu.

— Oh, ainda bem que está de volta — disse Terri, ao ver Robbie entrando.

— Tudo resolvido? — Edward perguntou.

— Sim, tudo resolvido — respondeu o rapaz, calmo.

Calmo demais, pensou Maureen. Os olhos dele tinham um brilho febril, uma mistura de triunfo e excitação contida. Maureen não o via daquele jeito há muito, muito tempo, mas sabia o que significava. Sentiu um súbito mal-estar.

Após o último *clic* da câmera, Maureen correu para o banheiro e trocou o caftan verde por uma calça justa de couro preto e uma enorme malha preta. Penteou o cabelo e tirou a maquiagem do rosto. Eslava preocupada, pois não sabia como fazer para conseguir falar com Robbie em particular. Tinha que falar com ele. Agora. E já podia ser tarde demais.

Apenas Edward e Robbie estavam no quarto quando ela saiu do banheiro. Robbie mexia na câmera e Edward estava encostado no batente da porta observando o fotógrafo.

— Bem, aqui estou — Maureen anunciou, um sorriso tenso no rosto.

Edward sorriu ao vê-la.

— Acho que vou precisar ir ao meu quarto e trocar de roupa antes de levá-la para conhecer a cidade. Quer subir e me fazer companhia?

Maureen evitou olhá-lo nos olhos.

— Subo daqui a pouco. Eu gostaria de falar com Robbie, antes. É um assunto de família. — Sentiu-se corar; sabia que a mentira estava estampada em seu rosto. — Encontro você em dez minutos.

— Prefiro esperá-la.

A voz dele soou normal, mas o olhar perdeu um pouco do brilho. Sabia reconhecer uma atitude suspeita quando via uma e sabia quando estavam mentindo para ele. Não gostava de ver Maureen fazendo isso.

— Não precisa. Vá indo na frente que eu já subo — ela insistiu.

Edward hesitou um segundo, querendo confrontá-la, mas acabou desistindo da idéia. Afinal, que direito tinha de exigir que Maureen lhe contasse a verdade?

— Dez minutos, então — falou, antes de sair da suíte.

No minuto em que a porta se fechou, Maureen encarou o rapaz.

— Muito bem, Robbie, o que você roubou dessa vez?

CAPÍTULO VI

— O quê? — perguntou Robbie indignado. — O que quer dizer com isso? Eu não roubei nada!

— Não minta para mim, Robbie.

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
— Não estou mentindo.

Mas ela sabia que o rapaz não estava dizendo a verdade. Todos os sinais apontavam nessa direção. Ele estava caindo num padrão familiar, exatamente igual ao de alguns anos antes. A insegurança estava sendo encoberta pelo mau-humor, pela excitação de estar fazendo algo proibido. Havia a dissimulação, a negação veemente e, depois, a confissão seguida de culpa e remorso.

— Não faça disso uma tempestade num copo d'água, Maur — o rapaz pediu negligentemente. — Foram apenas pequenas coisas, um furto recreativo.

— Furto recreativo? Isso é *roubar* — A essa altura, Maureen já eslava gritando. Olhou ao redor e baixou a voz, como se alguém pudesse ouvi-la. — Sabe o que pode acontecer se for preso num país estrangeiro? Não estamos nos Estados Unidos, Robbie. Eles o trancariam na cadeia e jogariam as chaves fora.

— Tolice. Você tem visto muitos filmes.

O rapaz pegou a câmera e começou a mover-se ao redor de Maureen, fotografando-a.

— Não posso deixar que isso continue — declarou ela, ameaçadora.

Robbie parou de tirar fotos e encarou-a.

— Você não vai me dedurar, não é Maur?

— Dê-me uma única razão para não fazê-lo.

Ele sorriu de forma encantadora, um menino tentando aplacar a zanga da mãe após ter sido pego fazendo travessuras.

— Lealdade familiar? — sugeriu o rapaz.

Maureen negou com um gesto de cabeça e Robbie deixou cair a máscara.

— Droga, foi apenas um incidente isolado. Foi uma única vez, uma brincadeira!

— Uma brincadeira? Você roubou por brincadeira?

— Chame isso de recaída, se a faz sentir-se melhor. — Ele encolheu os ombros.

— Oh, Robbie, por favor! A única coisa que poderia fazer eu me sentir melhor seria saber que incidentes como esse não voltarão a acontecer.

— Não voltarão a acontecer — o rapaz repetiu prontamente, com uma ponta de ironia.

Maureen o encarou. Estava chateada e não achava graça nenhuma na atitude dele.

— Estou falando sério, Maur — disse Robbie, resignado. — Não farei de novo. — Ao dizer isso, fez o sinal da cruz. — Eu juro.

— Como pode ter certeza? Mesmo que esteja falando sério, sabe que não tem controle sobre isso. Lembre-se do que o psicólogo disse sobre...

— Ah, não me repita essas bobagens psicológicas. Isso não teve nada a ver. Eu só

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
estava um pouco deprimido, e furtar me animou um pouco. A propósito, esse trabalho de agora é suficiente para deprimir qualquer um.

Maureen o encarou estupefata.

— Ora, o trabalho está correndo maravilhosamente bem!

— Sim, mas por quanto tempo? Gavino só me contratou por sua causa.

— Não é verdade!

— Corta essa, Maur. Gavino queria você, e sabia que você queria que eu fizesse o trabalho. — O olhar que o rapaz dirigiu a ela foi uma mistura de mágoa adolescente, rebeldia e infelicidade. — Então, ele bancou o poderoso chefe e deu para a modelo o que ela queria.

— Oh, Robbie, isso é loucura. — Maureen sabia que ele estava tentando fugir da raia com aquela conversa fiada. — Edward não contratou você por minha causa. Na verdade, aconteceu exatamente o contrário. Afinal foram as *suas* fotos que me conseguiram o emprego, lembra?

Robbie fez uma careta. Maureen percebeu que não adiantava nada usar a lógica quando ele estava agindo daquela forma, e mudou de argumentação:

— Tudo bem, digamos que você só conseguiu esse trabalho por minha causa. E aí, por quanto tempo acha que vai conseguir manter o emprego caso Edward descubra que está roubando?

— Você vai contar para ele? — Não havia desafio na voz do rapaz, agora. — Vai, Maur?

Ela hesitou. *Deveria* contar, claro. Como patrão deles, Edward tinha o direito de saber que existia um problema que poderia prejudicar a todos da equipe. E como amante de Edward, Maureen *queria* contar.

— Talvez... — murmurou ela.

Robbie atirou a câmera sobre a cama e agarrou os pulsos dela, machucando-a.

— Você não teria coragem, teria Maur? Não foi muita coisa, só uns chocolates, dois cintos e um estojo de maquiagem.

— Chocolates? Mas você nem gosta de chocolates. Por que...

Mas ela sabia porquê. Robbie nunca roubara nada de que precisasse ou gostasse. Pessoas que cometiam pequenos furtos raramente o faziam por necessidade. Eram dificuldades emocionais que as levavam a furtar: insegurança, doença grave na família, a perda de um ente querido por morte ou divórcio.

Talvez o pobre coitado esteja apaixonado por você.

Os olhos de Maureen se arregalaram enquanto as palavras de Edward ecoavam em

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
sua mente. Será que ele estava certo? Robbie estaria apaixonado por ela? Será que estava retomando hábitos antigos por sentir que a perdia para Edward?

— Vou devolver tudo. Eu... posso mandar tudo de volta anonimamente. E não vou fazer mais, prometo. — Ele parecia um garotinho com medo que alguém contasse para a mãe que o encontrara fumando e lendo revista pornográfica escondido. — Por favor, não conte.

Maureen suspirou aliviada com a nova atitude dele. Edward estava errado, decidiu. Robbie sentia por ela a mesma coisa que qualquer irmão sente pela irmã mais velha. Edward estava interpretando a situação de modo errado por que desconhecia os problemas emocionais do fotógrafo.

— Tudo bem, Robbie, não direi nada. Mas tenho algumas condições.

— Peça qualquer coisa!

— Em primeiro lugar, devolva o que roubou.

— Colocarei tudo no correio hoje mesmo — ele apressou-se em concordar. — O que mais?

— Prometa que vai me contar quando estiver sentindo a vontade de roubar outra vez.

— Ela encostou a mão nos lábios dele para impedi-lo de falar. — Isso não é algo que você possa controlar sozinho, sei que precisa de ajuda. E então, promete?

Ele concordou, desanimado, e indagou:

— Mais alguma condição?

— Sim. Quero que me prometa também que vai procurar ajuda profissional assim que voltarmos à Nova York.

— Se eu fizer isso, você promete não contar nada a Edward?

— Eu...

— Maur, prometa!

— Prometo — concordou solenemente, sabendo que iria arrepender-se.

O sol de final de tarde filtrava-se através das leves cortinas, banhando a grande cama de casal e os dois corpos nus nela estendidos.

Maureen estava deitada de lado, a cabeça apoiada no braço de Edward, a mão acariciando-lhe de leve os pelos encaracolados do peito. Sentia o corpo deliciosamente satisfeito e a mente alerta e ativa, cheia de emoções conflitantes. Raiva e tristeza. Paixão. Amor e culpa.

Quando tinha aprendido a mentir tão bem?*

— O problema familiar foi resolvido? — Edward perguntara logo depois de deixá-la entrar na suíte.

— Sim.

— Robbie não está com nenhum problema, está?

— Oh, não, de jeito nenhum. — Dera-lhe um sorriso radiante. Radiante demais, sabia.

— Nós vamos passear agora?

Edward a observara em silêncio por um instante, a expressão indecifrável. Ela pensou ter visto um traço de suspeita no olhar dele por um momento. Não, devia estar imaginando coisas.

Ele havia segurado o rosto dela entre as mãos e dito:

— Se houver algum problema, gostaria de ajudar.

— Não há nenhum problema. De verdade — afirmara, sentindo-se péssima por estar mentindo. — De qualquer forma, obrigada por perguntar.

Beijara a palma da mão dele num gesto de agradecimento e então, de repente, alguma coisa havia mudado. Os dois permaneceram imóveis.

— Maureen?

Ela levantara os olhos, devagar.

— Acho que não estou muito interessada em passear — declarara dando uma rápida lambida na palma da mão de Edward. — E você?

Minutos depois os dois estavam na cama, ofegantes, esforçando-se para alcançar um clímax que deixou Maureen fisicamente saciada, emocionalmente insatisfeita e sentindo-se culpada por ter deliberadamente usado o sexo para distraí-lo e fazê-lo esquecer o assunto Robbie.

Por outro lado, não era esse o jogo que Edward também vinha fazendo?

Havia tentado contar-lhe, mais de uma vez, como se sentia a respeito dele. Que algo em seu íntimo se acendia e ganhava vida quando estava perto dele, que sorria de felicidade só de pensar nele. Mas Edward a impedira de falar com um beijo, uma carícia ou um sussurro excitante. E se isso não fosse usar o sexo, então não sabia o que era.

Assim sendo, Maureen controlara-se para não declarar seus sentimentos, sabendo que ele não estava preparado para ouvir o que ela desejava desesperadamente dizer-lhe. A princípio havia pensado que, como tantos homens, ele tinha medo de assumir um compromisso. Agora, porém, tinha certeza de que isso não era tudo, que havia mais alguma coisa por trás disso tudo. A idéia de que Edward também escondia algo a fez sentir-se menos culpada, embora não mais feliz.

— Você ainda não me disse qual era o problema do Robbie.

A voz de Edward soou macia. Os dedos dele acariciaram languidamente a curva das costas de Maureen.

Ela parou de acariciar-lhe no peito. Devia aproveitar a chance e contar tudo, pensou.

— Eu nunca disse que havia um problema — foi o que acabou dizendo.

Edward mudou de posição, virando-se para poder olhá-la de frente.

— Não era preciso dizer, Maureen. Tenho olhos.

Ela começou a puxar-lhe os pelos do peito e não disse nada. Edward suspirou.

— São as drogas?

Maureen o encarou.

— Claro que não.

— Ele tem todos os sintomas.

Maureen apoiou-se em um cotovelo para poder olhá-lo de cima.

— Não tem, não — afirmou, indignada.

— Você não mentiria para mim, não é? —, Edward perguntou, enquanto a observava de perto.

Maureen afastou-se um pouco.

— Robbie não usa drogas — afirmou com convicção, esquivando-se da pergunta.

— Não? Pois ele apresenta todos os sintomas.

— Sintomas?

— As mudanças bruscas de humor, a dissimulação, o rosto rosado e o olhar febril quando voltou de sua pequena "missão". Tem certeza de que Robbie não saiu para fumar ou cheirar algo?

— Ele *não usa* drogas — Maureen repetiu, feliz por poder soar tão convicta. Ajoelhou-se na cama, ao lado de Edward. — Ele *nunca* usou drogas. É só... temperamento artístico, só isso.

— É mesmo?

— Sim. — Ela empinou o queixo e jogou para trás a mecha de cabelo que lhe caía sobre o rosto. — Além disso, suas indiretas me ofendem.

— Não achei que estivesse dando indiretas. Na verdade, estava certo de ter sido muito claro ao emitir minhas fortes suspeitas.

— Bem, pode pegar suas suspeitas e... e...

Maureen não conseguiu terminar a frase, pois estava dividida por uma série de emoções conflitantes. Indignação por Edward acusar Robbie de ser um drogado, culpa por estar escondendo algo importante e dor pelas palavras que Edward não dissera e não a deixara dizer.

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler

— Oh, não importa! — ela exclamou, afastando-se dele.

Edward agarrou-a pelos braços. Estava se divertindo com a braveza dela.

— Eu não estava acusando você de nada.

— Eslava acusando Robbie, que é o mesmo que me acusar. Bem, não vou ficar aqui escutando-o dizer essas bobagens. — enquanto dizia isso, procurava suas roupas que estavam todas espalhadas pelo chão. Abaixou-se para pegar a calcinha de renda vermelha.

Edward alcançou-a, agarrou-a pelo pulso e deu um puxão, fazendo-a cair sobre ele. Edward girou na cama, segurando-a nos braços até que estivesse sobre ela.

Maureen encarou-o mal humorada.

— Deixe-me levantar.

Edward riu.

— Nem morto.

Maureen pousou as mãos no peito dele e tentou empurrá-lo.

— Deixe-me levantar, agora!

— Não. — Ele capturou as mãos de Maureen e prendeu-as contra o colchão, na altura da cabeça dela. — Você é uma tigresa quando está brava, não é? — Ele disse com admiração, um sorriso maroto iluminando o rosto escuro. Já nem se lembrava de Robbie e os problemas dele, não se lembrava de mais nada. Toda a atenção estava concentrada na linda mulher presa sob ele.

Maureen deu um chute, tentando acertá-lo no lugar que sabia ser o mais dolorido.

Edward riu sedutoramente e lançou uma perna sobre as dela.

— Vá para o inferno, Edward. Não estou achando nenhuma graça nisso! — Tentou libertar os pulsos, moveu o quadril para tentar movê-lo, mas só conseguiu ficar cansada. Finalmente, desistiu. O coração estava acelerado e a respiração, saía entrecortada. — Isso não é justo, sabia? — tentou dizer num tom conciliador.

— Sei, sim — murmurou ele.

— Então, solte-me.

Edward balançou a cabeça.

— Solte-me, Edward, agora! Se não me soltar, nunca mais falo com você.

— Ah, fala sim. — Ele abaixou a cabeça e roçou os lábios no pescoço dela.

Maureen tentou acertá-lo com o queixo.

Ele moveu-se para baixo, percorrendo com a língua o caminho entre a base do pescoço e o vale entre os seios.

— Edward, me solte! Quero me solte, agora!

Ela moveu-se violentamente até conseguir libertar as mãos e agarrar o cabelo dele.

— Nada disso — Edward disse casualmente, capturando as mãos dela outra vez e prendendo-as no alto, perto da guarda da cama.

Segurando-a com uma das mãos, começou a tatear o chão com a mão livre, à procura de algo.

— Edward, o que está fazendo? O que...

Ficou paralisada ao sentir algo macio e frio escorregando em seu rosto. Viu uma tira de seda vermelha. Uma gravata. A gravata *dele*. Edward levantou a mão e começou a enrolar os pulsos dela na gravata. Ele a estava amarrando!

A respiração de Maureen ficou presa na garganta. Um raio de excitação percorreu-lhe o corpo, mas estava determinada a não deixá-lo vencer a luta.

— Edward! Pare! Não ouse fazer isso!

Mas ele já tinha-feito. Os pulsos dela estavam firmemente presos à cabeceira da cama. Edward colocou-se sobre Maureen, os joelhos aos lados de seus quadris. Fitou-a com ar vitorioso, como um caçador olha para o animal que capturou.

A respiração dele estava ofegante; havia um brilho de excitação no olhar, as faces estavam coradas e os ombros recobertos por uma leve camada de suor.

Maureen viu que o membro de Edward estava rijo. Uma onda quente de excitação invadiu-lhe o corpo. Sentiu-se deliciosamente bem ao perceber que não tinha mais controle sobre a situação. Arqueou o corpo para cima, empinando os seios. Sentia-se voluptuosamente sexy e imensamente desejável.

Ele cobriu os pequenos seios com as mãos e acariciou com a ponta dos polegares os mamilos túrgidos.

— Edward, se você não me soltar agora eu vou... vou... — Maureen curvou o corpo ainda mais, tentando soltar os pulsos.

— Vai o quê? — ele perguntou, o olhar febril, cheio de desejo.

— Mordê-lo — ameaçou, a voz rouca de desejo.

— Pode morder — convidou ele.

Edward debruçou sobre ela para beijar-lhe o pescoço outra vez. Depois, explorou com a boca todos os delicados vales da base do pescoço e ombro. Seguiu um tendão sensível até a orelha e, deliberadamente, colocou o ombro ao alcance da boca de Maureen.

Ela levantou a cabeça da cama e colocou a boca aberta sobre a pele dele. Não mordeu, apenas mordiscou gentilmente o ombro de Edward. Percorreu com a língua o caminho que ia do ombro largo até onde começava o pescoço. Ali encontrou uma veia que pulsava, acelerada. E foi ali que ela o mordeu. Com força.

— Malvada — gemeu ele.

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
Mas a palavra foi dita como uma carícia.

Edward beijou o pescoço e os ombros de Maureen antes de pousar lábios e língua no vale entre os seios. Moveu a cabeça de um lado para o outro, as mãos juntando as esferas macias enquanto lambia um mamilo e depois o outro. Maureen arqueou o corpo, ansiando por um toque mais longo e exigente.

Ele a deixou querendo, os seios doloridos. Moveu-se para baixo, os dedos fazendo movimentos rotatórios nos bicos dos seios. Foi depositando beijos quentes e molhados ao longo do peito e do ventre.

Maureen começou a tremer em antecipação, cada nervo do corpo gritando por mais. Sentiu a ponta da língua de Edward tocar a depressão do umbigo por um curto instante. As mãos dele deixaram os seios e escorregaram para baixo, passando pela cintura, quadris, e pousando na parte interna das coxas de Maureen, abrindo-as para o beijo mais íntimo de todos.

As costas de Maureen arquearam-se de novo quando a boca de Edward a tocou. Mordeu o lábio para não deixar um grito escapar. Gemeu em êxtase, as mãos abriam e fechavam-se espasmodicamente, agarrava-se à gravata que a prendia.

Queria tocá-lo, acariciá-lo, proporcionar-lhe o mesmo prazer que sentia. Mas tudo que podia fazer era sentir e abandonar-se, sem vergonha nem culpa, à sensualidade hedonística e ao prazer que sentia.

A tensão dentro dela cresceu e cresceu até atingir picos inacreditáveis de prazer. Cada fibra de seu corpo explodiu numa imensa onda de êxtase.

Edward permaneceu imóvel por um minuto ou dois, o rosto pressionado contra o ventre de Maureen, ouvindo-a gemer. Ele sentia o coração prestes explodir; seu corpo ansiava por estar dentro dela, sua alma ansiava por ouvir as palavras de amor que nunca a deixara dizer.

— Edward — ela estava quase soluçando, o quadril ondulava de encontro ao corpo dele. — Edward, por favor.

Ele moveu-se, penetrando-a com uma arremetida controlada, sentindo o calor e a maciez de Maureen a envolvê-lo. Ela enlaçou-lhe os quadris com as pernas, abraçando-o da única forma que podia.

— É tão bom — gemeu ele. — Tão bom...

— Desamarre-me — sussurrou ela. — Quero abraçá-lo também. Desamarre-me.

Ele lutou um pouco com os nós até conseguir libertá-la das amarras. Maureen enlaçou-o pelo pescoço.

— Agora — comandou ela, agarrando-o com força. — Agora, Edward...

Ele começou a mover-se, dando arremetidas longas e lentas, planejadas para prolongar a sensação de prazer até onde fosse humanamente possível. A excitação foi crescendo até que Edward não teve outra alternativa a não ser mover-se cada vez mais rápido, levando-os cada vez mais para perto do gozo total.

Maureen o acompanhou em cada arremetida, e conseguiram juntos experimentar o clímax.

— Eu te amo, Edward — disse ela segundos depois, abraçando-o com força.

Ele a abraçou, acariciando-lhe os cabelos e beijando-lhe as faces rosadas. Desejava ardentemente poder dizer que também a amava, mas anos de condicionamento e cuidado o fizeram calar-se. Tinha um medo terrível das consequências de entregar-se ao amor. Por isso, disse as únicas palavras que podia:

— Sei que me ama.

Essas palavras pareceram satisfazê-la, pois Maureen afrouxou o abraço e descansou a cabeça na curva do pescoço dele.

Edward beijou-lhe a têmpora e afastou-se um pouco para poder olhá-la de frente. Um sorriso terno pairava em seus lábios.

— Ainda acha que nunca mais vai falar comigo? — brincou, lembrando-a da ameaça que fizera antes.

Maureen riu.

— Você é um perverso!

— Talvez. — Ele rolou na cama e a puxou para cima de seu corpo. — Mas você gostou tanto quanto eu.

— Perverso! — Ela repetiu. Corando, beijou-lhe o peito e depois pousou a cabeça sobre o lugar que havia beijado. — Mas eu gosto...

Edward a abraçou com força.

— Fico feliz.

Edward começou a acariciar-lhe as costas, até que pegou no sono.

Maureen ficou ali deitada, ouvindo o coração dele bater compassadamente. Estava confusa demais para dormir.

Odiava ter de mentir para o homem por quem estava apaixonada. Frente ao que acabavam de viver juntos, a traição dela parecia ainda pior. Queria desesperadamente poder contar tudo, destruir a barreira de mentiras que havia erguido entre eles. Mas não podia, fizera uma promessa a Robbie.

Será que Edward perdoaria uma mentira dita em nome do amor e da lealdade familiar?

Ela levantou a cabeça e o observou dormindo. Parecia menos poderoso e resolutivo, mais vulnerável. Tocou-lhe o canto da boca com a ponta dos dedos, carinhosamente. Lembrou-se da velha foto de jornal que a mãe lhe enviara. A vulnerabilidade que transparecia naquela foto podia ser vista ali, no rosto de Edward, enquanto dormia.

Maureen sentiu uma onda de amor, afeto e proteção invadi-la. Apesar de toda sua força, ele podia ser magoado...

Odiava Robbie por obrigá-la a mentir, pensou, surpreendendo-se com a força de sua raiva.

Mas não era realmente culpa de seu irmão. Na verdade, ninguém tinha culpa de nada nessa história toda.

Os olhos de Edward abriram de repente.

— No quê está pensando? — perguntou, sonolento, sem saber porque ela parecia tão pensativa.

— Em você — murmurou Maureen. Beijou-o levemente nos lábios antes de repetir: — Só em você.

Mas essa era mais uma mentira. Ou, pelo menos, não era toda a verdade. Ela suspirou e rolou para o lado, sentando-se na cama.

— Mas não fique muito convencido, Edward. Falo isso para todos os homens que encontro.

Ele tentou agarrá-la, mas Maureen já previa isso. Pulou da cama antes que Edward a alcançasse. Pegou a calcinha e o sutiã jogados no chão.

— Nada disso, seu pervertido. — Ela vestiu a calcinha enquanto ele a observava da cama. — Vamos lá, levante-se. Quero conhecer Paris.

— Você pode conhecer Paris hoje à noite — disse Edward, sentindo-se incrivelmente bem deitado ali, olhando-a vestir-se.

— Não, não posso. Devo trabalhar hoje à noite, lembra? Agora saia da cama, seu maníaco sexual. Quero ver mais de Paris do que o teto deste quarto.

CAPÍTULO VII

— Oh, Edward, que lindo! — Maureen inclinou-se para frente enquanto o grande carro preto passava por um portão de ferro ao final do muro de pedra que ladeava a estrada.

Andavam por uma estradinha no meio de um grande e bem cuidado jardim. Roseiras subiam as paredes da espaçosa casa térrea de cor rosada.

— Você esqueceu-se de me contar que era uma mansão renascentista — ela reclamou, lançando para Edward um olhar divertido. Tantas coisas ele ainda não lhe contara... — Disse apenas que esse era o "velho lar da família".

— Ora, a Villa Rosa não é exatamente uma mansão, não seja exagerada.

— Há quanto tempo sua família possui esse lugar? — indagou Maureen.

— Há oitenta anos, pode-se dizer.

— Por que "pode-se dizer"?

— Meu avô trabalhava aqui, como mordomo. Meu pai teria seguido os passos dele, caso não houvesse emigrado da Itália.

Edward interrompeu a explicação ao estacionar na frente da casa. Ficou imóvel por um momento, apreciando os sons e os cheiros do lugar. Em seguida saiu do carro e foi abrir a porta do outro lado para Maureen, antes de conduzi-la até a maciça porta de entrada. A porta era pintada de vermelho, com uma rosa entalhada no centro.

— Como você se tornou dono daqui? — Maureen perguntou, observando o entalhe que era igual às rosas das antigas abotoaduras de ouro que Edward sempre usava. — Ou será que eu deveria perguntar quando?

— Comprei a vila há seis anos, mais ou menos. Tirei umas férias depois que acabei a faculdade. Os negócios da família estavam indo bem, ou pelo menos estavam fora do vermelho. Resolvi procurar minhas raízes e vim para a Itália. Minha tia Aída nunca tinha saído daqui. Ainda era a cozinheira da família e, por falar nisso, uma ótima cozinheira. Bem, quando a oportunidade surgiu, achei que seria uma boa idéia comprar a casa.

— Justiça poética?

— É, acho que sim.

Ele deu de ombros, mas Maureen pressentiu que ter comprado a casa onde o avô fora um simples empregado era importante para Edward.

— Eu só queria que meu pai estivesse vivo para vê-la — comentou ele, pensativo. — Bem, vamos entrar?

O hall de entrada eslava bem mais fresco que o jardim. O teto era baixo e de madeira. As paredes de alvenaria eram pintadas de branco, e a cerâmica do chão estava encerada e brilhante. Havia um aparador em estilo rococó encostado numa parede, sob um espelho com moldura dourada. Um grande arranjo de rosas vermelhas enfeitava o aparador. Numa outra

parede, entre duas portas em arco, havia um quadro que parecia ser um Botticelli original.

Encantada, Maureen aproximou-se do quadro para observá-lo melhor. De repente, uma jovem apareceu correndo.

— Edward! — a garota gritou e se atirou nos braços dele.

— Marina! — Edward beijou-lhe as faces antes de colocá-la no chão e observá-la ansiosamente dos pés à cabeça. — Como você está?

— Estou bem. Sinto-me melhor.

— Você está linda. Engordou um pouco... Está até bronzeada, quem diria! — concluiu com aprovação.

A garota sorriu.

— É, um pouco.

— Isso é bom. — Ele a beijou de novo e depois a abraçou pela cintura, dizendo: — Maureen, gostaria que você conhecesse minha irmãzinha mais nova, Marina. Marina, essa é Maureen Spencer.

— Eu sei quem ela é. — A moça sorriu timidamente para Maureen. — Edward me mandou algumas fotos da campanha publicitária. É um prazer conhecê-la pessoalmente — disse, estendendo a mão para cumprimentar a hóspede.

Irmãzinha? Marina não era uma criança, Maureen pensou enquanto apertava a mão que a jovem lhe oferecera. Era uma jovem mulher. Tinha pelo menos vinte anos, e não quinze, como imaginara a princípio. Sua aparência era a de uma pessoa que se recuperava de uma doença séria. O cabelo era grosso e encaracolado, mas não possuía brilho; os olhos, tão parecidos com os de Edward, tinham olheiras.

— Fico muito feliz em conhecê-la também. Edward não me disse que tinha uma irmã que morando na Itália. Parece que parti do pressuposto que vocês todos morassem em Nova York.

— Ah, mas eu moro... Morava... Quero dizer... — a moça levantou os olhos para o irmão, pedindo socorro.

— Marina andou doente e agora está tirando umas férias — ele respondeu por ela.

— É verdade, eu li nos jornais que você esteve doente e veio se recuperar na Itália. Desculpe-me, eu deveria ter me lembrado antes — disse Maureen.

Fora imaginação sua ou Edward hesitara ao dar a explicação?

— Marina, querida, onde está tia Aída? — ele perguntou.

O belo sorriso retornou ao rosto da moça.

— Mas foi isso que vim dizer! Tia Aída está no terraço arrumando a mesa para o almoço. — Ela virou-se para Maureen. — Espero que esteja com fome, pois tia caprichou no

almoço.

— Estou faminta — Maureen respondeu, ignorando o olhar gozador de Edward.

— Vamos lá para fora, então. O terraço é muito agradável a essa hora do dia, e tia Aída usou a toalha cor-de-rosa de linho. A mesa está linda. Ou... — Marina olhou para o irmão com aquele olhar perdido outra vez. — Talvez... talvez queiram se refrescar um pouco, antes do almoço? — Ela parecia estar à beira das lágrimas. — Eu deveria ter pensado nisso antes. Perdoem-me, por favor. Fizeram uma longa viagem, devem querer se refrescar. Perdoem-me...

— Não se preocupe, não queremos nos refrescar — Maureen assegurou, dando o braço à jovem. — Além disso, Edward não fez outra coisa a não ser elogiar a comida da sua tia durante toda a viagem. Estou faminta. Qual o caminho para o terraço?

O pequeno grupo encaminhou-se para o terraço, as mulheres na frente e Edward atrás, observando-as com aprovação.

Uma senhora baixa e gorducha correu ao encontro deles quando apareceram no terraço de pedra. Ela usava um vestido preto com gola de renda, meias pretas e sapatos pretos. O cabelo estava preso num coque simples, na nuca. O rosto enrugado se abriu num sorriso de boas vindas.

O sorriso de Edward. A semelhança familiar era muito forte.

— *Bentornato*, Edward! — ela exclamou antes de beijar o sobrinho. — Seja bem-vindo, faz muito tempo que não vem para casa.

— *Si*, tia Aída. Faz tempo demais. Como vai?

— Muito bem, e você?

— Bem, apesar de um pouco cansado. Tenho viajado muito... — Ele sorriu maliciosamente para Maureen. — Mas estou ótimo.

Aída percebeu o olhar que o sobrinho lançou para Maureen e piscou para ele, dizendo algo em italiano. Edward balançou a cabeça, sorrindo.

Não era preciso ser uma especialista em línguas para ter uma idéia do que estava sendo dito, Maureen pensou ao sentir-se corar. Aída ficou encantada com a reação dela e riu, cobrindo Edward de perguntas.

— *Si, si, zia Aída*, ela é muito bonita, mas não é minha *fidanzata* — comentou ele.

Maureen reconheceu a palavra *noiva*.

— Ela é a garota-propaganda da coleção *Sofisticação*, tia Aída — Marina explicou. — Para a divisão de cosméticos da Gavino. A srta. Spencer é modelo. *Modella* — ela tentou fazer a tia compreender.

— Ah, sim. — A velha senhora pegou a mão de Maureen e sorriu. — É um grande

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
prazer conhecê-la. É muito bem-vinda, srta. Spencer.

- *Grazie* — ela usou a única palavra em italiano que conhecia.
- Mas, por favor, me chame de Maureen.
- Sim, Maureen. E eu sou tia Aída. Bem, agora vamos comer.
- Para isso Maureen não precisa de um segundo convite — brincou Edward.

CAPÍTULO VIII

Maureen ainda dormia quando Edward entrou pela porta do banheiro que conectava os dois quartos. Estava deitada de lado, de costas para ele. Os ombros nus, um joelho e um pé estavam descobertos. Edward parou ao pé da enorme cama e ficou observando-a dormir, pensando em como Maureen estava quase conseguindo romper as barreiras que ele havia erguido tão cuidadosamente ao longo dos anos.

Era uma mulher bonita, elegante e charmosa. Era também... Ele franziu as sobrancelhas; parecia não ter palavras para expressar o que sentia. Doce? Oh, Deus, ela era deliciosamente doce, inocente e provocadora, brincalhona, aberta e... tão disponível!

As mãos de Edward apertaram a guarda da cama. Maureen conseguira, sem muito esforço, fazer com que ele começasse a sonhar com coisas impossíveis. Amor, casamento...

Ela parecia pertencer a um conto de fadas. Parecia uma princesa de pele clara, perfeita, e cabelos prateados, só esperando que um príncipe viesse acordá-la com um beijo. Incapaz de resistir, Edward sentou na beirada da cama e debruçou-se sobre ela, acariciando-lhe os cabelos.

- Acorde, Bela Adormecida — murmurou, beijando-lhe a nuca.
 - Edward... — Ela abriu os olhos e sorriu. — Eu dormi muito?
 - Quase a tarde inteira. — Ele afastou-lhe uma mecha de cabelo do rosto. — Você devia estar exausta.
 - Não, só com preguiça. Você também tirou uma soneca?
- Edward beijou-lhe a palma da mão antes de responder:
- Não tiro "sonecas" desde os cinco anos.
 - Mas você parece descansado — disse Maureen, passeando os olhos pelo corpo

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
dele.

Edward havia tirado o paletó e a gravata e enrolado as mangas da camisa, de forma que os pelos no braço moreno ficaram à mostra. Seu rosto apresentava um leve tom rosado.

— Você parece mais relaxado, também — ela continuou, enquanto acariciava-lhe o ombro. — Tem certeza de que não dormiu um pouco?

— Talvez tenha cochilado um pouco ao sol — admitiu Edward, tentando controlar o desejo de encostar-se nela como um gato pedindo carinho. Ele se afastou um pouco. — Por que não pula da cama e vem para o jardim tomar um pouco de sol antes do jantar?

Maureen negou com um gesto de cabeça e acariciou-lhe o braço, argumentando:

— Eu me queimo com facilidade. Além disso, tenho uma idéia melhor. Por que *você* não pula na cama e... *descansa* um pouco?

Edward sorriu.

— Nada disso. Tia Aída sabe que estou aqui, foi ela quem me mandou vir chamá-la. — Mas ele abaixou a cabeça e começou a beijar o pescoço delicado de Maureen, usou o queixo para afastar o lençol.

Logo em seguida, Maureen pôde sentir o hálito quente de Edward no vale entre seus seios. Abraçou-o, puxando-o para mais perto.

— Eu deveria estar tentando descobrir o que você quer para o jantar — ele revelou. O cheiro dela, doce e suave, o estava envolvendo, excitando. — Então, o que você quer jantar?

— Você — ela murmurou no ouvido dele.

— Só pensa nisso, mulher? — Tentou parecer severo, mas a voz denotava carinho e prazer.

— Sim — Maureen respondeu, movendo o corpo sedutoramente de encontro ao dele. — Bem... — Segurou-lhe o rosto entre as mãos e olhou-o de frente. — Posso tê-lo?

Edward quis gritar que sim, que ela poderia tê-lo para sempre, até que a morte os separasse. Mas as palavras pareceram ficar presas na garganta. Respondeu apenas:

— Sim, você me terá, sua sapeca. E eu terei você, mas não agora. Tia Aída deve estar do lado de fora do quarto, contando os segundos que passo aqui dentro.

Maureen fez um beicinho,

— Se você se apressasse, não levaria mais que alguns minutinhos...

Edward riu maliciosamente.

— Querida, para aliviar a excitação que sinto agora eu levaria bem mais que alguns minutinhos. — Ele se debruçou e beijou-lhe os lábios.

Maureen imediatamente entreabriu a boba, oferecendo-a para ele, convidando-o a ficar.

Ele suspirou e afastou-se.

— Tive uma idéia. Vou avisar Tia Aída que vamos sair para jantar. Poderíamos ir até a cidade e jantar no Ristorante Al Santo. Só nós dois. Você gostaria disso?

— Sim, se isso não for aborrecer a sua tia, eu adoraria.

— Eu também. — Edward se curvou e beijou o bico de um dos seios dela. — Levante-se e vista-se, enquanto aviso minha tia que vamos sair.

Maureen sentou na cama, não dando a mínima atenção para o lençol que caía, descobrindo-lhe o corpo.

— Ela não vai ficar chateada? É sua primeira noite em casa e Marina também deve estar querendo sua companhia.

— Marina e eu passamos a tarde toda juntos. Ela já foi deitar, ainda se cansa com facilidade.

— E sua tia, vai jantar sozinha?

— Não, jantará na cozinha com Rosina e Salvatore, os empregados. Hoje é dia de passar *Dallas* na tevê, titia nem notará nossa ausência. — Ele levantou-se e se encaminhou para a porta. — Você tem meia hora para ficar pronta.

Maureen pulou da cama antes mesmo da porta se fechar e correu para o banheiro. Vinte minutos mais tarde, estava de pé, em frente à penteadeira antiga, dando os retoques finais na maquiagem. Havia escolhido um leve conjunto de saia e camisa cor-de-rosa, que usava aberto sobre uma mini-blusa turquesa. Usava sandálias de couro sem salto, pulseiras de prata e argolas de prata nas orelhas. Estava escovando o cabelo quando bateram na porta.

— Sim?

A porta foi aberta e a cabeça de Edward apareceu pela abertura.

— Pronta?

— Pronta. — Ela apanhou a bolsa e pendurou-a no ombro. Estendeu a mão para ele enquanto perguntava: — Sua tia não ficou chateada por estarmos indo jantar fora?

— De jeito nenhum. Na verdade, ficou até muito feliz por você ter se preocupado com ela, dizendo que isso é um sinal de boa educação. Na minha opinião, isso só mostra o quanto titia é ingênua, não acha?

A expressão marota de Edward não deixava dúvidas sobre a quem estava se referindo.

Maureen fingiu-se de ofendida.

— Eu sou mesmo *muito* bem-educada — disse, altiva, antes de cair na gargalhada. — Só espero que você não tenha desiludido a pobre velhinha.

— Longe de mim poluir os ouvidos de minha pobre tia com...

Maureen deu-lhe um soco no braço.

Rindo, Edward segurou-lhe o pulso antes que ela pudesse dar um segundo soco. Guiou-a pelo hall de entrada e pelo jardim ensolarado até a garagem.

— Acha que pode andar nisso com essa saia?

Isso era uma Vespa azul. Edward acomodou-se sobre o banco do veículo e olhou por sobre o ombro, convidando Maureen a imitá-lo.

Ela enrolou a saia nas pernas e subiu na garupa, comentando:

— Nunca andei de motocicleta, mas sempre tive vontade de experimentar.

— Eu não chamaria isso de motocicleta. É mais como uma lambreta. — Ligou o motor. — Está pronta?

Maureen assentiu e encostou a cabeça nas costas de Edward, abraçando-o pela cintura.

Ele deu-lhe um tapinha nas mãos, exclamando:

— Lá vamos nós. Segure-se!

A Vespa arrancou e, minutos depois, ambos desciam a estrada em direção à cidade de Pádua.

Nos primeiros minutos Maureen sentiu um pouco de medo, mas depois acostumou-se com a sensação de estar voando estrada abaixo. Podia sentir o vento nos cabelos e na roupa.

— Isso é fantástico! A que velocidade estamos? — perguntou, rindo.

— Sessenta por hora.

— Só sessenta? Pensei que estivéssemos a pelo menos cem quilômetros por hora.

Ele riu, achando graça do comentário, e as palavras de Marina voltaram à mente de Maureen: *Edward precisa de alguém que o faça rir. Deus sabe que nenhum de nós consegue fazer isso com frequência.* Bem, ela podia fazê-lo rir, constatou, satisfeita. Abraçou-o com mais força e esfregou o rosto nas costas dele. Amava-o, naquele momento, com cada fibra de seu ser.

Pouco depois, Edward levantou um braço e apontou para a direita.

— Lá. Já dá para ver? Espere até depois da curva. Agora. — Ele entrou no acostamento e parou a Vespa. Maureen podia ver uma faixa azul brilhando sob o pôr-do-sol.

— O Mediterrâneo? — arriscou ela.

— Não, o mar Adriático. Mais precisamente, o Canal de Veneza. Você estará lá daqui a dois dias, flutuando numa gôndola. Que tal lhe parece a idéia?

— Maravilhosa, desde que você também esteja lá.

— Maureen... Prefiro que você não diga essas coisas — disse Edward, tenso. — Isso me faz...

— Faz o quê?

— Me faz querer... coisas.

— Que coisas?

Ele se virou para encará-la e Maureen pôde ver que seus olhos brilhavam.

— Que coisas? — insistiu, curiosa.

— Coisas. — Ele parou indeciso por um minuto. — Você, por exemplo.

Mal Edward terminou de falar, Maureen já pôde senti-lo retrair-se.

— Bem, isso é fácil — ela declarou em tom brincalhão. — Você já me tem e terá sempre que quiser.

Edward girou o corpo para trás, segurou o rosto dela com uma das mãos e beijou-a, murmurando:

— Mais tarde.

Deu partida na Vespa, e logo começaram a descida pela estrada. Já anoitecia quando entraram em Pádua, mas as ruas de pedra estavam cheias de vida. Maureen olhava ao redor, encantada.

As casas eram geminadas. Algumas não eram pintadas e tinham uma leve coloração acinzentada. Outras eram pintadas de branco ou no mesmo tom rosado da Villa Rosa.

Velhas senhoras, vestidas de preto como tia Aída, conversavam, sentadas em frente às casas enquanto observavam as crianças brincando nas calçadas.

Os adolescentes vestiam camiseta e jeans, como os jovens do resto do mundo. Havia também homens de macacão e mulheres de vestidos estampados, retornando do mercado.

Viam-se bicicletas por todos os lados. Outras Vespas e motos inundavam as estreitas ruas com seu barulho.

— É uma linda cidade — elogiou Maureen quando Edward parou a Vespa. Desceu da garupa e observou-o usar uma corrente para prender o veículo a um poste. — Exatamente como em Nova York — comentou.

— A única diferença é que a Vespa estará aqui quando voltarmos — riu Edward.

Ele segurou-lhe a mão e conduziu-a através de uma passagem em forma de arco. Depois, observou a reação dela ao que via.

— Oh, Edward, que maravilha!

Surpresa, Maureen correu para o meio da antiga praça, provocando uma revoada de pombos.

Como pudera pensar que ela era apenas mais uma daquelas moças sofisticadas que estava cansado de conhecer? Devia ter ficado cego. Ou louco, pensou. Maureen era um retrato de sofisticação tanto quanto uma flor silvestre podia ser o retrato de uma rosa de porcelana.

— Parece o cenário de *Férias em Roma*, aquele filme com Audrey Hepburn, lembra? — comentou Maureen. — Audrey era a princesa que fugiu de casa e se apaixonou por Gregory Peck.

— Espero que isso não signifique que você também vá fugir e cortar o cabelo.

— Exato, Audrey fez isso no filme, não foi? Ei, como será que eu ficaria de cabelo bem curtinho?

— Você continuaria linda. — Edward a abraçou, murmurando: — Mas nem tente fazer uma coisa dessas. Se ousar cortar o cabelo, eu lhe darei uma surra.

— Machista!

— É melhor não me desafiar. Além disso, você gosta de mim assim mesmo.

— Um machista convencido! Deve ser o seu lado italiano.

— Provavelmente está certa — ele concordou, complacente.

Maureen riu e abraçou-o pela cintura.

— Conte-me o que sabe sobre esse lugar. Comece pelo nome.

— Você está em Pádua, Itália, no continente europeu.

— Ora, isso eu sei. Conte-me algo novo.

— Há pouco, você não sabia que estava olhando para o mar Adriático...

Ela encolheu os ombros, defendendo-se:

— Um detalhe sem importância.

— Não para um italiano. Muito bem, continuando, Pádua também é conhecida como *La Chia del Santo*, a Cidade do Santo, pois santo Antônio de Pádua está enterrado ali na basílica.

Ele apontou para uma enorme construção de estilo arquitetônico misto: gótico e românico, com tendências orientais. Na frente da basílica havia uma grande estátua de um homem montado a cavalo.

— Aquele é santo Antônio? — indagou Maureen.

— Não, é Galtamelata. E antes que você me pergunte, não faço a menos idéia de quem tenha sido esse sujeito. A estátua é famosa por causa do escultor, Donatello. Repare no quanto a escultura do cavalo é realística.

Maureen olhou para o enorme cavalo e não pôde deixar de notar a quê Edward se referia.

— Bem, não sou nenhuma especialista em arte, mas eu diria que esse cavalo é mais *realístico* que qualquer outro que eu já tenha visto.

— Acontece que esse é um cavalo italiano — Edward respondeu, fingindo-se de sério.

— Aliás, todos os italianos são mais realísticos nesse aspecto — ele completou, imitando o

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
tom dela. — Agora vamos comer, sei que você deve estar...

— Faminta — os dois falaram ao mesmo tempo.

Atravessaram a praça até uma marquise sob a qual ficava o Ristorante Al Santo. Foram imediatamente levados a uma pequena mesa para dois.

— Traga-nos uma garrafa de *Cerasuolo dei Piave* — Edward pediu, dando o nome de um vinho rose local.

— Pois não, *signor*. Gostaria de fazer o pedido agora ou mais tarde?

— Farei o pedido quando você nos trouxer o vinho, obrigado. — Edward entregou o menu a Maureen. — O que gostaria de comer?

— Não sei. — Ela olhou ao redor, para ver o que as outras pessoas estavam comendo.

— O que é aquilo? — perguntou, fazendo um gesto em direção à mesa vizinha.

— *Bisato in tecia*. — Traduzindo, enguia ao molho de tomate temperado com ervas.

— Enguia? Fala daquele bicho escorregadio com jeito de cobra?

— Exato. Quer provar? Sei que você gosta de experimentar a cozinha autêntica dos países que visita.

— Não, obrigada, hoje não — riu Maureen, lembrando-se de Londres.

— Que tal comermos vitela, então?

— Eu adoraria vitela.

O garçom voltou com o vinho, anotou o pedido do casal e lançou um olhar de apreciação a Maureen antes de afastar-se.

— Parece que ele gostaria de levá-la para casa — Edward comentou quando o garçom retirou-se. — Não que eu possa recriminá-lo por isso. Já lhe disse o quanto está bonita esta noite?

— Bonita? Depois de termos passeio de Vespa, imagino que meu cabelo esteja um horror. Talvez eu devesse ir ao toalete me pentear.

— Não, por favor. Gosto do seu cabelo despenteado. Dá a impressão de que você acabou de sair da cama. Da *minha* cama...

Maureen corou e olhou ao redor para ver se alguém estava prestando atenção na conversa. Havia vários homens observando-a, alguns com polida admiração, outros com lascívia. Ela olhou para a mão de Edward, pousada em seu braço, e corou.

— Na verdade, é isso que todos os homens aqui no restaurante estão pensando, que acabamos de sair da cama. Estão todos com inveja de mim, desejando estar no meu lugar — comentou Edward, sentiu uma pontada de ciúmes ao pronunciar essas palavras.

De repente, teve vontade de levar Maureen para casa e escondê-la de todos os olhares masculinos.

Bem, já havia começado, pensou. Nem bem admitira para si mesmo o que sentia por Maureen e já estava perdendo o controle, agindo como um homem apaixonado. Ou melhor, como um idiota.

— Edward? — Maureen ficou alarmada com a expressão dele. — O que houve?

Ele balançou a cabeça.

— Nada. Ei, você ainda não experimentou o vinho.

Ela levantou a taça e propôs um brinde.

— A nós — disse deliberadamente, encarando-o.

Maureen não desviou os olhos nem por um segundo. *Existe um nós*, repetiu para si mesma. Existe! E Edward teria de admiti-lo mais cedo ou mais tarde; não poderia continuar fingindo que estavam apenas tendo um caso passageiro.

Edward suspirou e levou a taça aos lábios.

— A nós — respondeu, finalmente, imaginando o que queria dizer com essas palavras, imaginando se Maureen se lembraria delas quando o romance entre ambos acabasse.

CAPÍTULO IX

Coberta dos pés à cabeça num caftan branco, Maureen estava reclinada numa espreguiçadeira, folheando a revista *Vogue* italiana. Edward nadava na piscina. Parecia que as atividades noturnas que a haviam deixado exausta o tinham enchido de energia. Ele já havia atravessado a piscina umas doze vezes e não dava sinais de cansaço.

Ao fazer a virada na borda da piscina, os quadris de Edward ficaram acima da superfície da água por um segundo. Tempo suficiente para deixar à mostra o menor calção de banho que Maureen já vira na vida. O maiô ficava ótimo nele, ou seria melhor dizer que ele ficava ótimo no maiô?

Maureen tinha ficado um pouco embaraçada quando ele aparecera vestido daquela forma, com medo de que *zia* Aída ou Marina a pegassem olhando para onde não devia. Mas logo relaxara. Edward não parecia consciente do efeito devastador que causava, e as outras duas mulheres nem pestanejaram ao vê-lo usando o exíguo traje de banho. Na verdade, isso

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
não era surpreendente, pois o biquíni de Marina também era minúsculo.

Maureen bocejou, observando Edward na piscina. Gotas de água brilhavam sobre os braços e ombros musculosos; o sol banhava-lhe o corpo, fazendo com que as gotículas parecessem pequenos brilhantes. Maureen fechou os olhos, vendo-o em pensamentos como o vira na noite anterior: os músculos tensionados, o corpo suado brilhando à luz da vela que iluminava o quarto enquanto faziam amor.

— A gente fica cansada só de ver Edward nadar, não é mesmo? — Marina comentou de repente.

Maureen abriu os olhos.

— Sim, é exaustivo — concordou, sorrindo para Marina por debaixo da aba do chapéu de palha que usava.

— Ainda assim — Marina apoiou um cotovelo na esteira onde estava deitada —, é bom ver alguém usando a piscina.

O sorriso da moça era tímido como se, agora que linha iniciado a conversa, não soubesse como continuá-la. Maureen tentou não deixar o papo morrer.

— Você não costuma usar a piscina, Marina?

— Só para tomar sol.

— Compreendo. Eu também prefiro tomar sol a nadar.

Marina concordou com um gesto de cabeça.

Maureen procurou algum tópico de interesse para continuar a conversa:

— Quando Edward nos apresentou, disse que você era a caçula da família. Quantos irmãos são, ao todo?

— Três. Angie trabalha no departamento de pesquisa e desenvolvimento das Indústrias Gavino.

— Talvez eu a tenha conhecido. Afinal, fui apresentada a muitas pessoas da Gavino.

— Duvido. Angie tornou-se meio anti-social desde o segundo divórcio.

— Oh, entendo. — Maureen decidiu mudar o rumo da conversação. — E você, Marina, o que faz quando não está tomando sol numa vila italiana?

— Eu estudava arte antes de... — A voz da jovem ficou trêmula e seus olhos encheram-se de lágrimas. — Antes de eu...

Maureen inclinou-se para frente, consternada.

— Marina, sinto muito, não tive a intenção de aborrecê-la. Esqueça que lhe fiz essa pergunta, por favor. Vamos conversar sobre outra coisa.

— Não, não, está tudo bem. Afinal, como Edward sempre diz, preciso aprender a conviver com isso. Eu... estava cursando a escola de arte em Nova York. Queria ser

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
ilustradora e trabalhar no departamento de publicidade da Gavino. Então conheci um rapaz, Eric, e me apaixonei por ele.

Maureen saiu da espreguiçadeira e sentou no chão ao lado da outra moça.

— Marina...

— Achei que Eric estivesse apaixonado por mim, também. Pelo menos, ele agia como se estivesse. Mudei para o apartamento dele em menos de três semanas. O apartamento era meio velho e caindo aos pedaços, mas eu o reformei com os rendimentos de um fundo que meu pai me deixou de herança. Eric não tinha um emprego regular, dizia ser um artista independente. Certo dia, cheguei em casa mais cedo e o encontrei na cama com uma garota que era nossa vizinha. E aí eu tentei me matar.

— Oh, Marina, sinto muito.

— Edward ficou maluco quando soube. — A moça olhou para a piscina, onde o irmão continuava nadando. — Foi ele quem sempre cuidou de mim e de Angie. Nosso pai morreu quando eu era pequena, e Edward teve de assumir a liderança da família.

— Eu sei — Maureen murmurou, lembrando-se do velho recorte de jornal que a mãe lhe enviara há algum tempo.

O pai de Edward cometera suicídio por causa de uma desilusão amorosa, e a filha mais nova tentara imitá-lo. A mãe e a outra irmã de Edward haviam se casado e divorciado mais de uma vez. Isso explicava muita coisa, sem dúvida.

— Eu tomei um monte de pílulas — prosseguiu Marina. — Eric não acreditou em mim, achou que eu estava blefando. Mas quando perdi a consciência, ele ficou amedrontado e chamou uma ambulância. Não sei como Edward soube disso, mas estava no hospital quando terminaram de me fazer uma lavagem estomacal. Os médicos precisaram segurá-lo para impedi-lo de estrangular Eric. — Ela olhou para Maureen, os olhos rasos d'água. — Nunca mais vi Eric.

— Oh, Marina — Maureen abraçou a moça —, eu sinto muito, muito mesmo.

Não sabia mais o que dizer; como consolar uma jovem que já passara por tantas experiências ruins?

Marina só aceitou o abraço por pouco tempo. Logo endireitou o corpo e enxugou as lágrimas.

— Está tudo bem, obrigada. Eu estou bem. Eu *vou* ficar bem — disse com firmeza. — A terapia tem me auxiliado um pouco. Mas Edward é quem tem realmente me ajudado. Só saber que ele está disponível para mim, que me ama, apesar de tudo, já me dá forças para ultrapassar essa fase ruim.

Nesse momento, Edward saía da piscina. Olhou para elas com um sorriso no rosto. O

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
sorriso desapareceu ao perceber que Marina estivera chorando e que Maureen a confortava. Pegou a toalha e enxugou o cabelo enquanto contornava a piscina para encontrá-las.

— O que essas duas belezas estão tramando? — perguntou em tom brincalhão, tentando esconder a preocupação.

— Não diga nada a Edward, por favor — Marina pediu num sussurro, antes de sair correndo e mergulhar na piscina.

Maureen levantou do chão.

— Nada. Marina estava me dando uns conselhos sobre como lidar com os homens italianos.

— Como se você precisasse de conselhos sobre o assunto — riu ele, observando a irmã sair da piscina e entrar na casa. — Poderia passar bronzeador nas minhas costas?

— Certamente, meu amor. — Maureen fez uma reverência antes de andar até a espreguiçadeira onde ele tinha deitado.

— Ei, parece que você aprendeu mesmo a lidar com os homens italianos — zombou Edward.

Ele calou-se quando Maureen começou a espalhar a loção bronzeadora sobre suas costas com movimentos lentos, circulares. Quando ela terminou, Edward virou de barriga para cima e segurou-lhe a mão.

— Maureen, Marina está bem? Existe alguma coisa que a incomoda e que eu desconheça? Alguma coisa nova?

— Eu não sou psicóloga, mas diria que sua irmã está tão bem quanto poderia estar numa situação como essa.

— Ela estava chorando.

— Um pouco. Mas Marina tem o direito de chorar, não acha? Dói muito quando um amor não dá certo.

— E nunca dá certo, claro.

— Não é sempre assim. Não quando você encontra a pessoa certa para amar.

Olharam-se por um longo minuto.

— Isso é uma garantia? — Edward perguntou suavemente, desejando poder acreditar que o amor entre um homem e uma mulher não terminava sempre em tragédia.

— Sim, é uma garantia — afirmou Maureen, solene.

Naquele momento, ele quase acreditou nisso. Droga, pensou enquanto levantava a cabeça para beijá-la, ele acreditava *mesmo*! Pelo menos naquele momento. Quando Maureen o beijava, seria capaz de acreditar em qualquer coisa.

— Edward! Maureen! — Aída os chamou do terraço. — Seus convidados chegaram.

Robbie estava em pé no terraço, um pouco distante do resto do grupo. O mau-humor do rapaz era evidente.

Oh, Deus, Maureen pensou, lá vamos nós. Observou o irmão enquanto atravessava o jardim em direção ao terraço, tentando adivinhar se aquele era um mau-humor comum ou se indicava algo mais sério. Não, concluiu, se ele tivesse roubado algo estaria corado e excitado, mas não era esse o caso. Ótimo.

— Fico satisfeito por ver que chegaram bem — Edward comentou ao chegar no terraço. — Ou será que estou enganado? — perguntou, ao notar a palidez da maquiadora. — Lulu, você me parece meio...

— Pode dizer de uma vez, estou mesmo um horror. É tudo culpa dele — Lulu acusou, apontando para Jeffrey. — Ele me jurou que o famoso licor *anissette* era mais fraco que um gim tônica.

— Eu menti — riu o cabeleireiro, oferecendo a mão para cumprimentar o anfitrião.

— Taylor, Terri — cumprimentou-os Edward, apertando-lhes a mão.

Robbie estava parado longe do grupo e Edward decidiu que chamaria muita atenção ir até ele para cumprimentá-lo. Por isso, apenas o cumprimentou com um gesto de cabeça antes de endereçar-se ao grupo todo.

— Sejam bem-vindos à Villa Rosa.

— *Si, si, benvenuti* — zia Aída endossou as palavras do sobrinho.

— Sentem-se — convidou, indicando as mesas sob os guarda-sóis.

— Devem estar com fome. A viagem é muito longa e cansativa. Almoçaremos em um minuto.

— E depois do almoço — Edward completou —, vocês podem vestir maiô e aproveitar a piscina. O que acham de termos mais um dia de folga antes de recomeçarmos a trabalhar?

— Perfeito! — Lulu exclamou.

— E agora, levem-me até a comida. — Terri brincou.

Todos se levantaram e começaram a caminhar em direção à mesa, onde o almoço acabara de ser servido.

— Robbie? — Maureen chamou ao se dar conta de que ele seguia para o lado oposto do resto do grupo.

Ela o seguiu até o baixo muro de pedra que cercava o terraço.

— Está se divertindo? — perguntou o rapaz, sarcástico.

— Sim, muito — respondeu Maureen, com toda a paciência que foi capaz de reunir.

— E você?

— Eu também. — Seu tom de voz ainda era sarcástico.

Maureen mordeu a língua e contou até dez antes de perguntar:

— Onde foram ontem à noite?

Ele encolheu os ombros.

— Fomos a um bar que Jeffrey conhecia. Depois, Lulu quis ir dançar, mas eu os deixei e saí sozinho. — Olhou de soslaio para Maureen para ver qual seria a reação dela à sua resposta.

— Ah, é mesmo? — ela perguntou receosa. — E onde você foi?

— A nenhum lugar em particular. — Ele continuava a observá-la de soslaio.

— Mas você deve ter ido a algum lugar em particular — ela especulou, tentando não parecer desconfiada.

Robbie parecia estar fazendo de tudo para deixá-la inquieta. Maureen sabia que ele queria que perguntasse se havia quebrado a promessa que fizera.

— Não, só estive passeando — declarou o rapaz, por fim.

— Passeando, Robbie?

— Não estive roubando, se é o que está querendo dizer.

— Eu não disse isso.

— Mas pensou.

Maureen suspirou. Era verdade que havia pensado aquilo. Sentiu-se culpada, mas na verdade, Robbie havia se esforçado para fazê-la pensar assim. Além disso, a atitude dele parecia muito suspeita. Resolveu, entretanto, não discutir com o irmão.

— Zia Aída é uma cozinheira maravilhosa. Vamos comer?

Robbie afastou-se do muro com relutância, mas a acompanhou.

— Está tudo bem? — Edward perguntou baixinho enquanto Maureen sentava na cadeira ao lado da dele e ajeitava o guardanapo no colo.

— Sim está tudo bem — ela respondeu sem fitá-lo nos olhos.

— Tem certeza? Você não parece bem.

Maureen encarou-o, tocada com a preocupação que Edward demonstrava.

— Não se preocupe, está tudo bem. Robbie só está...

— Só está apaixonado por você.

— Não, ele...

Edward apertou-lhe a mão.

— acredite-me, Maureen. O rapaz está apaixonado por você e está sofrendo mais que um urso de ressaca.

— Oh, não, você está enganado, Edward.

Ele sorriu, quase a deixando sem fôlego.

— Não que eu possa culpar Robbie. É difícil não se apaixonar por você.

— Edward — murmurou ela, suavemente — Eu...

— Estou doente — Robbie anunciou.

Maureen e Edward viraram-se para ver o que estava acontecendo.

— Acho que estou com enxaqueca — resmungou Robbie.

— Enxaqueca? — Maureen repetiu com ar de dúvida.

O rapaz não parecia estar doente. Parecia estar querendo explodir de raiva, isso sim.

— Enxaqueca? — Aída olhou para o sobrinho sem compreender o que estava sendo dito.

— *il mal di testa* — Edward traduziu.

— Ah, pobre garoto! É o sol quente — a velha senhora diagnosticou. — Venha, você deve descansar dentro de casa, onde está mais fresco. Eu lhe farei um gostoso *brodo*, isto é, uma sopa. — Tia olhou para o sobrinho, para certificar-se de que empregara a palavra adequada.

Edward assentiu e Aída pegou o rapaz pela mão, conduzindo-o para dentro da casa.

Maureen observou-os se afastarem. Sentia-se triste e nauseada. Edward devia estar certo, pensou, incrédula.

O último olhar que Robbie lhe lançara antes de ser levado para dentro fora cheio de ciúme. Ciúme que só um homem apaixonado conhece.

Algumas horas mais tarde, Maureen bateu suavemente na porta do quarto do irmão.

— Robbie, posso entrar?

— Vá embora, não quero falar com você.

— Robbie, por favor deixe-me entrar. Precisamos conversar.

— Deixe-me em paz!

— Não sairei daqui enquanto não falar com você. É melhor abrir essa porta agora. — Maureen já estava perdendo a paciência.

Ele abriu a porta com força e fez uma mesura irreverente.

— Seu desejo é uma ordem.

Maureen entrou no quarto e viu que a cortina estava cerrada e a cama desarrumada.

— Robbie, você está bem?

— O que importa?

— Sabe que me importa, Robbie. — Ela parecia estar falando com uma criança.

Robbie atirou-se na cama, de barriga para cima, e cobriu os olhos com o braço direito. Maureen sentou-se ao lado dele.

Ele parecia tão magoado, tão desamparado. Não tinha mais dúvidas de que estivesse apaixonado por ela. Pelo menos ele pensava que estivesse.

Mas o fato de estar sofrendo não era motivo para agir como vinha agindo nas últimas semanas, era? Não, definitivamente não. Outras pessoas lidavam com amor não correspondido sem se tornarem insuportáveis e sem roubar. De repente, lembrou-se de Marina e sentiu um aperto no coração. Será que Robbie podia tentar se matar? Não, pensou, ele não é desse tipo. Vai chorar, espernear e tornar a vida de todo mundo um inferno, mas ele não conseguiria fazer algo tão drástico.

Como deveria lidar com ele?

— Robbie, eu sinto muito. Não sei o que mais posso dizer a não ser que sinto muito.
— Ele não se mexeu e nem deu nenhuma indicação de tê-la ouvido. — Não planejei me apaixonar pelo Edward, mas aconteceu.

— Ah, então é amor... — A voz dele estava cheia de sarcasmo.

— Sim — Maureen disse com firmeza —, estou apaixonada por ele.

— E imagino que ele esteja apaixonado por você também, certo? — Ele tirou o braço dos olhos e olhou para ela.

Maureen hesitou.

— Sim.

— Ele já disse que te ama?

— Não, mas eu *sei* que Edward me ama — ela afirmou, sem olhá-lo diretamente nos olhos.

— Não me faça rir. — Robbie sentou na cama e segurou o rosto de Maureen, forçando-a a encará-lo. — Ele nunca vai dizer que a ama porque isso não é verdade. Gavino é o tipo de homem que tem dúzias de mulheres iguais a você. Dúzias! Você não significa nada para ele, é apenas um brinquedo. Sabe disso, não sabe? Você é só um objeto sexual, um brinquedinho para ele passar o tempo até voltarmos a Nova York. Quando chegarmos em casa ele se esquecerá da sua existência, você vai ser apenas mais uma na lista de conquistas de Gavino.

— É mentira, Edward jamais agiria assim! — Maureen gritou, tentando afastar-se de Robbie.

O rapaz agarrou-lhe os pulsos para impedi-la de se levantar da cama.

— A quem está tentando enganar, Maur?

— Solte-me, Robbie!

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
Ele tentou abraçá-la, mas Maureen esquivou-se, soluçando.

— Maur, desculpe-me. Não chore, por favor. Gavino não merece as suas lágrimas.
Não chore.

— Não estou chorando por causa de Edward, seu idiota! — Maureen esclareceu, exaltada. — Estou chorando por nós, por você, pelo que acabamos de perder.

— Não diga isso! — gritou o rapaz. — Nós não perdemos nada. Eu te amo, Maureen.

— Sinto muito — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

— Droga! Se não fosse por Gavino, nós...

— Não, Robbie, se não fosse por ele seria por outro homem. Nunca haverá um "nós".

— Mas eu te amo!

— Eu te amo também, mas como a um irmão.

— Mas...

— Como um irmão, Robbie, nada mais. Sinto muito.

Maureen levantou-se e deu alguns passos. Estava perto da porta quando o rapaz a chamou.

— Espere! — Robbie levantou da cama e tirou algo de dentro do bolso da calça. — É melhor levar isso.

Maureen viu, com horror, o irmão jogar sobre a cama um par de abotoaduras antigas, uma caneta Cross de ouro e uma presilha de dinheiro. Havia o desenho de uma rosa gravado em cada uma das abotoaduras, que pertenciam a Edward. A caneta era de Terri. A presilha de dinheiro tinha as iniciais JCW gravadas na face interna; só podia ser de Jeffrey.

— Oh, Robbie! Preciso falar com Edward sobre isso. Ele tem de saber disso, agora!

— Pelo amor de Deus, Maur, não! Gostaria de me ver numa cadeia italiana?

— Quem sabe? Talvez a cadeia fosse o melhor lugar para você.

Maureen estava furiosa por ele estar tentando chantageá-la.

— Você está brincando — afirmou Robbie, embora não parecesse muito seguro.

— Quer apostar?

— Você não dirá nada a ninguém.

— Vai perder a aposta, Robbie.

— Maur... Você não vai me entregar para Gavino, vai?

O rapaz parecia tão cansado, tão sofrido, que Maureen sentiu pena.

— Não, não vou. Mas essa é a ultima vez que fico de boca fechada — avisou, ameaçadora.

— Nunca mais precisará mentir para me proteger, eu juro.

— Você já jurou muitas vezes, antes.

— Mas dessa vez é verdade. Nunca mais farei nada para chateá-la, Maur.

— Vamos ver — ela murmurou enquanto pegava os objetos roubados de cima da cama.

Maureen foi para o seu próprio quarto. Queria devolver os objetos, precisava pensar numa forma de fazê-lo sem incriminar o irmão. Devolver as abotoaduras seria fácil. Tudo o que tinha a fazer era colocá-las outra vez na pequena caixa de marfim sobre a cômoda, no quarto de Edward. Não sabia como fazer para devolver os outros itens, porém. Enquanto pensava num plano, ouviu uma batida à porta.

— Maureen?

Era a voz grave de Edward.

— Só um minuto — ela pediu, surpreendendo-se com a firmeza da própria voz.

Seus olhos percorreram o quarto à procura de um lugar para esconder os objetos roubados. Rapidamente, colocou tudo dentro da bolsa que estava sobre a cômoda e jogou a bolsa debaixo da cama. Depois, amassou o travesseiro e bagunçou um pouco os lençóis para fingir que estivera dormindo.

Finalmente, abriu a porta e sorriu para ele.

— Desculpe-me pela demora. Eu estava deitada e quis pentear o cabelo antes de abrir a porta para você.

— Que bobagem, sabe que gosto mais quando está despenteada — disse Edward.

Enquanto a beijava, Edward teve a nítida impressão de que havia algo errado.

— O que houve, Maureen? Parece um pouco preocupada. A conversa com Robbie foi muito difícil?

Oh, se ao menos Edward pudesse saber de tudo!

— Está tudo bem. Conversamos longamente e acho que conseguimos nos entender. — Sentia-se péssima por estar mentindo descaradamente para o homem que amava. — Eu disse a Robbie que o amo muito, mas apenas como a um irmão, e que nunca haverá nada além de sentimentos fraternos entre nós. Ele não gostou muito, mas pelo menos agora está tudo claro entre nós.

— Isso é bom — Edward observou. — Ouça, vim convidá-la para jantar fora. Pensei em levar Marina e *zia* Aída conosco, e o resto da equipe também. Seria uma grande festa, o que acha?

— Parece ótimo — Maureen respondeu abraçando-o pela cintura.

Edward era um homem tão sensível, tão maravilhoso, não devia estar mentindo para ele, pensou. Decidiu então que lhe contaria tudo sobre Robbie quando chegassem à Nova York e o trabalho estivesse terminado. Só esperava que ele entendesse a situação.

- MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
- Robbie também está convidado para jantar — ele sussurrou-lhe ao ouvido.
 - Não creio que Robbie queira ir.
- Edward sorriu.
- Não posso dizer que ficarei chateado se ele não for.
 - Eu também não.

CAPÍTULO X

— Eles jantaram numa pequena e aconchegante *trattoria* nas montanhas, perto de Pádua. O lugar possuía uma excelente carta de vinhos, e o prato do dia dependia dos produtos que haviam sido encontrados no mercado durante manhã.

Naquele dia, explicou a dona do restaurante num inglês quase ininteligível, a entrada seria mortadela e presunto cortados em fatias finas, uma seleção de queijos, pão caseiro, azeitonas, cogumelos, berinjela e abobrinha preparadas à moda italiana. Depois seria servido risoto com queijo parmesão, salada verde com tomates frescos e peixe refogado com temperos diversos. Como sobremesa haveria *gellatti*, a versão italiana do sorvete.

Tudo parecia deliciosamente apetitoso, mas, pela primeira vez na vida, Maureen não conseguiu interessar-se pela comida.

Robbie havia decidido ir jantar com o grupo.

Ela ficara surpresa com a decisão do rapaz. Agora, estava ainda mais surpresa ao vê-lo o sorrir e ser agradável, pela primeira vez desde que tinham chegado à Europa. Tentou ficar feliz e acreditar que o irmão estivesse fazendo um esforço sincero para cumprir as promessas que fizera.

Não havia dúvida de que Robbie estava se comportando da melhor maneira possível. Conversava agradavelmente com Terri e Marina, que estavam sentadas a seu lado. Ria das piadas de Lulu e estava até sendo civilizado com Edward. Se não fosse pelo brilho estranho que via nos olhos do rapaz, Maureen teria acreditado num milagre. Mas havia muita diferença entre esse Robbie tranquilo e o rapaz bravo e infeliz que havia deixado no quarto do hotel naquela tarde. Isso a deixou inquieta.

Por outro lado, Robbie tinha prometido não fazer mais nada que a magoasse, não

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
tinha? Tentou não pensar nas inúmeras promessas que ele já fizera e quebrara. Dessa vez, o rapaz parecia realmente arrependido. Pelo menos, era o que Maureen esperava.

Robbie estava escutando atentamente o que Marina lhe contava baixinho. Nesse momento, ele percebeu que Maureen o observava e, depois de olhá-la desafiadoramente, inclinou-se para perto de Marina e pareceu ainda mais interessado no que a jovem dizia. Maureen desejou saber o que ele estava planejando.

— Fico feliz que Robbie tenha, finalmente, se conformado por você não estar disponível — Edward sussurrou ao ouvido dela. — Mas preferia que resolvesse paquerar qualquer outra pessoa que não fosse a minha irmã.

Maureen virou a cabeça para encará-lo. Era isso! Robbie estava usando Marina para deixar Maureen com ciúmes. Como não tinha pensado nisso antes?

Oh, Robbie, ela pensou, achando graça na tática adolescente dele. Como se isso fosse fazer alguma diferença!

— Marina está muito vulnerável para entrar em outra relação, especialmente com uma pessoa tão instável quanto Robbie. Talvez eu devesse convidá-la para vir sentar aqui perto de nós — Edward sugeriu.

— Oh, não se preocupe. A tática de Robbie não está funcionando.

— O quê? — Ele olhou para ela e imediatamente se esqueceu de Robbie e Marina. Maureen era tão linda que o fazia esquecer-se do mundo inteiro. Queria poder voltar logo para casa para amá-la até amanhecer. — O que não está funcionando?

— Essa tática de Romeu que Robbie resolveu usar. Olhe para sua irmã, ela só está sendo atenciosa e educada. Eles devem estar discutindo livros, cinema ou qualquer coisa assim. Coitado do Robbie.

— Por que *coitado do Robbie*? Marina parece estar bem interessada.

— Não está, não. Ela está tentando flertar com Jeffrey.

— Ora, o que a faz pensar que Marina esteja flertando com Jeffrey? — perguntou com irritação, perturbado por estar mais preocupado com os sentimentos que nutria por Maureen do que com a irmã.

— Não precisa ficar nervoso, Marina não está exatamente flertando, mas o está observando. Repare — Maureen pediu, colocando a mão sobre o braço dele.

Edward olhou, mas não para o casal do outro lado da mesa. Olhou para a mão de Maureen pousada em seu braço, notando o contraste entre a pele feminina, clara, e sua própria pele, morena e coberta de pelos. Uma onda de desejo o invadiu.

— Viu? — ela perguntou. — Marina está falando com Robbie, mas está olhando para Jeffrey. E Jeffrey também está olhando para ela. — Maureen pegou o copo de vinho com a

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
mão livre. Virou-se para Edward e ficou assustada com a expressão que viu nos olhos dele.
— O que foi? — perguntou, tensa.
— Quero você — Edward confessou.
Maureen arregalou os olhos e quase perdeu o fôlego.

Três horas mais tarde, Maureen estava sentada em frente à penteadeira em seu quarto. Edward lhe escovava os longos cabelos loiros.

O jantar parecia ter demorado horas para terminar. Depois, haviam levado uma eternidade para voltar para casa, onde Aída insistira para que tomassem café com biscoitos caseiros.

Só agora, finalmente, estavam a sós. Maureen sentia uma fome que não tinha nada a ver com as guloseimas que Aída preparara.

Quando terminou de penteá-la, Edward a carregou para a cama e deitou-se sobre ela. Amaram-se vagarosamente, uma, duas vezes, até perderem todas as inibições, todos os medos.

Maureen repelia o nome de Edward incessantemente como se fosse um hino de amor.

— Maureen, meu amor — Edward gritou então, com voz rouca, segundos antes de atingir o clímax, ofegante, suado, sentindo-se completo. — Meu doce amor...

Maureen, meu doce amor... Será que existiam palavras mais belas que estas?

— Eu te amo — Edward afirmou, levantando a cabeça para fitá-la nos olhos. — Eu te amo, Maureen — murmurou.

As emoções que sentia eram amedrontadoras, mas não tinha mais como reprimi-las. Era como se houvesse aberto uma torneira e não conseguisse mais fechá-la. Perdera todo o controle.

— Eu sei, meu amor, eu sei — ela tentou acalmá-lo. Beijou-o nas pálpebras, na ponta do nariz, na boca. — Eu sei, meu amor. Amo você também.

— Ama mesmo?

— Amo — repetiu ela mordiscando-lhe o lábio inferior. — Amo muito. De verdade. Os olhos dele brilharam de felicidade.

— Mostre-me — pediu, rolando na cama para que Maureen ficasse em cima dele. Ela riu, deliciada.

— Edward, você não vai acreditar nisso, mas eu estou faminta. Ele caiu na gargalhada.

— Acredito, sim. Já estava surpreso por você ter sobrevivido a esta noite sem

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
alimentação suficiente. Você quase não comeu nada no jantar.

Maureen mostrou-lhe a língua, num gesto maroto, e levantou da cama.

— Onde você vai? Assaltar a geladeira?

— Não. Quero pegar minha bolsa, tenho rações de emergência lá dentro.

— Rações de emergência? Como assim?

— Chocolates, biscoitos, balas, esse tipo de coisa.

Ela ajoelhou no chão e tirou a bolsa de debaixo da cama. Sentou-se na cama outra vez e começou a dar uma busca dentro da bolsa.

— Sei que tenho alguma coisa porque refiz o meu estoque quando estivemos na Harrod's, em Londres. Oh, droga! — ela exclamou, virando a bolsa sobre a cama.

Vários objetos caíram sobre o lençol. A bolsa de Maureen era quase uma mala, Edward pensou. Viu uma escova de cabelo, duas fivelas, elásticos coloridos, inúmeros tubos de batom, mapas, agenda de telefone, meia barra de chocolate, um saquinho de balas, uma carteira, recibos velhos, uma caneta de ouro, um par de abotoaduras e uma presilha de dinheiro vazia.

Maureen ficou gelada. Olhou para Edward, para ver qual seria a reação dele. Tinha a culpa estampada no rosto.

O sorriso dele sumiu.

— O que é isso? — Ele sentou na cama e estendeu a mão para as abotoaduras antes que ela conseguisse se mover. — Minhas abotoaduras? O que elas estão fazendo aqui? E essa caneta não é a da Terri? Onde a encontrou?

Maureen não conseguiu dizer uma única palavra. O que poderia dizer? Tentou desesperadamente uma forma de contar como as coisas foram parar na bolsa dela sem incriminar o Robbie. Era impossível. Ela parecia amedrontada.

— Maureen? — Edward estava confuso com a reação dela.

— Edward, não é o que parece. Não é o que está pensando. — Ela parecia completamente desamparada.

— Não? O que está acontecendo então, Maureen, pode me explicar?

Ela apenas balançou a cabeça. Edward sentiu um aperto no coração.

— Você é cleptomaníaca, ou algo do gênero? — perguntou, desejando ardentemente que não fosse verdade. — Ou é apenas uma ladrazinha comum?

Maureen arregalou os olhos. Nem nos piores pesadelos imaginara que Edward pudesse desconfiar dela.

— Eu? Claro que não!

— O que esses objetos estão fazendo na sua bolsa, então? — Ele mostrou-lhe as

abotoaduras. — E a caneta? E essa presilha de dinheiro? Vamos ver, *Para JCW, de CLB* — ele leu em voz alta. — JCW? Jeffrey? Isso é de Jeffrey?

— Não sei ao certo, mas acho que sim.

— Não sabe? Se estavam na sua bolsa, como pode não saber?

— Porque... porque...

— "Porque" o quê, Maureen? Vai tentar me convencer de que esses objetos foram parar sozinhos na sua bolsa?

— Por favor, será que poderia confiar em mim e me deixar cuidar disso?

Confiar nela? Bem que Edward gostaria de confiar. Mas como poderia, se não confiava nem em si próprio? Os Gavino, quando estavam apaixonados, eram péssimos juízes de caráter. Perdiam todo o controle, todo o bom senso, como acontecera com o pai, com Marina, com a mãe e a irmã mais velha. Mas ele não cairia na mesma armadilha.

— Não, acho que não posso — respondeu Edward, por fim. — Quero que me diga o que está acontecendo, agora! E não minta para mim, entendeu?

— Foi o Robbie — Maureen confessou, depois de hesitar um pouco.

— O quê?

— Foi o Robbie — repetiu. — Ele tem um problema emocional. Quando fica deprimido, pega coisas.

Edward fitou-a com raiva.

— Ele *rouba* coisas, é o que quer dizer.

— Mas não de propósito. Trata-se de uma doença, como alcoolismo ou abuso de drogas. Ele não tem controle sobre isso. Quando entra em crise, rouba coisas.

Edward pulou da cama e começou a pegar suas roupas, que estavam jogadas no chão. Sempre desconfiara que havia algo de errado com Robbie. Antes de contratá-lo tinha pensado em mandar investigar o rapaz, mas desistira da idéia. Desistira porque estava apaixonado pela irmã do fotógrafo. Como fora idiota! Havia deixado que os sentimentos o cegassem.

— Droga! — resmungou, enquanto vestia a calça apressadamente e se dirigia para a porta.

— Aonde você vai? O que vai fazer? — Maureen perguntou, aflita.

— Vou despedir Robbie e mandá-lo de volta para Nova York.

Ela se levantou, tentando alcançá-lo antes que chegasse à porta.

— Não pode fazer isso!

— Por que não?

— Porque Robbie precisa de apoio e compreensão, e não de alguém que o destrua. Ele

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
não é um criminoso, é doente. Precisa de ajuda.

— Já terminou? — A voz de Edward estava baixa, calma e sem qualquer emoção.

Maureen ficou ali, parada, sem saber o que dizer.

— Ótimo, eu também terminei. Terminei com você — disse ele, antes de sair do quarto e da vida de Maureen.

CAPÍTULO XI

O convite era feito de papel *vergé* verde-esmeralda. Exalava o perfume *Magia Noturna* e trazia impressa em letras prateadas a frase: "Venha conhecer *Sofisticação*, a nova linha de produtos da Cosméticos Gavino."

Maureen leu a frase pela centésima vez. A secretária de Edward mandara o convite naquela manhã, com um bilhete lembrando que um carro iria apanhá-la às quatro horas. Não havia nenhuma mensagem pessoal de Edward. Não tinha notícias dele desde a discussão na Villa Rosa, há quatro semanas.

— Não acha que deveria se aprontar, querida? — A mãe de Maureen perguntou, enquanto folheava uma revista de moda. Ela mesma já estava pronta; vestia um elegante conjunto Chanel e um par de escaupins bicolor. — O carro virá nos buscar em menos de uma hora.

O convite de Margaret Spencer para a festa de lançamento da linha *Sofisticação* havia sido entregue há mais de duas semanas, dando-lhe tempo para vir de Connecticut a Nova York, especialmente para a ocasião. Ela podia ter dúvidas quanto ao fato de os Gavino serem uma "boa família", mas não tinha nenhuma dúvida quanto à riqueza deles. Lera recentemente, numa publicação especializada em finanças, um grande artigo sobre a nova divisão de cosméticos das Indústrias Gavino. O artigo fazia também uma estimativa da fortuna pessoal de Edward Gavino.

— Maureen, você ouviu o que eu disse?

— Sim, mamãe, ouvi — respondeu, desanimada. — Não há pressa. Termina de me arrumar em um minuto.

Ela já havia se maquiado com produtos da linha *Sofisticação*, é claro. O cabelo loiro-

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
prateado fora repartido de lado e caía em suaves ondas sobre o ombro.

— Bem, mesmo assim eu gostaria que você se apressasse, querida. Sabe o quanto detesto chegar atrasada numa festa. É tão deselegante. — Margaret suspirou e virou uma página da revista. — A moda de verão está muito bonita, não é? Especialmente a coleção de Ralph Lauren. Ele nunca exagera nos detalhes, como alguns outros estilistas fazem.

— Sim, mamãe. — Maureen colocou o convite dentro do bolso do quimono azul e levantou-se. Parou atrás do sofá, hesitante. —. Alguma vez já esteve apaixonada? — perguntou impulsivamente.

Margaret Spencer virou a cabeça para olhar para a filha.

— Apaixonada?

— É, você sabe, apaixonada. Por um homem. — Maureen deu a volta e sentou-se no braço do sofá. — Esteve apaixonada por papai?

— Eu gostava de seu pai — Margaret respondeu vagarosamente enquanto mexia no colar de pérolas que usava. — Nós nos conhecíamos há muitos anos, pertencíamos ao mesmo clube, tínhamos os mesmos amigos.

— Por que se divorciaram? — Já conhecia a versão do pai, mas nunca pensara em fazer essa pergunta para a mãe. — Foi uma decisão conjunta, como ele me disse, ou foi por causa de Kate, mãe de Robbie?

— Já nem me lembro direito. Faz tanto tempo, você tinha apenas seis anos na época... — Margaret suspirou. — Não acredito que seu pai já conhecesse Kate quando nos divorciamos. Por outro lado, nunca se sabe.

— Você ficou arrasada quando ele a abandonou?

Margaret riu.

— Arrasada? Meu Deus, não! Fiquei aliviada, isso sim. Mas por que está me fazendo essas perguntas? Qual o problema, Maureen? Anda lendo dificuldades com algum homem?

— Mais ou menos...

Ela queria desabafar com a mãe, mas sentia-se insegura, pois nunca haviam trocado confidências, antes.

— Não é uma boa idéia deixar-se envolver por um homem — Margaret comentou. — Essas coisas sempre trazem complicações.

— Conheço alguém que concordaria totalmente com você — Maureen murmurou.

— O que disse, querida?

— Nada, mamãe. Esqueça. Bem, vou me vestir. Se Robbie chegar, faça-o entrar, por favor.

Margaret assentiu com um gesto de cabeça e voltou a concentrar-se na revista de

moda.

Maureen ficou parada em frente ao guarda-roupa aberto, tentando animar-se para ir à festa. Era a garota *Sofisticação*, repetiu para si mesma. Iria ser famosa e rica. Todos os homens de Nova York cairiam a seus pés.

Exceto o único homem que realmente a interessava.

Pressionou a testa contra a porta do armário.

— Oh, Edward...

Ele se afastara completamente. Não havia nem pensado em despedir-se depois de sair feito um furacão do quarto dela na Villa Rosa. Bem, não era verdade que ele havia saído do quarto feito um furacão. Maureen teria se sentido melhor se tivesse sido assim, pois seria, pelo menos, um sinal de emoção, mesmo que fosse apenas raiva. Mas ele saíra do quarto como um príncipe romano, frio, altivo, como se nem a conhecesse.

Maureen, meu amor, meu doce amor. Eu te amo. Te amo. As palavras preencheram o quarto como se Edward estivesse ali, dizendo-as naquele exato momento.

Será que aquelas eram palavras sem nenhum significado, nenhum? Alguns homens diziam essas coisas sem senti-las. Será que Edward era assim?

Não, ela disse a si mesma, ele não precisaria dizer que a amava para levá-la para cama. Eles já haviam dormido juntos antes sem que ele precisasse fingir amá-la. Edward não era o tipo de homem que mentia sobre seus sentimentos. Na verdade, se pudesse evitar, nem falaria sobre o que sentia. Não, ele realmente a amava. No entanto, será que abaixaria a guarda o suficiente para declarar-se outra vez?

Mesmo que ele não pudesse, ou não quisesse admitir que a amava, seria obrigado a admitir que precisava dela. E Maureen o amava tão desesperadamente que se contentaria com isso. Pelo menos por enquanto.

Oh, quem estava tentando enganar? Ficaria satisfeita com isso para sempre, se fosse necessário.

A campainha tocou, despertando-a dos pensamentos sombrios. Robbie chegara. Ele se mudara para outro apartamento ao voltarem da Itália. Ambos tinham concordado que não seria possível continuarem morando juntos por causa dos sentimentos dele. O rapaz havia ingressado num grupo de terapia para pessoas que cometiam pequenos furtos como sintoma de depressão e baixa auto-estima. Robbie tinha escrito um bilhete para Marina desculpando-se por ter tentado usá-la. Para surpresa de todos, recebera como resposta uma carta compreensiva e carinhosa. Ele ainda não estava bem, mas já era um começo.

Maureen pegou, dentro do armário, o conjunto que havia comprado há alguns dias especialmente para aquela ocasião.

A saia preta ficava um pouco acima do joelho e a túnica verde-esmeralda, de um tecido brilhante, amoldava-se ao corpo com perfeição. A meia-calça era preta, assim como o sapato de salto altíssimo e a pequena bolsa. Nas orelhas, usava grandes brincos de prata com esmeraldas falsas.

Passou a fragrância diurna da linha *Sofisticação*, forçou um sorriso nos lábios e abriu a porta do quarto.

— Você está linda, querida — elogiou Margaret.

— Está deslumbrante, Maur — Robbie completou.

— Obrigada. Bem, estamos todos prontos?

— O carro já estava parado na esquina quando eu subi — Robbie informou.

Maureen respirou profundamente.

— Então acho que podemos ir.

Edward certamente não parecia precisar de ninguém. Ele parecia sentir-se exatamente como na primeira vez em que se encontraram. Poderoso. Confiante. O autocontrole em pessoa.

Ele atravessou o salão assim que viu Maureen chegar com a mãe e o irmão.

— Olá, Robbie. — Cumprimentou o fotógrafo com um aperto de mão. — E essa deve ser a sra. Spencer... — Beijou a mão de Margaret, num gesto galante, dizendo: — Agora sei de quem Maureen herdou tanta beleza. Bem, vocês nos dão licença por um momento? — perguntou educadamente antes de tomar o braço de Maureen e guiá-la para o centro do salão.

Todos os olhares os acompanharam.

Edward apresentou-a com as mesmas palavras que havia usado na outra festa:

— Senhoras e senhores, gostaria de apresentar-lhes Maureen Spencer, a garota propaganda da linha *Sofisticação*.

Enquanto falava, evitava olhá-la diretamente. Assim que foi possível, ele soltou o braço de Maureen e pegou uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que passava. Alguém colocou uma taça nas mãos de Maureen.

— A uma campanha de sucesso — brindou Edward, olhando para os convidados. Levantou a taça na direção de Maureen, mas continuou evitando fitá-la de frente. — A nossa garota-propaganda, sem a qual essa campanha não teria sido possível. A nossa intrépida gerente de produção, Terri Gunnerson, e ao resto da equipe. A Robbie Lowell, o fotógrafo cujo talento transformou simples retratos de uma linda moça em verdadeiras obras de arte.

O aplauso foi longo.

— Edward, obrigada por...

Maureen tentou agradecer pelo brinde a Robbie, mas não conseguiu. De repente, os dois foram cercados por uma multidão que queria cumprimentá-los.

— Bem, Maureen, o que você achou? — perguntou um repórter.

— De quê? — Os olhos de Maureen seguiam Edward pela sala.

O repórter fez um gesto amplo com as mãos, indicando a sala toda.

— Das suas fotos.

Pela primeira vez, desde que chegara, Maureen prestou atenção na decoração da sala. Havia fotos suas em todas as paredes. Lá estava a garota *Sofisticação*, glamourosa, usando um casaco de pele, descendo de um táxi em Londres. Lá estava ela, o retrato de uma mulher bem sucedida, vestindo um conjunto azulão, na Bolsa de Valores de Nova York.

Outras fotografias a mostravam tomando café da manhã com um homem maravilhoso num hotel parisiense, passeando de gôndola em Veneza, trajando um conjunto sexy de cetim preto.

Ela inspecionou cada uma das fotos ampliadas em formato de pôster. Em algumas fotografias estava elegante e etérea, em outras, sexy e glamourosa; em outras, ainda, tinha um ar esportivo. Não sabia que era capaz de assumir tantas imagens diferentes.

— Vocês me fizeram ficar linda — comentou Maureen, a voz expressando prazer. — É como ser outra pessoa completamente diferente — Um sorriso iluminou-lhe o rosto. — Acho que é isso que chamam de falsa-propaganda.

— Isso é o que chamam de propaganda — Terri Gunnerson contestou, rindo.

— Bem, de qualquer forma, muito obrigada a todos. As fotos estão maravilhosas. — Fitou o irmão de criação, dizendo: — Robbie, elas são uma verdadeira obra de arte.

— Sim — O rapaz ainda parecia estar nas nuvens. Ele lançou um olhar para onde Edward estava, parecendo não acreditar que o patrão o havia elogiado. — As fotos são realmente maravilhosas, não são?

Robbie pareceu ficar um pouco ofendido quando todos riram do comentário, mas ao perceber que estava elogiando o próprio trabalho, corou e resmungou:

— Bem, eu disse apenas a verdade.

Maureen tomou-lhe o braço e o afastou do grupo que os rodeava, comentando:

— O *seu* talento é responsável pelo seu sucesso, e eu estou muito orgulhosa de você.

— Você foi a responsável por isso, Maur.

— Não, não fui. Você ouviu o que Edward disse. — Ambos olharam para Gavino, que estava conversando com Margaret. — Suas fotos são obras de arte.

— Não, Maur. O que eu quis dizer é que foi por sua causa que Edward não me despediu com um pontapé quando estávamos na Itália. Graças a você, estou tendo essa chance de mostrar o meu trabalho para as pessoas.

— Mas foi o seu talento que...

— Por favor, pare de bancar a irmã mais velha e deixe-me terminar de falar. Eu... Bem, acho que palavras não bastam para agradecer o que você tem feito por mim, especialmente depois de tudo que a fiz passar. Mas, de qualquer forma, dizer-lhe obrigado por tentar me fazer ter confiança em mim mesmo, por me fazer procurar ajuda.

— Robbie...

— Eu também gostaria de pedir desculpas. Venho agindo como um imbecil — afirmou o rapaz, embaraçado. — Não só com relação ao meu... problema, mas com relação a você e a Edward. Sei o que sentem um pelo outro. Soube desde o princípio. Qualquer idiota podia ver que estava fascinada por ele e ele por você.

Maureen colocou uma das mãos sobre o braço do irmão.

— Robbie, não precisa se desculpar.

— Preciso sim — afirmou ele, tomando a mão dela entre as suas. — Fiz da sua vida um inferno. Usei nosso relacionamento para forçá-la a mentir por mim.

— Ora, você não me forçou a...

— Não, não tente negar. Eu sabia exatamente o que estava fazendo quando a fiz prometer não me denunciar. Tentei forçá-la a fazer uma escolha, e quando Edward partiu da Itália daquela forma, pensei que havia vencido. Mas você tornou-se mais distante que nunca, e vi que estava sofrendo. Por algum tempo achei que merecia sofrer, pois eu também estava sofrendo. Só quando voltamos para Nova York e eu comecei a terapia foi que me dei conta do quanto estava errado. Fui muito egoísta.

Robbie fitou-a de frente, para demonstrar que estava sendo sincero, e prosseguiu:

— Finalmente percebi que você não tem culpa por eu ter me apaixonado, que não tem culpa por não me amar. Nenhum de nós escolhe por quem vai se apaixonar, não e mesmo?

— Eu te amo, Robbie — disse Maureen, suspirando. — Mas apenas como a um...

— Como a um irmão, eu sei. Talvez daqui a um ano ou dois eu possa pensar em você apenas como minha irmã, também. — O rapaz sorriu, encabulado.

— Ei, Robbie! — Terri acenava do outro lado do salão. — Venha ser fotografado!

— Estou indo! — Ele tocou de leve o rosto de Maureen. — Não faça esse ar trágico, garota, ou encherá seu lindo rosto de rugas.

— Robbie! — Terri chamou outra vez. — Venha logo, você é o novo prodígio do mundo da fotografia.

— Meus fãs me chamam. Vejo-a mais tarde, Maur. — Ele se inclinou e beijou-a delicadamente na face.

Maureen observou-o aproximar-se do grupo que o esperava. Sorrindo, Robbie respondeu a uma pergunta de um repórter de moda. Um outro homem se aproximou e o cumprimentou. O rapaz irradiava uma aura de auto-confiança.

Ele iria ficar bem, pensou Maureen. Dali a seis meses Robbie começaria a chamá-la de irmãzinha e lhe pediria conselhos outra vez.

Mas, e eu?, pensou Maureen, melancólica, enquanto observava Edward Gavino tratar de negócios com um grupo de japoneses.

Edward havia levantado uma barreira enorme a seu redor, e ela não sabia como derrubá-la. Talvez ele não a amasse, não precisasse dela. Talvez devesse ir para casa e tentar esquecê-lo.

Fez um sinal para Margaret, que estava perto da mesa do bufê.

— Estou indo embora, mamãe. Quer ir também?

— Agora? Não é um pouco cedo para a convidada de honra desaparecer? — Margaret perguntou com ar de reprovação.

— Acontece que a convidada de honra está com uma dor de cabeça infernal. De qualquer forma, você não precisa ir comigo. Pode ficar mais um pouco, se quiser. Pegarei um táxi e você fica com o carro que está a nossa disposição.

— Tudo bem, acho que vou ficar mais um pouco.

Maureen beijou a mãe no rosto.

— Ok, divirta-se. Nós nos veremos mais tarde.

Ela conseguiu sair da festa discretamente. Só Margaret e Edward notaram sua partida.

CAPÍTULO XII

Edward encontrava-se sentado no escritório vazio. Os primeiros botões da camisa estavam abertos, e o nó da gravata fora afrouxado. Pela janela aberta, ele observava a noite nova-iorquina. A festa tinha acabado há muito tempo e os últimos convidados já haviam ido

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
para uma boate da moda. O lançamento da nova coleção de cosméticos fora um sucesso. Os empresários da moda, o pessoal das agências de propaganda e os repórteres tinham ficado impressionados com os novos produtos e com a campanha. A linha *Sofisticação* seria um sucesso, sem dúvida.

Mas Edward Gavino sentia-se péssimo. Um grande bloco de gelo instalara-se no lugar onde antes ficava seu coração. Detestava admitir tal coisa, mas só havia uma pessoa no mundo capaz de derreter esse bloco de gelo.

Maureen chegara à festa pontualmente. Estava elegantíssima numa roupa verde-esmeralda e preta que fazia com que seus olhos parecessem ainda mais cinzentos, e o cabelo assumisse um tom quase prateado. Ele havia corrido ao encontro dela, quase tropeçando na patética ansiedade que o assaltara, na esperança de vê-la sorrir de alegria com o reencontro. Mas ela lhe havia dirigido um olhar gélido, distante e polido, encarando-o como se fosse alguém sem a menor importância.

Gélido, distante, polido...

Como ele próprio era. Não, corrigiu-se Edward, como ele *havia sido*. Afinal, não era mais um homem sem sentimentos. Emoções turbulentas agitavam-se agora dentro dele, como um navio ao sabor das ondas de um mar bravio.

Talvez, no fundo, a solução para o seu problema não fosse muito difícil. Era apenas uma questão de decidir o que desejava: deixar-se levar pela emoção ou não. Viver com Maureen ou sem Maureen.

Correr o risco de entregar-se ao amor ou passar o resto da vida arrependendo-se de não tê-lo feito.

A escolha era óbvia.

Maureen eslava no escuro, encolhida num canto da sala de visitas do apartamento. A janela estava aberta e, ao longe, podia-se ouvir o ruído do tráfego noturno. Ela soluçou e enxugou os olhos com as costas da mão.

Margaret já havia ido embora. Retornara da festa bem a tempo de terminar de arrumar as malas e pegar o trem noturno para Connecticut. Maureen sabia que não fora gentil, mas não se arrependia de não ter convidado a mãe a passar mais alguns dias em seu apartamento. Desse modo, não haveria ninguém por perto para dizer coisas desagradáveis enquanto ela se entupia de biscoitos e chorava, sentindo pena de si mesma.

Cometera um grave engano. Edward não precisava dela. Era óbvio que ele não precisava de ninguém. A única vez em que estivera certa sobre Edward fora naquela noite,

MIE 145.1 – Uma Mulher, Um enigma (Sophisticated Lady) Candace Schuler
na Villa Rosa. Ele era mesmo um super-homem, capaz de construir impérios financeiros em menos de uma década, capaz de ultrapassar quaisquer obstáculos em seu caminho e de destruir todos os sentimentos dentro dele.

Apesar disso, ela o amava. Ou talvez fosse exatamente *por causa disso* que o amava. Talvez fosse mesmo perversa, quem sabe?

Soluçou outra vez e mordeu outro biscoito recheado de chocolate. Nem separou as duas metades para lamber o recheio, como costumava fazer. De qualquer forma, com o nariz congestionado por causa do choro, nem seria capaz de sentir o gosto do chocolate. Colocou o resto do biscoito na boca, determinada a terminar o pacote inteiro antes de atacar a lata de sorvete.

E então a campainha locou.

— Vá embora — Maureen murmurou. — Deixe-me comer em paz.

À campainha tocou novamente.

Provavelmente era Robbie, pensou ela, vindo checar se estava ludo bem. Afundou-se no sofá, imaginando que se ficasse bem quieta o irmão acharia que ela estava dormindo e iria embora. Não estava com disposição para encará-lo e fingir que estava ótima, só para ele não se sentir culpado.

A campainha tocou outra vez. Parecia que Robbie havia se pendurado no botão e não iria embora sem obter resposta.

— Ok, ok! — Maureen colocou o pacote de biscoitos na mesinha de centro, que já estava lotada de lenços de papel úmidos. — Estou indo, Robbie, mas não vou fingir que está tudo bem comigo. — Olhou pelo olho mágico da porta, gesto automático em qualquer novaiorquino. Não era Robbie. O coração de Maureen disparou. A campainha tocou outra vez.

Ela engoliu em seco, passou os dedos pelos cabelos, ajeitou o roupão e respirou fundo antes de abrir a porta.

— Edward? — disse, segundos antes de ele apertar a campainha pela quinta vez.

Fitaram-se em silêncio por quase um minuto. Edward foi o primeiro a conseguir falar.

— Maureen, preciso conversar com você — declarou suavemente.

— Por favor.

Sem dizer nada, ela se afastou para dar-lhe passagem.

— Gostaria de beber alguma coisa? — perguntou educadamente. — Um café? Eu ia fazer um pouco para mim. Minha mãe trouxe um grão especial de Connecticut.

Maureen mal acreditava que tivesse conseguido dizer aquilo. Eslava tremendo por dentro. Por que Edward viera? Sobre o quê queria conversar?

— Não quero nada, obrigado. Eu...

Ele interrompeu-se, ansioso. Por onde começar? O que dizer a Maureen? O que fazer para demonstrar que estava pronto para correr riscos?

O que queria era abraçá-la, e não ser obrigado a usar palavras para expressar o que sentia. Será que daria certo? Encarou-a, esperançoso. Não, não daria, não com Maureen comportando-se de modo tão altivo, tão distante. Ela merecia primeiro um pedido de desculpas e algumas explicações. — Maureen, eu...

Droga! Nunca tinha sentido tanta dificuldade para falar, antes. Ela estava ali, sentada à sua frente, no sofá. Vestia um quimono azul, estava descalça, com os cabelos despenteados e olhava para ele como... Bem, não sabia como ela o olhava. Estava muito escuro na sala.

— Será que você poderia acender a luz?

— É claro. — Maureen levantou-se e ligou um pequeno abajur no canto da sala; seu rosto continuou na sombra.

— Posso me sentar?

Ela indicou o sofá e foi sentar-se no braço de uma poltrona, antes de indagar:

— Você disse que queria conversar? Sobre o quê?

Por Deus, por que Edward não dizia logo o que queria, em vez de fazer suspense? Mas ele permaneceu mudo, fitando-a como se nunca a tivesse visto antes.

Ela andou chorando, Edward pensou, fitando-a. Por causa dele ou de Robbie? Talvez por outro homem completamente diferente? No mundo da moda, quatro semanas eram tempo mais que suficiente para que ela tivesse conhecido e se apaixonado por outra pessoa... Mas não, Maureen não era desse tipo.

Ela se levantou de repente. Não aguentava mais ficar ali sentada, sendo observada daquela forma. Virou as costas para Edward e encostou-se no batente da janela, olhando para fora. Do outro lado da rua, havia um luminoso de neon azul indicando um bar da moda. O silêncio cresceu, tenso, cheio de subentendidos.

Para o diabo com isso tudo, Edward pensou ao levantar. Deixaria as ações falarem por ele. Não tinha palavras para explicar a Maureen como se sentia, não estava acostumado a usar palavras que pudessem expressar os sentimentos que carregava no peito.

Ela não se virou quando ele se aproximou, não se moveu quando ele apoiou as mãos em seus ombros. Encorajado pela aceitação de Maureen, Edward beijou-lhe os longos cabelos loiros.

O coração de Maureen se encheu de alegria. Ela fechou os olhos e tentou controlar-se para não virar e atirar-se nos braços de Edward. Era isso que tinha feito da última vez. Mas, agora, primeiro ele teria de dizer as palavras que esperava ouvir.

— Você disse que queria conversar, Edward.

— É verdade — ele murmurou. — Mas parece que não consigo me lembrar das palavras corretas para expressar o que sinto. — Ele a fez virar-se. — Só consigo pensar que já faz muito tempo que não a seguro em meus braços.

Ela permaneceu parada, cabisbaixa.

— Maureen, por favor olhe para mim.

Ela levantou a cabeça, e seus olhares se encontraram. Muito vagarosamente, como se tivesse medo de que Maureen se assustasse e fugisse, ele a puxou para junto de si e a abraçou. Ela o abraçou pela cintura e encostou a cabeça no peito dele. Edward suspirou, sentindo-se como um homem que acaba de sair da prisão onde passou dez anos. Apertou-a de encontro ao peito e ficou murmurando o nome amado. Permaneceram assim por um longo momento, apenas abraçados, deixando que toda a mágoa e a angústia que sentiam se dissipassem. Depois, Edward afastou-se um pouco, para poder olhá-la de frente.

— Faz muito tempo que não a beijo, também — comentou, com um sorriso terno.

Maureen inclinou a cabeça para trás silenciosamente, oferecendo os lábios e todo o amor que tinha para dar àquele homem. O beijo foi delicado, a princípio. Depois suas línguas se tocaram, ansiosas, saudosas, trocando doces carícias. Era como se suas almas quisessem unir-se através daquele beijo.

— Oh, Maureen, eu te amo, — Edward interrompeu o beijo para beijá-la no rosto, no queixo, nas pálpebras. — Eu te amo.

Ela foi invadida por uma onda de felicidade total, algo que nunca tinha experimentado antes.

— Eu também te amo, querido, te amo muito.

— Desculpe-me, por favor. Perdoe-me por ter agido como um idiota. Eu deveria ter compreendido você, deveria ter escutado o que queria me dizer.

— Não, eu é que deveria ter confiado em você e contado tudo desde o princípio.

— Eu estava com medo — admitiu Edward. — Estava com medo do que sentia por você. Tentei afastá-la de mim por que temia ficar como meu pai se me apaixonasse por você. Todos os Gavino, quando se apaixonam, transformam-se em homens fracos, tolos, sem auto-estima nem auto-controle.

— Não, Edward — Maureen acariciou-lhe o rosto. — O amor não o torna fraco, o torna forte. Não sei porque seu pai cometeu suicídio. Talvez por medo, desespero ou alguma noção machista sobre desonra e morte. Mas não foi por causa de amor. E certamente não foi amor que fez Marina tentar seguir o exemplo do pai. Mas foi amor, o *seu* amor, que salvou sua irmã. Marina me contou que só o fato de saber que você estava do lado dela, que a amava apesar de tudo, a fez reagir.

— Gostaria de poder acreditar nisso.

Maureen o beijou ternamente.

— Acredite, Edward, pois é a mais pura verdade. — Ela o abraçou antes de continuar.

— Nada nesse mundo pode torná-lo fraco, meu amor.

Ele riu.

— É surpreendente, mas estou me sentindo bastante fraco agora.

Maureen levantou a cabeça para encará-lo.

— É mesmo? — Pulou no colo dele, abraçando-o pelo pescoço e forçando-o a segurá-la. — Você não parece estar muito fraco. Afinal, consegue aguentar o meu peso.

Ele a fez mudar ligeiramente de posição, para poder segurá-la melhor.

— Carregue-me até o sofá — ordenou ela, enquanto mordiscava a orelha de Edward.

— Agora, sente-se.

Edward obedeceu, e o sofá de cana-da-índia rangeu, como se estivesse a ponto de desmontar.

— Não se incomode com o barulho — disse Maureen, quando ele tentou se levantar do sofá. — Concentre-se em mim.

— Será um prazer. — Edward a beijou sofregamente. — Eu te amo — repetiu, espantado consigo mesmo. — Acho que não vou conseguir parar de dizer que te amo!

Declarar-se para uma mulher não era tão difícil assim, pensou. Na realidade, sentia-se muito bem revelando suas emoções.

Maureen riu, encantada, e abraçou-o de forma que a cabeça dele ficasse encostada em seus seios.

— Sei que me ama, querido. E eu te amo, também.

— Você vai precisar ser paciente comigo.

— Paciente? Como assim?

— Eu não sou muito bom no amor.

Maureen sorriu, maliciosa.

— Eu não diria isso...

Edward a beliscou de leve.

— Fale sério.

— Mas estou falando sério. Você é muito bom no amor.

— Não estou falando de sexo.

— Nem eu. — Ela o beijou na ponta do nariz.

Ele a fitou, confuso e exasperado.

— Maureen, fale sério!

— Tudo bem! — Ela se afastou um pouco e sentou-se com as costas eretas, com as mãos no colo, como uma boa menina. — Estou falando sério, agora. Vamos, conte-me, no que exatamente você acha que não é bom?

— Não sou bom com palavras, não sou bom nessa história de dar e receber. Tenho dificuldade de me entregar a alguém. Preciso aprender a compartilhar meus sentimentos.

Maureen fez uma expressão de dúvida, forçando-o a explicar-se melhor.

— Oh, está tudo bem agora, você se encontra em meus braços e a única coisa que nos separa são algumas roupas — prosseguiu Edward, hesitante. — Mas eu provavelmente vou entrar em crise uma dúzia de vezes por semana, vou me afastar cada vez que as coisas ficarem difíceis e vou esperar que você adivinhe o que estou pensando. Quando você não adivinhar, talvez eu fique bravo. — Os olhos dele espelharam dor. — Não quero que seja assim, porém. Quero que a gente seja feliz o tempo todo.

Maureen sorriu com ternura.

— Você sabe muito mais sobre o amor do que pensa, Edward. Mas se isso o faz sentir-se melhor, prometo ensinar-lhe tudo que sei.

Ele a abraçou outra vez.

— Promete não desistir de mim, mesmo que eu volte a agir como um idiota?

— Prometo. Nunca o abandonarei, querido.

— Vai dar um desconto por causa da minha inexperiência? — Edward perguntou, brincando. — Irá me tratar com carinho e gentileza?

— Sim — ela respondeu, solene.

— Promete me amar para sempre?

Maureen assentiu com um gesto de cabeça, o coração transbordando de alegria.

— Você me dá garantia, querida?

— Cem anos de garantia, meu amor, a partir de agora...

Ela saiu do colo de Edward e, puxando-o pela mão, levou-o para o quarto.

Fim